

Commercio de São Paulo

Redactor-chefe - OLYMPIO LIMA

Redactor-secretario - ARLINDO LEAL



EDIÇÃO COMMEMORATIVA DO NATAL

O NATAL

BERÇO que appareceu em Bethlém, entre as refulgências duma estrella, como um beijo de luz a cantar na aza dum sorriso, assignala a aliança da Terra com o Céu, a aproximação do Homem do seu Criador.

Dizem uns que esse berço é uma criação da lenda, e que essa lenda tomou a rigida estrutura dos factos victoriosos, porque teve a ser vilha, desde o seu inicio, a infantilidade dos povos, a natural tendencia destes para o maravilhoso.

Dizem outros, que esse berço individualizou, mysteriosamente, no dominio espiritual, o sopro directo do Deus, — como irradiação ou expressão do Verbo, nas suas infinitas modalidades —, na consciencia do mundo pela consciencia do Homem, como que iniciando este na trajetória do seu proprio destino, até fazel-o sentir e comprehender alguma coisa de mais elevado nas vibrações da natureza que o constitue.

Não hesitamos em declarar que estamos mais com estes do que com aquelles, e, para tanto, não sentimos necessidade de duvidar da sciencia e, muito menos, da Verdade do que escapa ao tacto grosseiro dos nossos sentidos.

Boudha, Krishna e Jesus individualizam as phases evolutivas das edades na construcção do Templo, — o corpo, a alma, o es. irito, ou, por outros termos, a porta, a nave, o altar. A ascensão é lenta, não ha duvida, mas é completa. O altar é Jesus, a espiritualização no seu sentido mais amplo, como a indicação a transmutação do animal em anjo, da materia, — força — em luz, — intelligencia. Isto, que é divino, destacando-se daquillo que é humano.

Mas, não é preciso embrenhar o pensamento nessa, ao dizer de alguma, floresta cerrada de symbolos sob um céu povoado de idéas, para comprehender a santificação desse berço.

Terra a terra, não se querir a sua altissima origem.

De Bethlém, até nós, até este momento, o mundo tem passado por successivas e radicais reformas: nada tem escapado á acção destruidora do tempo, á poeira asphixiante dos seculos, — raças, povos, civilizações, costumes.

Nada, absolutamente nada, resistiu á força indomável da evolução, á violencia precipita da correnteza avassaladora dos successos, desde o



grado que revolve a terra até a espadada que revolve civilizações; desde o imperio romano, com Augusto, até a democracia com quem, talvez, não pudesse ao menos gosar da graça de lhe beijar a fimbria da tunica; desde esses imperios colossaes que fizeram o assombro do mundo até esta organização politica que permite ao modesto lenhador vestir um dia a bécia de primeiro magistrado do seu paiz.

Que espectáculo para nós, se pudéssemos ver, na luz magnetica da terra, o cliché astral desse estandarte troitar de successos que remodelaram o mundo, mudando-lhe a face sem entretanto alterar-lhe a essencia!

A recordação, entretanto, pelas vozes que ecoam nos ambitos da Historia habilita-nos a afirmar que a tudo isso, a todo esse desmembrar de coisas, de monumentos que pareciam eternos, de legislações que pareciam irrevogáveis, de grandezas que pareciam indestrutíveis, de baixas que pareciam irremediáveis, escapou o berço de Jesus, resistindo e sobrevivendo a todas as controversias de escolas, de sistemas e dos conflitos tremendos das religiões.

E escapou e sobreviveu por que? Por que os povos continuaram envolvidos nas faixas da infantilidade? Por que a tendencia para o maravilhoso, a despeito de tudo, continue a preponderar? Não. O maravilhoso despiu-se de seus encantos, a analyse anda no raciocinio mais elemental e o espirito religioso tanto mais tenso é nos intellectuaes quanto maior e mais tenso é o desenvolvimento do espirito scientifico.

A revelação entrou na demonstração positiva da origem de factos, até então havidos como miraculosos, pela ignorancia em que estávamos das suas leis, como ainda estamos dos seus principios.

E essa demonstração tem evidenciado quanto distante ainda nos achamos do conhecimento das causas primarias e finais da nossa existencia, — conhecimento que tem feito o desespero e a desmoralização de todas as escolas até aqui empenhadas em havel-o por fantasmas mais ou menos engenhosas.

Sobrevive, portanto, o berço de Jesus, com a lenda que o enfeita, com os esmaltes da realidade que o impõem á consciencia humana, porque está ao abrigo das deploráveis contingencias desta: é um sopro de Deus transmitindo-nos o amor do proprio Deus. Vivem e vivem em nossa alma, na propria essencia, da cida como o perfume na flor,



Dr. Wenceslau de Queiroz

JUIZ FEDERAL SUBSTITUTO. — CRITICO LITÉRARIO ARTISTICO DO COM-MERCIO DE SÃO PAULO

como a sonoridade no canto das aves, como a ternura na caricia dos sentimentos maternos.

Enão ha povo que se não ajoelhe diante desse berço, e não ha homem que se não sinta tocado da com movente poesia que delle se tresscala, e não ha mulher que se não emocione em face da criança que nelle se embala, como não ha familia que se não sinta sagradamente unificada nessa familia unida pela eleição da Suprema Bondade.

Pobres e ricos, pequenos e grandes, humildes e exaltados, os que sentem os affagos do lar, os que longo deste estão, acenam se deste berço neste dia e respiram nos auros mysteriosos e encantadores que o envolvem, o perfume suavissimo e balsamico da sua origem divina.

Recordações de familia, reminiscencias de infancia, musica de beijos, gratissimo evolir de suspiros, ciclar brando de queixumes cheios de saudades, desabrochar de saudades cheias de queixumes, são as estrophes que formam e reformam, compõem e recompõem, poema universal em que a humanidade canta e celebra o Natal de Jesus, — como se fosse o Natal da propria vida, como se descorresse d'elle a força empolgant

dos sentimentos affectivos que a engrandecem.

Que criação humana já teve esse atractivo, já exerceu essa influencia, já dominou com tanta pujança a violencia das paixões, a exarcebção dos instinctos, a maldade, a ignorancia, o odio? Não houve nem ha uma só, porque a todas falta esse sopro que rejuvenesce o sangue do corpo pelo rejuvenescimento impercível das emoções da alma.

E se isto se dá, se taes maravilhosos se realisam, tonificando o nosso espirito, enchendo de alegrias os nossos lares, de mais venturas os corações de nossas mães, das nossas irmãs, das nossas esposas e dos nossos filhos, que nos importa, a nós que tudo isso sentimos e experimentamos, a realidade material do facto, se a sua victoria moral sobre a nossa intimo, ductiva o illumina-o com projecções mais fortes e mais salubres do que as do sol sobre o coração da terra?

Não o criou Deus?

Creamol-o nós e está divinizado pelo que de mais bello e puro pôde sair da propria divindade, — porque é feito com o sangue inovel que anima e vitaliza as creações idêneas. Não entra nelle a materia em evolução e sim a materia intessenciada do pensamento que um poder e força para remover montanhas, a quant uns chamam Fé nós consideramos Razão da Fé.

Na mythologia vemos Jupiter tirar da cabeça de Minerva, com todos os attributos potencias dum Deus. Que significa isso senão que a nossa força para dar vida, existencia real, as imagens que saem do nosso pensamento? Quem já delimitou as fronteiras da força hi-per-phica do homem? quem já precisou a expansão, a intensidade da magnetização espiritual do homem quando deixa de ser la bête para ser l'ange?

Não insistimos sobre esse ponto.

O berço de Jesus é um beijo de Deus na face espiritualizada da terra. Não o sente o irracional, mas sente-o o homem desde que começa a galgar os degraus daquella escadale marfim por onde subiu o sonhador de Jacob.

Que desça elle, nos risos das crianças, no perfume das flores, nos raios alegres do sol, no vento que rumoreja nas frondes, no doce ciclar das folhas, sobre todos os labios e sobre todos os peitos, acordando em todos recordações jubilosas e desejos bons, são os votos do Commercio de São Paulo, que tambem o quer para os seus redactores e auctores, como benção cheia de conforto, como conforto pleno de esperanças.



HYMNO AO SOL

(As gentis meninas ROSA e MARGARIDA, dilectas filhinas do distincto literato ALVARO GUERRA) FIGURAS: ERATO, Deusa da poesia, (peplum cor de rosa); EUTERPE, Deusa da musica (peplum a u'-l'uro).
SCENARIO: Paizagem á beira mar, á luz indecisa do crepusculo matutino.

SCENA PRIMEIRA

ERATO (só)

(Tras-se a frente uma capella de myrtillo e de rosas e uma das meninas a lyrta contempla a vastidão do mar, que geme em suspiros, nostalgica e triste.)
Sublime natureza! Do azul dos céus, do fulgor das estrellas, da brisa que se agita, das aguas que murmuram e das aves que cantam vem-me a inspiração que vibra nas cordas desta lyrta. Rãsão fênix os saldos affirmo mundo que a poesia se apodera da luz, das estrellas, das montanhas e dos mares para convertel-os em idéas, em cantos, Sim, para ser poeta é necessario ser artista e fazer ressoar as cordas da lyrta como se fossem as do coração — que soffre e padeco, que soleniza e chora, que gozando vive e pensando morre.

A poesia é a cúspide da Arte: é a pulsação das escalas, desferre todas as harmonias, a architecta, esculpe, pinta, torção, canta, faz tod' o giro da criação, surripencia, por toda a esphera da vida, adoe por todas as as ancias do bello, abraça o tempo e a eternidade, perde-se — como aguilha nos ares, exte-la-se como anjos nos céos, contempla o in finito, sonda o insondável, vê o invisível, fê a Deus. O seu talismã é o genio, a sua g-aça a inspiração.

(Ouve-se ao longe, em suspiros, a serenata de Bragança.)
Que doce melodia aos meus ouvidos chegou! Não me enganou: é ella, a minha dilecta irmã.

SCENA SEGUNDA

ERATO e EUTERPE

(Coronella de rosas, peplum azul-claro, tras-nua das mãos uma pequena harpa, enlaidada de lóureas.)
Salvé, Erato.

EUTERPE

Irmã, somos desce o Parnaso, vibrante e majestosa, a lyrta do Parnaso, vibrante e majestosa, a scintella magica do genio; deu-me a harpa sonora em cujas cordas a harmonia desfructo com sentimento e alma, com delicia e prazer.

ERATO

Gemeas somos O mesmo dom possuímos, o mesmo sopro divino nos anima. Arrebatadas a alma em cada nota do teu canto, embaldas o espirito á suave cadencia do teu rhythmo e, onde quer que te fujas ouvir, agitas o sentimento, despertando gratas emoções.

EUTERPE

Na musica das tuas estrophes, irmã, ha mais poesia, ha mais lampejo, ha mais lyrismo, porque tens a virtude santa de tocar o coração, sentindo e exprimindo todas as alternativas do praser.

ERATO

A poesia, irmã, nasce d'alma. Todo o poeta é um verdadeiro psychologo, lê no intimo d'alma, estuda as paixões, analisa com rigor, attento, a variante do sentimento humano. Nas dores encontra alegria, na tristeza consolo, na mocidade esperança, na velhice um encanto. A poesia é a eterna juventude — e e canta, ora, numa cadencia bi-zarras; ora num rhythmo monotonico e triste.

ERATO

Sim, irmã. Vem do reino da harmonia, tangendo a harpa em celicos accordes e todas as almas se ajoelham ouvindo-te como deusa inspirada que és. Tens o talismã da divindade que á gloria conduz. A tua arte é uma maravilha do bello, sagra e immortalisa os que a professam com amor e carinho. No sacrario do teu templo vivem os genios de Verdi, Gounod, Meyerbeer, de Carlos Gomes, o saudoso cantor do Guarany, de todos esses sacerdotes da tua religião, que é grandiosa, infinita, como é grande e infinito o Universo.

EUTERPE

Herdeira das mesmas glorias tambem és, embora tragas, pendente do peplum que te encobre as formas divinas, qualquer das lyras de Apollo, tomadas da lilla de Jupiter — as vaporosas Musas, Dante, Petrarca, Camões são os luminares do teu céu. Cada poeta é um deus sagrado de bençãos e coroados de lóureas. Gonçalves Dias, Casimiro de Albrê, Fagundes Varela, Alvares de Azevedo, Castro Alves immortalisaram-se ao som da tua lyrta, que é poderosa e eterna, como é eterna a omnipotencia divina que em todá parte vive majestosa e soberana.

ERATO

Deixa enlazar a minha lyrta á tua harpa sonora, confundir a melodia das rimas com a harmonia dos sons, Gemeas no affecto, com identica dos capos, entremos um epico vibrante ao som da Natureza, que é o sublime artista, o mais sentimental dos poetas, esse primoroso maestro que do Nada criou o mundo, illuminando o chao com a Vida — que é o poema da humanidade.

EUTERPE

Sim, louvemos o Altissimo, que é a fonte luminosa de todo o bello e de todo o bem,

fonte purissima que nos dá o amor para o coração, a bondade para a alma, a inspiração para o espirito, o astro para o genio e o genio para a gloria.

A Aurora aproxima-se. Iris remba no auri seu escrinio multicolor fantasiando de luses e cores os montes e os vultos, os prados e as flores, as aves e os insectos. Quanta poesia na terra! Quanta poesia no céu!

(A scena pouco a pouco vai se aclarando.)
Nem hymno de harmonias purissimas, claras como o crystal, vibrantes como a luz, saudamos o Deus da Natureza...

ERATO

...Que é a eterna Poesia.

EUTERPE

...A Arte universal.

ERATO

Ao poeta divino, ao genio do azul, cuja auréola é o Sol, rutilo e flamante, cuja epopéa immortal, sublime, é todo o Universo.

EUTERPE

Saudamos o Sol na grandiosa de Deus.

ERATO

A' luz eterna enviemos o nosso hymno de amor. Ell-a que surge, como uma hostia de ouro, por entre o azul da immensidade.

EUTERPE

Salvé!

(O Sol radiante ergue-se no azul, illuminando as agulhas e dourando o prado. O dia explode de luzes, eis, acordando os avos que gozaram no espaço e as flores que despertam banhando-se em perfumes. Ouve-se ao longe, unânime, o Hymno ao Sol da TRIS, de Mascagni.)

(Cora intera)

Son lo! Son lo! la Vita
Son la beltá infinita
La luce ed il calor!

Amate, ó coae, dico
Son il Dio novo e antico
Son l'Amor!

Per me gli angeli han cant,
I fior profumi e incanti,
L'albe il color de rose
E palpita le cose.

Ne' raggi miei fulgenti
L'anime pastore
Ritemplano le Genti

Son lo, l'eterno incanto,
Io che rasciungo il piante
E acchetto ogni dolor,
Che legge d'Equalanza,
Dono la Gran Speranza
Che aviva tutti i cor.

Dei Mondi lo la Cagione
Dei Cieli lo la Ragione,
Uguale lo accendo ai Re
Uguale a t' Moudi!

Pietà é l'essenza mia,
Eterna Poesia,
Cal, e, Luce, Amor!

ERATO e EUTERPE

(Enlaidadas como irmãs, que são, caminham para o fundo, barchelas pela luz purissima que os do céu.)

ERATO

Salvé, Aurora divina!

EUTERPE

Salvé, eterna Poesia!

CERRA-SE O VELARIO.

Artista Local



A DIREITA E À ESQUERDA, OS FUNDADORES DO «ABRIGO SANTA MARIA», AO CENTRO, OS AUXILIARES DA DIRECÇÃO

drangular, atada em cruz por estreita fitinha azul.

Na tampa, em caracteres femininos, já desbotados pelo tempo, lia-se:

«18 de Março de 1876»

II

Aguça-se a curiosidade dos circunstantes.

Que encerraria a caixinha mysteriosa, — tantos annos ali guardada, num recêso obscuro da gaveta? Que extrayante surpresa conteria?

III

A mãe, com semblante cada vez mais triste, abre o curioso receptáculo, e delle vae tirando:

Uma camisinha de chita amarello, com grandes pintas azues, redondas;

Um lenço de finissima cambrain, todo manchado de rôxo;

Duas pequenas fitas de seda, muito brancas;

Uma chavinha de prata, sem brilho, já embaçada pelo tempo.

IV

— Faz quasi vinte annos que guardo isto!... — repete a infeliz coihora, em cujos olhos magnados, crystallinamente azues, se espelha indiscreta lagrima.

E, com certa ingenuidade, prosegue:

— Vocês, quando eu morrer, hão de pôr isto no meu caixão — ouviram? — debaixo da almofada em que, pela ultima vez, tenha eu de deitar a cabeça. Lá, no outro mundo, quero mostrar a meu filho que, nesta vida, tão cheia de sofrimentos, não passa um unico dia sem que eu delle me recorde com saudade.

E desata a chorar torrentosamente.

V

Aberta a valvula do coração, por onde o pranto, em bagas, lhe corra para o rosto, o seio agitado, convulso, tumultuoso, deixa de arfar com ruido, — bem que repuxado ainda, de longe em longe, por fundos e lacerantes soluços.

Amainara a tempestade que, de subito, se lhe desencadeara n'alma, enquanto a fôr a Natureza — ditosa mãe! — sorria por toda parte: — pelas serras, pelas matas, pelas varzeas viridentes...

Ironia atroz!

VI

Reconquistada a serenidade, refere a mãe, por miúdo, toda a pungente historia das suas reliquias.

Era aquella a camisinha que elle, o seu Alfredo, mais queria. E, se lhe indagavam por que, o pequenino invariavelmente explicava:

— E' porque é da cor dos cabellos e dos olhos de mamãe.

No dia em que morreu, elle pedira que lhe a vestissem; mas ali poucos momentos depois vinham-lhe os vomitos negros, e... — como escórias de um tinteiro exaustão —

derramavam-se-lhe pelo peito, maculando-lhe a veste predilecta.

Com que tristeza, então, olhando tão feias manchas, o pequeno moribundo exclamou para a mãe: — «Sujei minha camisinha bonita!...»

O lenço de cambrain, enodado de rôxo, era o mesmo que, embetido em vinagre, lhe haviam applicado ás faces, quando, já cadaver, lhe assomavam manchas violáceas pelo rosto, — ultimos vestigios da febre que o matára.

As duas fitinhas de seda, brancas, muito brancas, eram as meenhas com que ella, a dorida mãe, lhe amarrara os pés e as mãos, depois de o terem vestido para a viagem eterna.

A pequena chave de prata, desluzida pelos annos, era a mesma que fechara o anjo loiro, para sempre, no funereo barco que o devêra reconduzir ao porto da Eternidade!

Narrada a historia das suas reliquias, a infeliz senhora guardou-as, uma a uma, na mesma caixinha mysteriosa e, de novo, debulhada em lagrimas, foi levá-las ao esconderijo, onde — havia — já dezenove annos! — com tanto amor as guardava.

Deus modelou em ouro o coração das mães. Fez delle um relicário santo, em que a Saudade — carinhoso bulhador! — insculpe, a traços inapagaveis, a imagem meiga dos filhos que se foram.

Alvaro Guerra.

Conto do Natal

Não foi sem motivos que o bom Carlito não quiz deitar-se naquella noite.

As noites do Natal sempre lhe entraram pela imaginação como um punhal de doctores fantasticos, em que os bons espiritos mancos e doentes do céu baixavam lá daquelle effluvio flutuante que as estrellas preendem como alfinetes de prata, baixavam a conversar na terra, com os loiros pequeninos que têm a estatura e o semblante do Menino Jesus.

Contavam-lhe tão lindas coisas dos meninos do céu, as ethereas criancinhas aladas que vão pelo espaço adiante, adiante, leves como plumas, leves como flocos de neve de nuvens...

Carlito quizera vê-las... tocar-lhes o corpo com o dedinho irreverente e curioso, apertar-lhes a planta polpuda e delicada dos pés, pedir-lhes, depois, aquelles brinquedos que elles dão pelo Natal aos bons companheiros da terra.

No anno passado, bem tentára espantar pelos anjos. E os anjos tinham vindo e lhe haviam deposto a cabeceira um grande Polichinello, de robusta corcova e pontudo ventre, nariz adunco e afogado, olhar, embrilhante e feroz, chapéo de bicos enormes, espalmado para cima, audaz, napoleónico!

Tinham vindo e Carlito se perdera; soffrera a mais vergonhosa derrota, batido pelo sonho!

Os maiores desgostos de sua vida era a esse inimigo que elle os devia... Naquella noite, porém, jurára vencer o demonio do sonho!

Haviam-lhe dado, de presente, uma bella arvore do Natal, muito verde, habitada por uma legião de fantasmas que lhe fulgiam por entre as ramas, como um enxame de lumbrante

Depois de haver, por momentos,



A DOMADORA RENÊ, NA JANELA DOS LEÕES

de passarinhos de ouro, ou desabrochavam nos galhos, como incomparáveis corymbos de maravilhosas flores.

Deviam ser assim os brinquedos distribuidos pelos nocturnos mensageiros do Natal.

Os elephantes, pendurados aos galhos pelo lombo, os molinhos de vento, os pastores balançando a beira das janellas, os boisinhos, as estrellas de papel, os bonecos, os soldados amarrados pelo pennacho das barretas

nas, todo o mundo parecia um mundo imaginário, a viver, vida sui generis no bosque suspensa.

Além dos brinquedos, havia doces, pressos por lacinhas de fita... Um paraíso!

Tres amigos de Carlito, da mesma idade, ajudavam-no a fazer a corte a prodigiosos arvores.

Quando escurou, trouxeram os pacotes de velas, as pequeninas velas de cera, de todas as cores, que deviam illuminar a arvore do Natal.

Carlito pediu que diminuíssem a luz do gaz. A claridade do grande lustre da sala de jantar estorceceu e entrou na sala a mais sombria das bellissimas noites de luar que reinava sobre os grammados do jardim.

Esplendida! Carlito suppunha-se em plena florista!

Os armarios, ao escuro, apresentavam pontas brancas e angulos, que pareciam asperos de rochas, as trepadeiras que se agarravam ao peito-das-janellas pareciam passar sob as vidraças e subia a enroscar-se nas volutas do estuque do tecto.

A luz amarelada do gaz derramava-se, cobria-se pela grande mesa de jantar, clareando o punho da cobertura, como um crepusculo extranho sobre a superficie sem reflexos de um lago fantástico.

Dentro desta súa pazagem, achava-se perfeitamente a arvore do Natal; direia que se estivesse rodeada na Adornada pelas maravilhosas coisas que lhe brilhavam confusamente no escuro dos galhos, dominava, soberana, todas as exuberancias de vegetação da floresta circunvizinha!

Accenderam-se as velas...

Carlito foi á sala de visitas chamar gente, para admirar o effeito da arvore illuminada.

Volto desappareceu.

Ninguém quizera dar ouvido ao seu entusiasmo!

Depois de haver, por momentos,

parecia escorrer pelas corinas, pendentes em bambolina da verga das portas; dos angulos mais sombrios das paredes e do tecto dos armarios, projectavam-se, alongavam-se para fora du-bias figuras, que faziam medo na sala vasta...

Os companheiros de Carlito tinham ido brincar em outro lugar ou dormir talvez. A arvore do Natal, abandonada, parecia olhar pela chamma das velinhas, como por muitos olhos injectos de sangue, arrebolados, á

jardim. Era o doutor... Carlito achou aquillo tudo enfadonho, tão triste...

Perguntaram-lhe se elle não tinha sono...

O menino respondeu com um longo bocejo.

Principiava a sentir, pesando-lhe sobre os olhos, toda aquella dormencia que reinava em casa, na sombra dos armarios, nas dobras das cortinas, que a brisa nocturna fazia cecillar

Unicamente na luz parada do gaz, nos pingentes immoveis a cahirem das arandelas como dragões de crystal, naquella mortua luz que, de espaço a espaço, junto das janellas, abria-se em alvissimos tapetes pelo soalho...

Dois dedos de chumbo começavam, com insistencia, a apertar-lhe as pupilas.

Eram os dedos do demonio do sono, que persegue os meninos.

Depois, fazia frio. Pelas janellas abertas penetravam lufadas gelidas, que vinham como halito mortifero dos fantasmas acocorados lá fóra, sob o arvoredo negro, embaalhados em lençoes brancos flutuantes...

Carlito procurava, no escuro, o bando risonho dos anjinhos do Natal.

O céu deserto!... Apenas, nas estrellas veladas pela gaze do luar, que lhes passava por baixo, cravavam todas sobre o menino aquelle olhar tremulo que elle não comprehendia e que parecia ameaçá-lo como a luz das velas da arvore...

Na terra, alternando com os perfis do negro arvoredo, vinha a lua a forrar de neve os telhados e o chão, uma neve tenuissima, phosphorescente, que respirava exaladas artes...

Dentro em pouco, porém, começou a notar que vagas imagens se desenhavam sobre a tela do céu, destacavam-se, depois descolocavam-se e vinham para elle, em cortejo, animadas!

Era o elephante da sua arvore, eram os mesmos pastores, eram os mesmos passaros!

Vinham todos para elle e vinham também os preciosos anjinhos, a turba-mulda ruidosa e inquieta das erigunhas do céu. Estas enxotavam do espaço para a terra toda a legião de fantasmas que elle deixara pendentes da frondosa ramagem da sua arvore.

Eram os anjos de Natal que desciam...

Quando se extinguiu esta bella visão, Carlito verificou que adormecera e que o haviam carregado para o leito, sem que elle sentisse...

Era já dia. Brilhante claridade de sol agitava as venezianas da alcova e vivos reflexos passavam por entre as taboalhas, dispersavam-se pelo aposento, afugentando as tenebras somnias...

Carlito não ponde resistir á luz; fechou os olhos...

Quando os abriu de novo, estavam diante delle muitas pessoas: as tias, que haviam chegado para o Natal, a vizinha que frequentava muito a casa, os creados...

Um rumor extraordinario de alegria debruçavam-se-lhe sobre o leito.

Carlito, atordado, não percebia aquillo...

Oh! traziam-lhe a beija do maninho que nascera durante a noite!

O menino pulou da cama. Cobriu de beijos a carinha pasmada que lhe apresentavam, quasi invisivel no meio das facias... Pobresinho. Era o unico que haviam agarrado, do bando de anjos que o visitára a noite.

O unico!

Terna, fragilissima, não pudera, pobre creaturinha do luar! fugir com

os outros, quando chegara a via-cia da aurora!

E, por cumulo de má-fé, haviam-lhe em casa arrancado as pequeninas azas!

Como havia a mamãe consentido?

Carlito bem quizera tomar-lhe contas: mas lembrava-se de que ella estava doente...

Não podia culpá-la.

Tambem, agora, só restava ao anjo desgarrado a consolação do seu amor...

E Carlito avaliava já como não amaria o delicioso maninho, que lhe viera do céu, durante a noite do Natal, exactamente como o presente do anno passado, lembram-se? — o feroz Polichinello de olhar embrilhante e nariz adunco...

Raul Pompili.

NATAL

«Tu, Bethlehem d'Esphraim, de ti se saíste. Aquelle que se diz dominador em Israel: Elle se mantiver e fará apascentar na floresta de Jehovah».

(Miquias, V. 1 e 2)

SSIM, cumprindo a prophécia, em uma pequena aldeia da Judea, nascia o Salvador e Redemptor do mundo.

Centenas de annos antes desse grande acontecimento, os Prophetas, inspirados pelo espirito de Jehovah, proclamavam a vinda do Messias entre os judeus.

Milhares de annos antes desses Prophetas israelitas, todas as Lendas, Fabulas e Mythologias dos povos antigos annunciavam — que Deus viria habitar, corporalmente, entre os homens.

No Oriente, os livros canonicos ou sagrados dos Chins, falam da «graduação primitiva dos homens», o dizem mais que uma Virgem dará á luz o SANTO DOS SANTOS, no Occidente da China.

Na Irlanda, encontramos tambem a historia do Redemptor, que igualmente, nasceria de uma Virgem.

Portanto, o maior acontecimento da historia da humanidade é, sem duvida alguma, o que hoje se celebra no mundo christão, isto é: a vinda de Jehovah entre os homens, sua manifestação na carne ou sua incarnação, com o nome de Jesus Christo, o Messias annuciado.

Eis aqui por que esse grandioso facto é o objecto constante da Biblia no Antigo Testamento, que não trata, por assim dizer, de outra coisa. E é por isso tambem que a NOVA JERUSALEM considera a NOVA JERUSALEM como Deus Unico.

Se quizermos remontar ainda mais longe, á época de prophécias identicas ás já citadas, diremos que, na Biblia anterior a Moysés, conhecida sob o nome de Enunciados Propheticos, quanto á parte prophetica, o Guerras de Jehovah, quanto á parte historica se encontram diversas annunciacões que tratam claramente da futura incarnação de Jehovah, Deus dos Exercitos, no seio de uma Virgem, e até se relatam as circunstancias mais salientes desse grande acontecimento.



GRUPO DE INTERNADAS DO «ABRIGO SANTA MARIA»; À DIREITA, O FUNDADOR DO ESTABELECIMENTO, DR. GERALD PIERCE



GRUPO GERAL DAS CRIANÇAS INTERNADAS NO «ABRIGO SANTA MARIA»

de uma cidade procurava outras. Des de muitos annos percorria o mundo, passando de um lugar a outro, como se tentasse fugir de si proprio.

Desde muitos annos elle vinha a Veneza, pontualmente, cada primavera.

De que drama poderia M. Lorgeil ter sido o heroe tragico?

Uma tarde passeavam na praça de S. Marco.

Após um dia quente, fazia uma viragem agradável, o silencio e o isolamento nos rodeavam; a lua envolvia-nos numa gaze tenue; as coisas tomavam apparencias de sonho; as cupulas e fachadas dos Procuraties pareciam animar-se com personagens vivos e mysteriosos. M. Lorgeil e eu fumavamos charutos, ouvindo a cadencia de nossos passos sobre a calçada. Antes da praça ficava completamente vazia, eu tinha sentido uma familia que passava. M. Lorgeil percebera o sorriso, quasi imperceptivel, que eu tinha enviado á moça. Abandonava-me ao curso de meus pensamentos, quando M. Lorgeil a mim se dirigiu quasi bruscamente.

—Então, eil-o todo pensativo, meu caro senhor!

E palestrava comigo, discretamente, com interesse todo paternal.

Senti, nesse instante, que tínhamos necessidade um do outro, de nos fazermos confidencias, que nos deriamos faze-las, que ellas nos fariam bem, a um e outro. Confessava-me, com toda a simplicidade a M. Lorgeil.

Os venezianos que saíam, eu os havia encontrado muitas vezes em casa de um amigo; perturbava-me a moça com a sua belleza, seu genio, sua graça; e ella dedicava-me uma sympathia realmente preciosa.

Quanto me pesava ter de deixar, dentro em pouco, Veneza, privar meus olhos desta cidade magica e meu coração das caricias tão suaves que sobre elle derramava esta joven veneziana, cujo olhar accendia em mim as alegrias do amor!

—Eu o comprehendo, disse M. Lorgeil; mas talvez lhe conviesse mais partir o mais breve possivel.

E, animado-se de repente:

—Veja: o sr. não pode calcular a tolice destes burguezes de Veneza. Elles acreditam ainda viver no tempo dos doges; não duvidam mesmo que tenham a secreta esperanza de virem a ser doges um dia! Para elles, todo o estrangeiro é um aventureiro. Desconfiam de nós: a extrema delicadeza delles não é senão superficial. Se tem filhas, é para guardalas, ou não dallas senão aos seus. O romance, que começa, só pode ter um epilogo desgraçado, senão tragico.

Devo confessar que esta linguagem de M. Lorgeil impressionou-me pela vivacidade e imprevisito.

Procuerei debalde uma replica conveniente.

Meu companheiro percebeu meu embaraço.

—Quebro-lhe o encanto, não é verdade? Faça mal em desfolhar as suas illusões, principalmente se o sr. é daquelles que amam o soffrimento, com elle gosam, com elle se deliciam, preferindo a uma vida tranquilla e incolor. Saia desses eu! Tenho necessidade da dor, que é o meu elemento. Minha vida foi atroz, com certeza, e parece-me que, se eu tivesse de recompar-la, fallaria tal qual ella foi.

Eu ia dar-lhe um conselho. Talvez seja melhor calar-me, deixando que o sr. vá ao seu destino...

—Por que não ha de o sr. dar-me esse conselho? Provar-me-o, em todo o caso, a sua sympathia e eu selhe a reconhecerei...

—Então, não leve por diante sua aventura: acontecer-lhe-á a mesma desgraça que a mim. Um dia, vim aqui como o sr., simples *touriste*, dilecto

Lançou-se em meus braços. Não pronunciara uma só palavra e nenhuma encontrara eu para dizer.

Era eu por ventura a presa de um singular accesso de loucura?

Foi Isabella quem quebrou o silencio:

—Não me interrogues disse ella. Sabe somente que, ja que nos vamos separar para sempre, protestei entre garte toda minha alma num supremo beijo. O instante, que vivemos nesta hora, vale por uma vida inteira. Pouco me importa, depois disto, viver ou morrer. Quanto a ti, desejo que vivas, para eu poder contar-te minha lembrança.

E, antes que eu tivesse tempo de comprehender o sentido dessa linguagem, Isabella envenenou-se a meus olhos!

Esta narrativa deu-me um tremor convulsivo.

Encarei M. Lorgeil: elle se esforçava por aparentar calma: nunca, porém, vi physionomia tão dolorosa!

Depois de certo silencio, meu companheiro accrescentou: Este drama é remoto, ja; cada dia, entretanto, e muitas vezes por dia, eu o vivo com a mesma intensidade.

Ama-o, agrada-me apesar de todo o seu horror!

Abandonei Veneza na manhã seguinte. E agora não posso ver rosas, sem pensar com singular tristeza, naquellas que o fiel e piedoso M. Lorgeil ia levar, cada manhã, á sua ex-quisita e encantadora Isabella.

João Luella.



LORENA—REBOCADOR DAS BARCAÇAS DO ENCHENTE CENTRAL.

Culto da Bandeira Nacional!

(DISCURSO PROFERIDO A 19 DE NOVEMBRO PASSADO (*) NA ESCOLA NORMAL PELO PROFESSORANDO THEODORO A. RODRIGUES DE MORAES)

Exmo. sr. inspector das escolas annexas á Normal;
Exma. sra. professora;
Exmas. sras. collegas;
Presados condiscipulos.

AUSPICIOSO, verdadeiramente enaltecido, o culto da Bandeira Nacional congrega-nos neste instante—mestres e alumnos—na mais legítima e pura das confraternizações, aproximados pela

de nossa nacionalidade; virá congregar-nos, afinal, em redor do symbolo sagrado da Patria, onde devemos ver, promptos a acudir, clamando como um clarim no forte ao pelexa, um apello sempre constante ao dever e á honra de cada um de nós!

Semeteira farta de civismo, o culto á nossa bandeira acordará dentro de nós impressões de amor e respeito.

Amor e respeito pelo morgado de nossos maiores—a tradição, o idioma, as costumes, os factos da sua gloriosa historia;—amor e respeito ao cumprimento de nossos deveres sociais, inspirando-nos com perseverante vontade na sublime grandeza dos principios de altrismo e justiça.

Destarte espargiremos no coração mancheiras de generosas virtudes, arrastados de blanda eia, aurores de luz, penetrando-lhe os recessos com a alacridade d'uma gorçela revoadá pelos campos rebrilhantes do sol!

Trabalando este caminho, sem jamais perder de vista a luminosa e enlambora da almejava de um ideal q' alqueir—que nos embobreira diante de nossa consciencia—ideal servido por uma vontade disciplinada,—sempre alerta,—cortando cerec todas as tibiezas, todas as pusilanimidades, todas as capitulações deprimidas,—tillando este caminho sem descurar o aprendizado, o traquejo, o habito dos pensamentos nobres—terenos alcançados, meus collegas, o germinal, a ultra expansão dessa radiante idea—á idea de Patria!

A utilidade de sua comprehensão produzirá a opulenta florescencia dos sentimentos,—que enfeccionam o ciúzelan os caracteres, dando-lhes enlambora, tempera e energia.

Talvez, numa das admiráveis paginas de sua *Educação da vontade*, (1) diz que a idea é para os sen-

(1) *Dez. 1.º—Educação da vontade*, pg. 31.



LORENA—MATEIRO MUNICIPAL, TOMADO PELA ENCHENTE DO RIO PARAHYBA

conceia de nossa terra, accentuando, infundendo, em nossos espiritos—frangueados em todas emoções sympathicas—a idea exacta e positiva

timentos o que é a imantação para as innumeras correntes da barra de ferro;—dirige-se no mesmo sentido, destróe os conflitos e do que não era mais que um montão incoherente, forma uma corrente disciplinada, de força centupla.

Recebida, engastada no cerebro esta idea, deve começar para o seu desenvolvimento o trabalho affectivo do coração, que lhe dá o colorido, a plenitude, a seiva necessaria á sua existencia.

O advento de uma idea, os reve Michelet (2), não é tanto a primeira applicação de sua formulação como a sua definitiva incubação;—quando recebida no forte calor de um affecto ella deslancha fecundada pelo poder do coração.

Praticando com criterio o ensino civico em nossas escolas, levantaremos a antomural, a salvaguarda de nossa integridade.

Neste nosso trabalho irá toda uma obra effiz de civismo, que calará fundo, expandindo fortes raizes, no animo dos moços, dos que marcham, altaneiros, em rumo do futuro e para os quaes convergem da Patria todas as esperanças!

A proclamação da Republica, garantindo a vigencia de todas as creanças religiosas, quebrando as cainças que prendiam o Estado a dogma, veiou crar—mais do que nunca—á necessidade de um culto, de um ideal commun, que, congradando a todos no mesmo sentir, conserve illisa a unidade, a soberania nacional.

Qual o elemento assegurador de a unidade? onde o grando mais proprio á solidéz da pedestal de nossa soberania de povo livre, de nação independente?

Guizot, estudando o caracter particular do século 14.º, em seus capitulos (3) de sua *Historia da civilização europea*, mostra que o insuccesso de todas as grandes tentativas de organização politica da Europa fora devido á tendencia constante de seus elementos á separação, ao isolamento, a uma existencia toda local. O século 15.º, que é o inicio da vida moderna, assignalase pela conquista desse desideratum, atingido pelo apparecimento dos *interessa e das idéas gerais*, com a contribuição que trouxeram para o exodo daquelle espirito de especialidade, de localismo, eia-ação e reunindo juntos os espiritos e as existencias, criando o alim o que até aquella época não existia: povos e governos.

Descreve o eminente philosopho os prohemios da nacionalidade franceza, analysando o primeiro quartel do século 14.º e o ultimo do século 15.º—isto é, o agitado cyclo das grandes guerras nacionaes, dos reñidos combates contra a Inglaterra.

E é a época em que irrompe a luta pela independencia do terri-

(2) Michelet—*Les feminas de la révolution*, pg. 321.

(3) Guizot—*Historia da civilização da Europa*, pg. 100.

torio e do nome francez contra uma dominação estrangeira,—luta que faz brotar na alma do das as classes—na nobreza e na



LORENA—MATEIRO MUNICIPAL.

plebe—o patriotismo, o espirito nacional, cimentando o pelo esforço commun, vinculando-o pela solidariedade deante do perigo, que então se manifestou numa vibração unisona, forte e intensa.

E' toda a nação que se ergue em bloco para a defesa do solo da Patria. Pela primeira vez esse movimento toma um aspecto verdadeiramente popular, comprovado pelo apparecimento dessa admirável figura de heroína, dessa humilde e simples campona, que deixa de pastorejar os rebanhos pelas campinas agrestes da Lorena, para envolver a panoplia de guerreira.

Jonhna d'Arc, —a emissaria do povo—synthesista, nesse momento historico,—os sentimentos, as creanças, as paixões da multidão anónima, que, despertada de uma lethargia secular, reage saudada por uma corrente de brio nacional e se torna potente pela união dos dois invisíveis, que prendem, confundem, entrelaçam fraternamente os fillos de uma mesma terra—desfeitos de amores e reciprocas sympathias que formam a nacionalidade—cavida, alliança de almas palpitando por um mesmo ideal!

Caracterizando a vitalidade dos povos livres são, pois, as idéas communis a *almantando* de sua existencia e independencia.

E—dessa idéas—qual a que offerece mais attractivos, mais nobres estímulos?—qual a que accipilla melhor o caracter do homem, tornando-o não somente responsável pela segurança de seu destino individual, mas pelo de toda uma collectividade?

Certo, a idea de Patria.

Ilumina e relevanta corações; desbasta e burlla caracteres; prepara grandes dedicações e projecta—nas consciencias—raios de luz, gravando-lhes em chapas de ouro o evangelho do homem digno, do homem do bem—honra e dever!

A idea de patria, o patriotismo, na sua accepção exacta, acm que

lle conturbem a pureza crystallina laivos e rancores da demagogia truculenta, a idea de patria não é infensa, não é antagonica a sentimento algum deado que elle seja nobre e honesto.

Na phrase de Julio Simon (4) —*tous les bons sentiments s'allument ou même s'extinguent*.

Somente os espiritos inclinados ao paradoxo, ultralidos pela sorridente miragem da paz universal—engodo, lucubrio de que as grandes potencias se utilizam para absorção dos povos desaperecidos de fortes esquadras e exercitos—sonniente a casa eterna sonhadores, a essas espiritos, onde fluctua a nevoa de desorrido *mysticismo philantropico*, ergue-se a idea de patria como o willhafe negro, o Attila brutal da humanidade.

O patriotismo, que é a melhor escola da honra e do dever, não estabelece conflito com os sentimentos de altruismo—offerecendo ao coração do homem o almo cibat das mais generosas virtudes, a perfeição-lhe, sim, todas as faculdades, affeioando-o ás relações de paz e concordia.

E, respeito a este assumpto, escreve (5) Gustavo Le Bon, com a quella percucencia de psychologo, que—nada é mais funesto ao futuro de um paz do que as arengas de alguns philantropos da vista

moravel cidade. Acreditavam os tenores que o prestigio de sua nação dimanava daquella preciosa reliquia.

Os cartliagezes possiam o *zamp*, o mysterioso manto mardado de pedrarias, que revestia Ta nit,—a deusa dilecta do Cartliage Flaubert, numa das paginas da cinzeladas de sua immortal *Salammbô*, assim nobo descreve:

... Cella passait com un manteau sous le visage. L'idole, et, remontant étale le mar, s'accrochait par les aigles, tout à la fois blent comme la nuit, jaune comme l'aurore, pourpre comme le soleil, nombreux, étalant, éblouissant, léger. C'était la le manteau de la deesse, le zamp, saint que l'on ne pouvait voir.

O romancista narra, com o rido e primores do seu estylo terno o panico dos cartliagezes, o almento que se lhes apodera d'al quando vém, tomados de espao e horror, o chefe dos mercenários de posse do brocado que os patcinava com a sua essencia divina naquella lula reñida, sem tguas. Para elles agora, após exito do sacrilego intento do laro, tudo estava perdido—despda do *zamp* era fatal a ru de Cartliage.

A civilização, lapidando a igencia do homem, rasgando-lhe vos horizontes com o advento progresso dos methodos sciencos, enenminhou naturalmente a humanidade para o aperfeioamento de seus cultos.

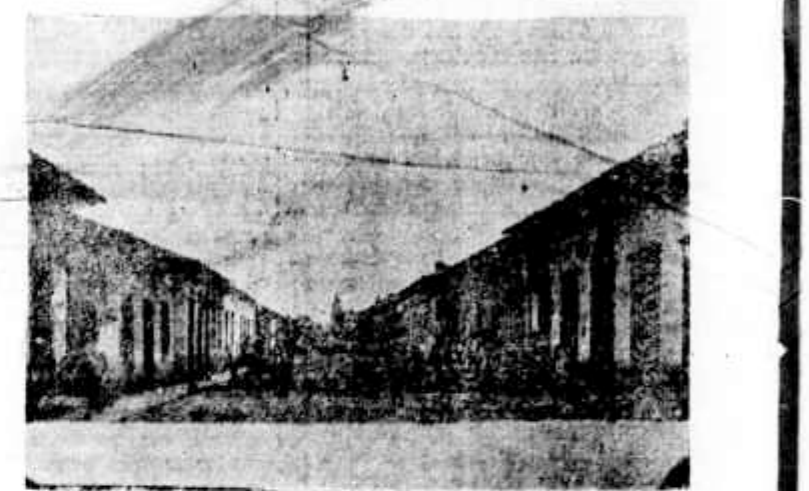
As tenor, ao fanatismo com o seu apavorante cortejo de credencas, a superstição dos prístinos tempos succede-se o amor, o devotamento como factores primaciaes de todo culto, de todo ideal.

Vemos, pois, que o culto da patria concretizada num symbole vem da mais remota antiguidade. Aperfeioando-se de mais e mais,—implantando-se nos corações pelo amor da terra, que nos viu nascer; vinculando-nos a tradição; virilizando-nos as energias, que se desdobram no campo de nossa actividade moral, que é a patria—o culto á bandeira nacional resplandece com todo fulgor no repatorio de nossa existencia de povo livre, manifestase em lances de heroismo nas paginas de nossa historia, como a estimular-nos para que, sempre vivaz, sempre nobre, conservemos o sentimento do amor patrio.

Em Rinchuelo, sobre o tombadillo juncado de mortos gloriosos da gloriosa *Parahyba*, em luta contra a abordagem do inimigo, Greenhalgh cõe envolto nos farrapos da bandeira que elle—em plena primaverá da vida—soubera defender e honrar!

E que foi, senão o amor da bandeira—imagem da Patria distante—toda a impressionadora epopéa perpetuada pela narrativa empolgante de Esquiquelle Taunay?

A *Retirada de Laguna* é a glorificação do heroismo, do accendrado amor da Patria daquelle cohorte de bravos, que, flagrados por um inimigo sanguiscento, accossados pela fome, abriram caminho através



LORENA—RUA DE ARSOLFO AZEVEDO, ONDE SE ACHA A CHARTARIA DO SOL E AGENCIA DO Commercio de São Paulo

sphera intellectual daquelles recuados tempos.

O fanatismo galvanizava os homens, encadeando-lhes a intelligencia febre tuda pelos pavores do sobrenatural. Assim, o primitivo culto da patria apparece estreitamente ligado ao sentimento religioso—os ephebos athenienses proferiam o solenne juramento de fidelidade á patria no templo de Aglauros.

Os symbolos revestem formas diversas.

Em Roma (7) o fogo sagrado, que ardia sobre os altares de Vesta, presidia nos destinos da urbe. Alimentavam-no as vestaes, que no seio do povo romano gosavam de altos privilegios e regalias.

Mais tarde no tempo das grandes conquistas, alçou-se á frente das legiões o *exillum* symbolisando a patria.

O *palladium*, idolo de Pallas Athena, era o amuleto nacional de Troia. Segundo a tradição, cahira do céu junto á tenda do Ilio, quando esta edificava os muros da me-

da macega em chammias, com a pelle castigada pela soallheira, curtido sode, flagellado pela devotação do cholera, que todos os dias, a cada instante, ceifava os defensores da columna.

... Lá estava—companheira de seus pesares—pairando acima de suas cabeças como um arco-iris de esperanza, a bandeira que lhes fora dada a defender,—e tanto bastava para o conforto moral daquelles valentes expedicionarios!

Pois bem, a bandeira...

«Auri verbe pendio da minha terra. Que a brisa do Brasil beija e balance. Estandarte que á luz do sol enerra. As promessas divinas da esperanza».

... a bandeira é o painel de todo esse passado glorioso, é o pallio que se desdobra sobre o *surcophago* onde repousam as cinzas de tantos heroes.—Evocação á esperanza, vincula a tradição ao porvir, fazendo reverdecer em nossa memoria, testificando-lhes muito civismo e muita abnegação, a lembrança dos que se offereceram em holocausto,—dos que se bateram—denotados—pela integridade nacional, olhos fitos em seu estylo auri-verde!

A bandeira—consoante o bello

(4) Jules Simon—*Le devoir*, pg. 102.

(5) Gustavo Le Bon—*Psychologie de la civilisation*, pg. 228.

(6) Le Bon—*Obs. cit.*

(7) W. Taylor—*History of Rome* pg. 29 e 30 e 19.

(8) G. Flaubert—*Salammbô*, pg. 85.

Acreditavam os tentos de sua nação...
...possuam o...
...que vestia Ta...
...da pagina...
...a immortal...
...descreve...
...passat com...
...aous lo visag...
...emontant etab...
...prochait par les...
...a fois blen...
...uit, jume com...
...ourpre contre...
...reux, diaphane...
...C'était la le m...
...desse, le zain...
...n ne pouvait vo...
...narra, com o e...
...de seu estylo...
...rtuguezes, o ab...
...a apodera d'al...
...tomados de esp...
...fe dos mercenar...
...ado que os pat...
...essencia divi...
...renhida, sem t...
...es agora, após...
...go intento do...
...a perdido—desp...
...era fatal a re...

lapidando a...
...m, rasgando-lhe...
...com o advento...
...metodos scien...
...u naturalmente a...
...a aperfeiçoam...
...o fantasma com o...
...cordejo do erendi...
...dos prístinos...
...se o amor, o devo...
...factores primacia...
...to ideal.

que o culto da...
...ada num symbole...
...emota antiguidade...
...e de mais e mais...
...nos corações pelo...
...que nos viu nascer...
...a tradição; virili...
...ergias, que se des...
...po de nossa activi...
...é a patria—o cult...
...cional resplandec...
...no repositório de...
...de povo livre, ma...
...ances de heroismo...
...nossa historia, como...
...nos para que, sem...
...nobre, conserve...
...do amor patrio...
...o, sobre o tombadi...
...mortos gloriosos da...
...vba, em luta contra...
...o inimigo, Green...
...to nos farrapos da...
...—em plena pri...
...soubra defender

não o amor da ban...
...Patria distante...
...reacionando e por...
...a narrativa empul...
...gnolle Taunay?

Laguna é a glori...
...do acendrar o...
...daquelle cohorte de...
...aguardos por um...
...cedente, accosado...
...um caminho através



A CHACTARIA DO PAULO

chammas, com a...
...pela sollicita...
...cargados pela deva...
...que todos os dias...
...ceifava os defen...

—companheira...
...—pairando acima...
...como um arco-iris...
...bandeira que lhes...
...ender,—e tanto ba...
...for moral daquel...
...elicionarios?...
...bandeira...

—Salomão, pg. 65.

pensamento de Claretie, é — syn...
...thetisado em uma só palavra, tor...
...nado tangível em um só objecto...
...tudo o que é a vida de cada um de...
...de nós — o lar onde nascemos, o...
...canto do terra onde crescemos, o...
...primeiro sorriso de criança, o pri...
...meiro amor de moço, a mãe que...
...nos acalenta, o pai que reprehende...
...o primeiro amigo, a primeira la...
...grima, as esperanças, os sonhos, as...
...chiméras, as lembranças — e todas...
...estas alegrias, todas, reunidas em...
...um só termo, em um só nome...
...de todos o mais bello — Patria!

Radiqueemos, pois, — meus collo...
...gas — pelo affecto em nossos cora...
...ções o culto da bandeira nacional...
...trabalhemos, nós outros os mestres...
...escolas de amanhã, nutra profunda...
...consonancia d'alma, e teremos as...
...sua contribuindo para que a legenda...
...do estandarte do Brasil — que ab...
...se desdobra diante de vossos olhos na...
...pompa soberana de suas cores de...
...esmealada e ouro — possa sempre...
...brillar no vivo esplendor dos nos...
...sos dias primaveris, nos horizontes...
...da Patria, como uma iniludível, lu...
...minosa affirmação moral de nossa...
...existencia de povo livre!

UMA RECORDAÇÃO HISTÓRICA



PRIMEIRA assembleia legisla...
...tiva provincial de São Paulo, depois da...
...gloriosa reforma eleitoral de 9 de Janeiro de...
...1881.

Os deputados repu...
...blicanos — Rangel Pestana, Mar...
...tinho Prado, Prudente de Moraes...
...Antonio Pinheiro Machado, Cam...
...pos Salles e Gabriel Piza.

Historia de uma cartorio da ci...
...dade do Amparo. Surpresas de sua...
...votação nominal.

Um projecto de estrada de fer...
...ro para Itapetininga que não foi...
...aprovado.

Uma mão lava a outra e ambas...
...o rosto. Reminiscencias interessan...
...tes.

A reforma eleitoral de 9 de Ja...
...neiro de 1881, garantindo a liber...
...dade do voto, deu ingresso em nos...
...sa Assembleia Legislativa Provincial...
...a seis distinctos republicanos que...

ficis no seu programma de propa...
...gandistas, desfeziam despiada...
...damente seus certos golpes con...
...tra as instituições monarchicas.

Por occasião da discussão da...
...lei de meios e fixação de força polí...
...tica, aproveitou-se da amplitude do...
...debate, tratavam da politica geral e...

as censuras abrangiam todos os...
...departamentos da administração pú...
...blica e o procedimento dos vultos...

mais promiuentes dos partidos mo...
...narchicos — liberal e conservador.

Os seus discursos eram veheme...
...ntes, cobertos de applausos pelas...
...galerias, e as idéas que aprega...
...vam encontravam eco nas camadas...

populares e todos presagiavam para...
...a patria dias venturosos.

A verificação de poderes de seus...
...membros foi um bello exemplo de...
...moralidade que a historia do nos...
...sos annos legislativos regista e...

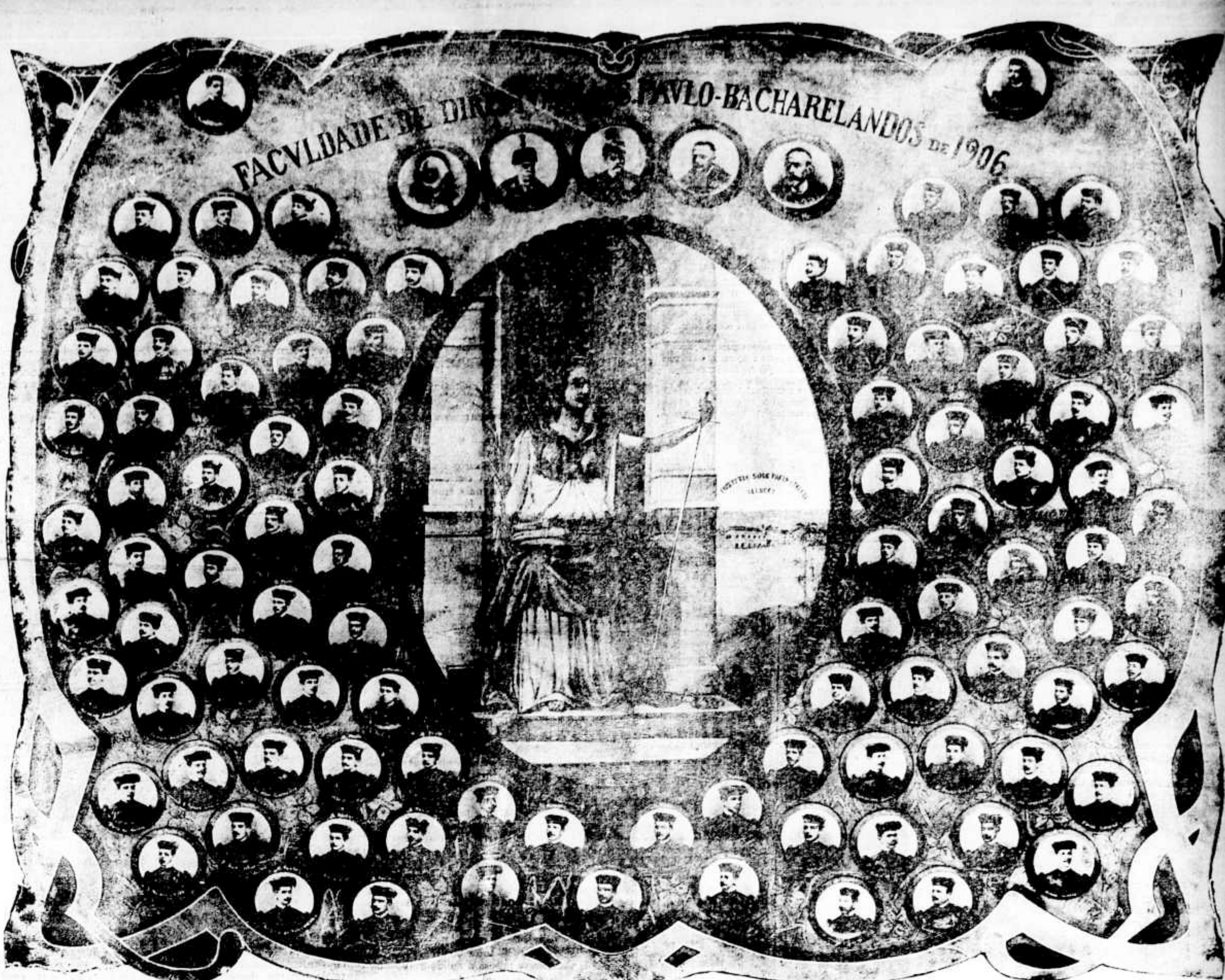
que constitue um precedente digno de...
...imitação.

A fraude não alcançou seu collo no...
...pleito eleitoral e muito menos lo...
...grou manifestar-se na verificação...

de poderes de seus membros.

O partido liberal estava de posse...
...das redas do governo e fiel ao pro...
...gramma traçado pelo conselheiro...

Sarnaia garantiu a liberdade do...
...voto e o presidente da Provincia...



nos, ao quociente eleitoral, calcula...
...do sobre o numero total dos elei...
...tores que concorreram á eleição...

dividindo-se este numero pelo dos...
...membros da Assemblia que o distri...

cto devia eleger.

Se algum ou alguns dos cidadãos...
...não reunissem votação equal, pelo...

menos, ao dito quociente eleitoral...
...lavrada a competente acta, que era...

assignada pela junta e pelos eleito...
...res que quizessem, procedia-se, quan...

to aos logares não preenchidos, a...
...nova eleição que se denominou — se...

gundo escrutínio.

Nesta eleição, a votação deveria...
...recabar nos cidadãos que se seguis...

sem em votos aos eleitos até o nu...
...mero duplo do numero dos logares...

não preenchidos.

Os partidos politicos empenha...
...vam-se nas localidades para que as...

qualificações electoraes exprimis...
...sem a verdade e todas se interessa...

ram para que o numero de eleito...
...res fosse maior.

Os juizes de direito crão sollicitos...
...do desempenho de suas funções e...

recursos electoraes, seguindo seus...

trâmites regulares, crão julgados...
...pela extincta Relação do Districto.

Os costumes politicos estavam...
...completamente reformados e os in...

convenientes apontados e praticados...
...pela lei da eleição de dois graus e...

dos celebres votantes appellados —...
...phosphores — tinham desaparecido...

e era empenho geral que a eleição...
...se fizesse livremente.

Partindo de principios tão puros...
...o escrupulo de 1.ª Assemblia Pro...

vincial de S. Paulo, depois da lei...
...de 9 de Janeiro de 1881, logo se...

patenteou e nos seus primeiros...
...actos, a opinião publica reconheceu...

lha a justiça e o acerto de suas de...
...cisões.

Não permitiu que um cidadão...
...que exercia o cargo de juiz substi...

tuto de uma comarca, fosse con...
...siderado eleito deputado por um...

dos districtos da provincia, elevando...
...o actando a legislação eleitoral.

Os seis republicanos constituíram...
...nas votações o fiel da balança.

A Assemblia compunha-se de 36...
...membros. Os liberais eram An...

tonio Queiroz, Carlos Aranha, Sil...
...veira da Motta,conde do Pinhal,

Camargo de Andrade, Rodrigo Loba...

to, Paiva Baracho, Barbosa Lima...
...Costa Junior, Theophilo Braga, Fe...

lio Camargo, Castro de Andrade...
...José Oscar e Ferreira Braga. Ao...

todo 14.

Os conservadores eram: Frede...
...rico Abranches, Pedro Vicente, Pa...

ula Toledo, Domingos Jaguaribe, Ra...
...phael Correa, João Moraes, vigário...

Valladão, Estevão Bourroul, Evaris...
...to Cruz, congoe Rodrigo es, coronel...

Correa, barão do Rio Pardo, coronel...
...Emygdio Pielade e Leonel Ferrei...

ra. O partido conservador estava...
...dividido nessa occasião em men...

distas e pradistas e da dissidencia...
...faziam parte os deputados vigário...

es Valladão, Estevão Bourroul, Evaris...
...to Cruz e o congoe Antonio Pe...

reira Bieudo que, devido a essa di...
...tancia partidária, não tomou as...

senso, e o dr. Raphael Correa.

Foi presidente da Assemblia...
...o conde do Pinhal que teve como...

seus secretarios o dr. Carlos Nor...
...berto de Sousa Aranha e o dr. Si...

lveira da Motta.

Os jornaes de opposição daquelle...
...época, e ainda hoje o costume pre...

valore, procuravam fazer espirito e...
...muito se occupavam com os depu...

tados que viviam sempre na lida...

Por ser bastante cativo o dr. Si...
...lveira da Motta, encontraram neste...

facto a analogia seguinte: — O Pi...
...nhall está cativo S. Carlos e a Motta...

Pellado.

A proposta de um cartorio do...
...Amparo liberos e republicanos li...

pavam muito interesse e os desejos...
...destes foram contrariados pelo pr...

sidente da Provincia, que negou sa...
...neação a uma lei da Assemblia de...

modo que, segundo os estylos da...
...época, era preciso que fosse appro...

vada por dois terços da Assemblia.

Contavam os republicanos com os...
...votos conservadores, pelo menos...

dos que eram pradistas, de modo...
...que a victoria seria infallivel.

O governo previa muito natu...
...ralmente a sua derrota. As coisas...

estavam em amandadas e essa era o...
...resultado esperado.

Por circumstancias do tempo ou...
...por medida politica aconselhada no...

momento, o presidente da Assem...
...blia teve a feliz idea de inclinar...

o orden do dia um projecto de es...
...tado de ferro para Itapetininga,

pelo qual muito se interessava...
...o deputado conservador daquelle...

localidade Joaquim Leonel Ferreira.

Por ser bastante cativo o dr. Si...
...lveira da Motta, encontraram neste...

facto a analogia seguinte: — O Pi...
...nhall está cativo S. Carlos e a Motta...

Pellado.

A proposta de um cartorio do...
...Amparo liberos e republicanos li...

pavam muito interesse e os desejos...
...destes foram contrariados pelo pr...

sidente da Provincia, que negou sa...
...neação a uma lei da Assemblia de...

modo que, segundo os estylos da...
...época, era preciso que fosse appro...

vada por dois terços da Assemblia.

Contavam os republicanos com os...
...votos conservadores, pelo menos...

dos que eram pradistas, de modo...
...que a victoria seria infallivel.

O governo previa muito natu...
...ralmente a sua derrota. As coisas...

estavam em amandadas e essa era o...
...resultado esperado.

Por circumstancias do tempo ou...
...por medida politica aconselhada no...

momento, o presidente da Assem...
...blia teve a feliz idea de inclinar...

o orden do dia um projecto de es...
...tado de ferro para Itapetininga,

pelo qual muito se interessava...
...o deputado conservador daquelle...

localidade Joaquim Leonel Ferreira.

Por ser bastante cativo o dr. Si...
...lveira da Motta, encontraram neste...

facto a analogia seguinte: — O Pi...
...nhall está cativo S. Carlos e a Motta...

Pellado.

A proposta de um cartorio do...
...Amparo liberos e republicanos li...

pavam muito interesse e os desejos...
...destes foram contrariados pelo pr...

sidente da Provincia, que negou sa...
...neação a uma lei da Assemblia de...

modo que, segundo os estylos da...
...época, era preciso que fosse appro...

vada por dois terços da Assemblia.

Contavam os republicanos com os...
...votos conservadores, pelo menos...

dos que eram pradistas, de modo...
...que a victoria seria infallivel.

O governo previa muito natu...
...ralmente a sua derrota. As coisas...

estavam em amandadas e essa era o...
...resultado esperado.

O NASCIMENTO DO MENINO DEUS

(PEÇA LYRICO-BIBLICA EM 1 ACTO, ORIGINAL DE CEREZO Y GARRIDO, MUSICA DO MAESTRO SANTANA)

FRAGMENTOS

SCENA IV

LUZBEL (apparecendo)

Alinda nestas cercanias...
...ninguem osous esperar...

que do propheta Isaías...
...as odiaes propheticas...

se vão breve realizar...
...Se chegarem a saber...

que vae nascer o Menino...
...virão de offerecer...

transbordantes de praser...
...sua saudades uma hymno...

Mas o inferno pretende...
...impedir a alorção...

que a seu poder tanto offende...
...e a lida, activo, emprehe...

to pechos na mal nefanda...
...e venho de Deus ao mundo...

offerecendo o peido.

Basta!

ARCHANJO S. MIGUEL...
...Inda não! E preciso...

que mudes de rumo, alias...
...para sempre perderis...

ter logar no Paraíso!

Ao mundo vem o Messias...
...para o homem redimir...

e o inferno confunde...

em terríveis aguias...
...deixa o teu alvino fundo...

promette ser fiel...

Oh! jansai! Galla Miguel!

Hei de dominar o mundo!

ARCHANJO S. MIGUEL...
...Miservel!

Tens conselhos...
...não me vençes nesta guerra!

ARCHANJO S. MIGUEL...
...Veremos! Mas, sobre a terra...

ante Deus curva os joelhos!

(A um signal de S. Miguel, Luzbel, obe...
...decendo a uma força invisivel, corre...

joelhos tapando os olhos, S. Miguel despa...
...rece.)

SCENA V

LUZBEL SÓ

Ah! clamo só no terreno...

Humilhaos meu odio eterno...

mas em vão, porque do Inferno...

tenho como o veneno!

A não ceder, a lutar...
...o destino me almeia!

hei de romper a cadeia...
...com que me querem atar!

E proseguindo até o fim...
...nesta luta, inda hei de ver...

dominar o meu poder...
...de um confim a outro confim!

(monoe)

SCENA VIII

PASTORES E O ANJO S. GABRIEL (appa...
...recendo)

S. GABRIEL

PASTORES! MENSA

Gabriel! MENSA

Dona! MENSA

Silencio! Oiganos primeiro...

o colete mensageiro...

de quem tem os votos meus...

(Todos se ajoelham.)

O filho de Deus, em breve...

casando asembla profundo...

vae apparecer no mundo...

cumo o propheta descreve!

Vagae pelos cercanias...

que nem propheta, em Belém...

para guiar-vos ao bem...

devo nascer o Messias!

Elle terá novas leis...

e o signal da Redempção...

e a prestar-lhe adoracão

correm pastores e reis!

Chagando o doce momento...

que a milha lestea propheta...

lida de vestirse de gala...

a terra e o firmamento!

Cantando temas as aves...

o céu terá mais folgores...

e nos campos, entre as flores...

correrão brancas nuvens!

Hei! colheitas flores!

Redemir as propheticas...

pois vae nascer o Messias!

Hei adorado pastores!

SCENA XI

S. JOSE E A VIRGEM MARIA

S. JOSE, (comprando a Virgem)

Mas um estorço

uma sociedade espiritual, atendida, aliando-se...
E então, uma fenda tríplice envolveu-o todo, obrigando-o a ouvir os cânticos breves, numa revoada de sons murmurados e saudosos, e procecionamente como que lhe passava...
Uma tarde, abraçados sobre um ro-



O SR. HERMIN, QUE COMEÇOU A SEGUIR...

ram deante dos olhos espectraes do chado, contemplavam o mar que lhes barbas austeras, velhinhas frugidas de resas, muito meigas e de neve e crianças loiras, e as doiradas do sol...
O sr. Hermin entrou no primeiro bar, pediu absinthio.
Os freguezes entravam e saíam; um sum-sum confuso de vozes aturda e um ambiente saturado de fumo pesava sobre os consumidores.
O sr. Hermin, sentado num recanto escuro do vasto salão, emborrou o copo, fincou os cotovellos sobre a mesa, apoiou a cabeça nas mãos...
A princípio ouvia o barulho dos freguezes, o ruído do serviço, a voz cantada dos garçons que andavam apressados; depois tudo foi se dis-



O SE HERMIN ENTROU EM SEGUIA...

tanciando, sumindo, como um eco de rumor incompreendido a perder-se ao longe.
O ar foi se adelgaçando, azulando e uma nevoa de uma suavidade etérea foi encerrando tudo.
Vinhão-lhe agora aos ouvidos um rumor de ondas mansas a se quebrarem demoradamente e o eco embaldado de cantigas marinhas...
Um bloco negro surgiu depois, numa forma vaga, indefinida, cujos contornos foram se accentuando a pouco e pouco—até surgir em toda a sua austeridade ancestral, a velha casa pesada e nobre...
Depois uma nevoa azul surgiu e tomou corpo transformando-se, e em pouco ali estava a Jenny adorada e meiga...
E num idílio em que os lábios se tocavam e as almas se transfundiam, Hermin e a sua Jenny viviam o passado.
Em casa, a velha tia, muito meiga e muito risulha sob sua touca branca, na paz messianica dos tempos patriarcaes, dirigia a *menage*.
Fôra, os jovens percorriam os cam-

ondas, na mansuetude vespéral da hora, as duas almas apaixonadas como que se deliravam nas cores suaves do occaso, num alheamento de felicidade completa...
Depois... As figuras foram-se delirando, envacendo e, com um estremecido brusco, o sr. Hermin despertou, no salão vasto do bar, com os olhos animados de uma luz estranha, de mundos remotos...
Ah! era debalde tentar contra a obsessão do passado!
Galé perpetuo da saudade, elle havia de trazer sempre em si, como uma dor necessária, a imagem adorada dessa Jenny a quem amava, que o trahira, e a quem amava ainda através da vaporosa de um sonho, numa cidade remota...
E o sr. Hermin sabia, e já em casa, morto de tédio, perguntava a si proprio porque não lhe seria permitido viver sempre dentro desse sonho, que era a sua vida, até que o aniquilamento final o atirasse compassivo para a solidão tranquilla do Nada...
Jacques Lenoir.



HYMNO NACIONAL BRAZILEIRO

de FRANCISCO MANOEL DA SILVA
PARA USO DA ESCOLA NORMAL COMPLEMENTAR E GRUPOS ESCOLARES
(Para piano e canto)

Versão de A. A. da Costa Carvalho

Arranjo de um amador



2) Ao soar esta primeira nota, devem os alunos levantar-se respeitosamente.



Notas de um excursionista

Interlaken, 8 de Agosto de 1906.

Quem vai a Lucerne precisa percorrer em todos os sentidos o famoso lago dos Quatro Cantões, visitando as principais povoações marginaes como Greppen, Küssnacht, Treib, Isellen, Gersau e Fluelen, precisa subir ao Righi, ao Pilatro e ao Gütsch, percorrer as salas do magnifico museu da Paz e da Guerra, ver a cathedra, o monumento do Leão, o museu zoologico dos Alpes, a pittoresca ponte da Capella com a sua torre (Wassturne) e percorrer os lindos *boullevards*, que marginam o lago. Tudo isso é encantador, tudo isso é bello.

Porém, mais bello ainda é atravessar o lago até Alpnach e dali seguir em estrada de ferro até Brienz, tomar de novo a barca a vapor e vir a Interlaken.

A parte a travessia dos lagos, só a viagem de Alpnach a Brienz compem largamente a fadiga das baldeações.
Esse Brienz, perdido entre montanhas verdejantes, cobertas de macieiras, pinheiros, cerejeiras e pereiras, é um pequeno paraíso onde a agua rutila e canta por todos os lados e onde se respira um ar fresco, oxigenado e cheio de aromas deliciosos.

Depois, até ao lago, é uma successão de escarpas onde poisa o chalet de madeira, saindo da relva, com o telhado coberto de pedras, com o alpendre e a arcada a um lado, com o pomar em torno. De repente, do alto da montanha, avistase, ao longe, o valle, e uma fita larga e ondulante cortando a fadiga: é um canal que desce do lago de Brienz. A estrada

fluvial. Ah! toma-se a barca e, da tolda, commodamente sentado, goza-se o panorama das margens, onde as povoações pullulam.
Uma hora depois avista-se Interlaken—uma fachada de terra entre montanhas que separam o lago de Brienz do lago de Thun—e deixa-se a barca para tomar o carro que conduz ao hotel.
O carro roda sob abobadas de

neva percorre alegremente as ruas illuminadas por um sol claro e alagante. Mas, a viração, que sopra da montanha, amenisa o ardor do sol. Subito, avista-se, num claro aberto entre o verde negro dos morros, um pico alvo como o linho, depois outro, e ainda muitos. E o espinhaço escalariforme e erigido de pontas do Jungfrau coberto de neve. Um minuto

de velha Eurpa em trajes elegantes, em *toilettes* da ultima moda, fazendo rutilar as joias cara, ao lado do simples *touriste* burguez, do *petit rentier*, do humilde funcionario publico que veio gosar as ferias, do estrangeiro em villegiatura. Uns a pé, outros de carro, ou a cavallo, ou em automovel.
Os burricos anões pullulam conduzindo crianças. Mulheres lindas,

de feltro emplumado dos alpinistas, que caminham batendo fortemente nas calçadas com os seus sapatos taxados e os seus varapaus ferrados. Por toda a avenida, hotéis colossaes como lindos jardins na frente; em todas as ruas, hotéis e pensões. Chegamos ao nosso. A casa é limpa, os quartos são amplos, claros, arrojados por largas janelas que deixam ver bem a paisagem, que deixam avistar os lagos, a encosta das montanhas e os picos nevados do Jungfrau. A cama é alta, os colchões e os travesseiros fofos. Uma Gretchen, que fala o allemão e o francez, sorrindo, mostrando os dentes alvos, que se destacam na bocca rubra, vem avisar-nos que o almoco é ao meio dia e o jantar ás 7 e meia. O calor é intenso, mas a agua da garrafa, que poisa no centro da mesa, está gelada. Que delicia beber agua em Interlaken! Que delicia lavar o rosto e as mãos neste *bijou* da Suíssa! Como é cedo ainda, vamos aproveitar o tempo. Ali está, a dez minutos de percurso, esse attraente e arrojado funicular que conduz a Heimweibfluh. Vamos lá!

O pequeno vagon sollicitado por um cabo forte, de aço, sobe a montanha quasi a prumo e leva-nos até ao alto, onde um restaurante nos espera. Tem-se arrepios de frio quando se olha para o caminho percorrido, mas depois essa impressão passa e o que fica é a sensação do grandioso, do bellissimo panorama que se destructura de terraço do restaurante. Toda Interlaken, de um lago a outro, rutilando e verdejando ao sol, emoldurada por montanhas altas se avista dahi e eu tenho a impressão de estar vendo o Rio de Janeiro, mas um microscopico Rio de Janeiro, com montanhas que se parecem com estas que me cercam e com os seus habitantes.



PRIMEIROS MISSIONARIOS SALESIANOS QUE PARTIRAM PARA A AMERICA EM 1875. NO MEIO, O SAUDOSO D. BOSCO, O COM. GAZZOLI, CONSUL DA ARGENTINA EM SAVONA, E AOS LADOS MORENOHOS CAGLIERO E FAGNANO

verdura, atravessando a risonha *laguna*, e cortina de um granle edificio encobre o colosso de gelo, o carro já roda sobre uma ponte que atravessa um canal; depois, encurva-se na avenida principal e vai a passo, porque a multidão é compacta. São principaes, são du-

o Natal

dito na véspera e acentuasse, e o vel, por aquela se-ahora os não de-passar o Natal na descanso da via

occupados, no in-lar as velas, á proa,baulado, sorriram doçura daquellas

que o tomava, naquella doce esperança de ir passar o Natal no seu arraial, abriu a caixa de roupa, sacou de dentro um pequeno registo colorido do Senhor do Bonfim, que era o padroeiro do lugar, e beijou-o longamente, pensando na mãe e na amada...

Até á tarde, porém, não se avistou a costa, e a tripulação, agastada com aquelle demonio de tempo, praguejava rudemente, perdida agora a esperança de ir passar o Natal nos seus lares.

O proprio capitão, de pé ao cata-vento, junto ao homem do leme, mostrava, nesse instante, o rosto carregado como uma contradição. No entanto, durante o vendaval, a sua physionomia de leão do oceano se conservava placida e animada, nessa seriedade incomparavel de espirito e de alma, que é a superioridade do marujo ante esse terrivel adversario — o mar. E' que o velho Soeiro tinha também esposa e filhos, a quem idolatrava, e mais do que todos a bordo, sentia o desejo insaciavel de mergulhar o coração aquiescente de affectos nas caricias e bençãos do lar, onde todos os que vogam nas ondas encontram sempre um asylo remansoso e sagrado.

Num recanto da popa, entretanto, o Venancio, a quem o velho afagara nas vésperas, junto da gaiola alta, satisfeito e feliz por encontrar nelle um discipulo digno e que não temia bater-se com as vagas, prometendo dar de si um marinheiro que o saberia honrar, num recanto da popa o rapaz não cessava de olhar um momento o horizonte além, onde lhe parecia ainda ir surgir de repente, sob a nevoa doirada do poente, a curva branca e saudosa do seu golfo natal. Ali ficou muito tempo, até que a sineta de bordo o despertou para o quarto.

Já então, para leste, uma cinza subtilissima se alastrava nas aguas. Descia a noite lentamente; na barra verde do oceano, onde brilhos vagos morriam na gloria do sol que findava, um ponto fulvo, pequenino, Vesper, a estrella da tarde, numa scintillação



DEPUTADO Á JUNTA COMMERCIAL E PROFESSOR DE DECLAMAÇÃO E DICÇÃO DO CONSERVATORIO DRAMATICO E MUSICAL DE S. PAULO

O PARAISO

A' exma. era. d. Maria Colla. Manhã de inverno. Regelado, hyalico, o monte nu emergia da nevoa, sem a vergon-tea de um arbusto, mudo, sem o gorgoejo de um ninho, tacito.

Assim seismava tristemente, quando o côro dos marinheiros avante cessou de subito, num profundo staccato. Fez-

monteiro — o homem trazia uma enxada ao hombro, a mulher apertava junto do coração o tenro corpo do filho frio, mais frio do que os proprios gelos, rijo, roxo, os brachinhos cruzados, os olhos sob as palpebras dormidos, cerrada a pequenina bocca esmaecida.

A luz d'alva de inverno, indecisa o tristonha, coava-se através das uvens grossas e o casal lentamente descia pelas ravinas humidas sem uma palavra — elle com os olhos baixos, ella fitando o céu.

Desciam.

Entre as grotas fizeram uma parada.

— Aqui! — disse elle descansando a enxada — flores subsistem ainda... esta terra é a mais tépida, pôde ser o seu berço. Deixem-o ficar aqui disse, e, olhando para a criancinha hirta: — Pobre filhinho! suspirou — e a mulher, sentida e lacrimosa, apertando o cadaver inteirado e gelido, suspirou como o homem: — Pobre filho!

E a enxada calhou na terra ainda florida.

A pouco e pouco se ia abrindo a guela voraz do tumulo e a mãe olhava. Era para ali que o pequenino morto ia baixar...

— Noites de inverno, noites de frio passarão por cima do seu corpo.

— Mas rosas nascerão também, tornou o homem, cavando.

Prompto que foi a côva da criança, não houve animo de a repousar na terra — a Mãe beijava-a allucina-damente:

— Filho meu! Filho meu! — e o pobre velho escavador, com os olhos denegridos, soluçava passandoo mão pelos cabellos finos do pequenino cadaver regelado. Mas era preciso deixalo.

— Não! Não! — bradou a Mãe saudosa, ajoelhando-se.

— Não! Não! — e beijando a terra revolvida, por entre lagrimas, falou.

— Cova, deixa-me o meu amor, não me arrebetas a alma!

Terra, tu que tens tantas flores, não me queiras privar do lyrio, que nasceu dentro do meu coração. Deixa-me o lyrio do amor, deixa meu filho!

E no fundo da cova uma voz ragueou:

— Mãe, o que me pedes não é possivel dar-te...

Não sou eu quem mata. Vae nos longinquoos termos mercenoreos, busca lá a morte tristonha e pede-lhe o que me pedes.

Vae — e a voz mysteriosa calou-se.

— Vae — disse o homem, e a pobre Mãe, apertando nos braços o cadaver do filho, pariu pela neve a caminho dos ternos mercenoreos. Abstrusos, vocados, hispidos e negros, emaranhados de herva, la, crimando copiosamente flos d'ag pereenne; sombra em torno e silencio. Sobre o dorso dumasino das rochas ibes, e strages de olhos mortos, immoveis sobre as patas como figuras talladas no granito, guardavam a entrada tenebrosa do labyrintho pavid.

Haustos de peste passavam por entre as stufactites, ouvia-se o ranger dos dentes das caveiras e o triturar de ossadas erradias. Sombras appareciam, desapareciam em fluido negro, voando. Stertores roucos de ultimas agonias resacavam pelas abobadas saxas da furma e, ao fundo, sobre um acervo de craneos amarellos, negra e tritante, o punho tábido, apoiado á foice fúlcide, os pés nus e dois lumes de poiridões nas orbitas profundas, a Morte jazia.

Rolavam os focos fatuos dentro dos abysmos da fronte e os dentes taramclavam trepidos e rapidos Olhava e o seu olhar strabico fulminava; respirava e o seu hausto esparsia peste.

Sorram passos nas pedras da caturna e os olhos lividos da Morte voltaram-se para a entrada escu-ra.

Olhava quando lhe appareceu exhausta e rota, arrastando os farrapos das vestes, os pés em sangue, os olhos quasi extinctos, a desvaída Mãe com o filho no collo. Olhou-a a Morte e sorriu e a pobre mulher, fitando-a, calou-se.



Peregrino de Castro

lhada sobre os craneos que assom-lhavam a caverna e implorou:

— Morte, misericordiosa dos desesperados...

Morte, disse porque o mataste, dizo! — e apresentava-lhe o filho rôxo e regelado. E o trago impassivel contemplava o cadaver.

— Entregas-lhe o espirito que lhe roubaste, Morte! Dá-lhe o sorriso, dá-lhe a luz dos olhos, dá-lhe a graça do balbucio moço. Se pie-

dosa, tu que és a misericordia dos desesperados.

E a Morte tremulante disse do alto de seu throno de ossos:

— Mãe o que me pedes não é possivel dar-te. Eu sou quem executa mas quem ordena mora além! — e a foice teve um fulgor subite erguendo-se para o céu. Sobre a plantante azul... busca o Senhor e pede-lhe. Busca o Senhor!

E o céu da caverna tragica re-

perpassavam em suavissimos inhos. Estava perto o Paraíso.

E a Mãe seguiu...

De vir tio junto lo coração açi-cia-se a pouco e pouco o pequenino corpo.

Côres, talvez de sol, nasciam nas faces, e a Mãe seguia corajosa pela planicie azul em fóra através dos turbilhões de nuvens que rolavam.

Vinha um anjo e saudou-a.

— Divino, disse-lhe a peregrina triste, onde habita o Senhor?

E o anjo mostrou-lhe a porta a Paraíso, dizendo-lhe compadecido

— E se vos embargarem o par dizel: — Sou Mãe e logo vos dar caminho.

E a peregrina passou. Cherubis saudavam-na e seguiam-na.

Fulgores, indúções, rebrilhos rutilos passaram como se muitas auras successivas desalbrocasses no mesmo horizonte d'ouro e argiro reverberos de raios polychromos grandes aureolas abertas em cauda d'aves resplandeceram e do offa-cante clarão, destacando-se ma-claro, o vulto do Senhor surgiu, n' fundo do infinito Paraíso sonoro coroado de estrellas, os pés pontos dos sobre côes, sobre estrellas. Kismors de um som mysterioso so-ram em derredor, dolentes, e, d'espaco a espaco, fanfarras archaigelicass profundamente estrugian.

— Deus Senhor! Deus Senhor!

— exclamou a peregrina mal os seus olhos fitaram a face magnifica d'Alme, por onde as éras passavam como a luz sem deixar rastro.

Deus Senhor! Deus Senhor! — e levantando nos braços a criança morta:

— Fostes Vós que o Creador, deu-mo a Vossa Divina Graça, deu-mo a Vossa Bondade e a Morte negra roubou-me enquanto o somno me trahia. Vede e meu filho — morto e frio, Senhor! Vede... morto. Sem sorriso nos labios, elle que tanto sorria, gelido, hirt, inteirado... Vede!

Dae-mo, Senhor! Vós que dáis



A ACTRIZ MARIA GARDEN NA PEÇA «APHRODITE» ULTIMAMENTE REPRESENTADA COM SUCESSO, EM LARIZ

tremulante e faustosa, que convidava a amar, rolava no concavo azul do firmamento, como uma camandula doirada.

Nas amuradas, á proa e sobre o castello arqueado, os marinheiros, em grupo, esquecidos já do pamppeiro, numa resignação invejavel de almas sis e amoraveis, que não dão nunca abrigo e guarida a odios, mas a amores e maguas, cantavam saudosamente e era côro essas bellas cantigas do sul que sonoriavam as est-tradas e praias alvas dos sitios pelo tempo do Natal.

Em baí-o, na camara, o capitão, vendo que não chegariam á barra senão no outro dia pela tarde, pois estava ainda a mais de dois graús ao mar, abriu os mappas sobre a mesa para traçar os rumos andados e por o ponto na carta.

Mas a saudade da familia traba-lhava-lhe a alma. E, as vezes, quando o canto da maruja estalava mais forte á proa, sob o ranger surdo dos mastroes, elle, subitamente enternecido, os olhos arrastados de lagrimas, erguia a cabeça leonina, branqueada pelos annos e punha-se a olhar tristemente a luz amarelta e saudosa do abscordin, pendendo oscilladoramente do teto na sua manga de vidro cer-cado de um grão de metal.

Em cima, no grão de metal, sentida

se um movimento de silencio, em qu-só se ouvia o murmuro saudoso das ondas batendo nas amuradas. Era meia-noite, uma dessas meias-noites soturnas e quasi tragicas do mar.

Então, sobre os quadros alvos das velas, nevando o espaco no alto, vozes roucas e masculas gritaram, á uma, do castello:

— Tocar a Natal! tocar a Natal!

E logo a sineta de bordo, em repi-ques vibrantissimos, de uma consola-dora alegria de alvorada de calma, cantou o nascimento divino do Me-nino Jesus, que docemente ecoou pelas aguas. Rolando ali, marchetadas de estrias de luz, sob a rede de ouro dos astros.

O capitão, num enlevo, subiu á pressa ao tombadilho, chamando os marujos á ré.

E todos, num forte uniseno festivo, que arrebatava a alma, entoaram vigorosamente na tolda entre aquellas velas felizes, dominando o oceano, este estribillo devoto de um velho hymano christão:

Salve! ó divino Jesus!
Luz do nosso coração,
Que viste hoje ao mundo,
Para nossa salvação,
Virgilio Varzea



SCENA DE AFRÓDITE, ACTO II. O SENHOR DE CASTRO



ANCHES PRINCIPALES — THEATRA ALIENA

petiu surnamente: — Busca o Se-nhor!

E a pobre Mãe, apertando nos braços o cadaver do filho, partiu através das rochas lútuas, a caminho da planicie azul que a Morte lhe apontava.

Sôes de ouro, lindos luars brancos, nuvens densas, alvas como as espumas alvas do oceano, nuvens purpuras, nuvens de tons flavos de ouro, manilhas e noites viram esses magnânicos olhos que o somno... denara, viram esses doridos... que as lagrimas inundaram e não os cegou a luz do sol, nem os extasiou a luz da lua, empanados de lagrimas e de melancolia, passavam indifferentes pelas auras e pelos crepusculos a caminho do céu sempre longinquo. Pobre Mãe errante, ia levando ao collo o filho morto.

Vellos astros, vendo-a passar, afastavam-se comovidos e allumavam o caminho azul que ella trilhava: — e uma Mãe que caminhava — diziam os vellos astros comovidos.

Alcú theoris diaphanas de an-jos lezados voutavam-nas, de um ponto a outro, e comovidas

a estrella á noite, e o orvalho á madrugada. Vós que protegeis o ninho, Deus Senhor! Vede com os vossos olhos o meu coração vazio... Dae-mo de novo, Deus Senhor! Dae-mo por piedade!

E Deus Augusto falou:

— Mãe, para que a alma de teu filho volte ao corpo abandonado será preciso que outra alma fique no Paraíso. Quando alguém agoniza, um berço vago. Uma alma que sobre encontra entre as estrellas outra alma que dese. Dá-me uma alma se tens e a alma de teu filho voltará ao corpo regelado.

A Mãe piedosa e afflicta lançou com desespero o olhar pelo céu vasto como as quizesse procurar uma alma. O filho junto ao coração ge-lava.

— Deus Senhor! Deus Senhor! — exclamou de repente calhudo ajoelhada — que o veja ainda uma vez sorrindo entre os meus braços, que o veja ainda uma vez e aqui tens a minha alma. Que elle viva! Dae-mo eu lhe ouça ainda o balbucio... morrerei bendizendo a Vossa misericordia.

O Eterno alçou a mão feroz e santa e logo o pequenino da criança esvanecido.

masculino, e pouco e pouco os olhos estrebaram-se, estrebaram-se os lábios docemente, estendendo os braços e sorrindo... anjos ouviram o que elle disse como se acordasse de um sonho prolongado, anjos ouviram e Deus ouviu:

—MAMÃE!
Beijos pela primeira vez soaram no Paraíso. Os anjos, atônitos e pasmos, contemplaram: e mais doces que os sons das harpas soaram docemente os beijos da pobre Mãe sobre os cabelos, os olhos, pelas faces da criança, que a beijava e sorria.

Mas de repente, lembrando-se do que dissera, de novo, allucinação, pôz-se a beijar ao filho, e despedindo-se, sempre com os olhos nêllo, disse para o Senhor:

—Graças Deus meu! Graças vos rendo—e curvou a cabeça esperando a sentença.

—Vae!—disse o Senhor commovido—vae... teu Paraíso não é este. Toma teu filho e parte—e mostrando-lhe o caminho do céu estrellado e silente:

—Vae—disse de novo—O Paraíso das Mães é junto ao berço dos filhos.

Cochão Neto.

Presente de Natal

(VERSÃO DO HESPAÑOL)

Madrid vibrava de entusiasmo, celebrando uma das mais encantadoras festas populares.

Bandos de tréguas crianças percorriam as ruas com a cabeleira ao vento, sorrindo felizes, ditosas, entre os cascos dos cavalos; nos cafés acotovelavam-se o povo, chalhando numa intimidade jovial; a praça Mayor movimentada, cheia de vida, ostentava-se engalanada, festiva.

A multidão barulhenta invadia as casas commerciaes, adquirindo pequeninos presépes, feteias, brinquedos, com a satisfação plena de quem commemorava o natalicio de Jesus.

O sol esplendia brilhante, polvilhando de ouro a cidade; uma alegre communicativa, franca, reinava entre os passeantes.

Sómente João Pedro, taciturno, abatido por um desgosto profundo, flutuava sem destino pelas ruas da cidade.

Sahira de casa, aborrecido, sentindo no intimo uma tristeza que o humilhava, enquanto toda aquella gente, num ruído prazenteiro, se expandia em contentamento.

João Pedro achava-se ausente da familia, em condições precarias, sem ter o necessario para, naquella dia, ainda que modestamente, enviar uma pequenina lembrança á sua querida esposa, que ficara em Bilbao.

Nem um só objecto disponível possuía que pudesse empenhar, adquirindo meios para cumprir o seu desejo; pouco, muito pouco, tinha em dinheiro, apenas sete pesetas que mal dariam para alimentarse durante o dia.

Contudo, resolveu escrever á sua companheira distante; queria surpreendê-la, fosse como fosse, com um brinde qualquer, avivando a saudade que sentia no verso só, tão só, naquella dia ruidoso, naquella noite encantadora de Natal.

João Pedro, esquecendo-se da pobreza, alimentava no coração estremo o desejo de enviar á sua adorada Maria uma recordação qualquer, uma joia, ainda que falsa, uma diadema, enfim, embora humilde, por

vinham, dum lado para outro, atarefados sempre com as familias que compravam tetças para os seus filhinhos.

Impressionado com aquella scena, João Pedro sentiu que se lhe humedeciam as palpebras e, para não debruçar a commoção que o acobruhava, tratou de adquirir uma boneca de loiça, pequerrucha, de feição risonha, vestida simplesmente, sem atavios de rendas e fitas.

Escolheu uma dellas, de cabeleira castanha, grandes olhos azues, as faces coradas como papoilas, os dentinhos brancos, muito brancos...

Essa tinha alguns traços, parecia-se com a sua Maria, cuja imagem, apesar da distancia, elle conservava impressa na retina, saudosa das suas caricias de esposa amada e sincera.

Adquirida a boneca, João Pedro sahira da loja bem disposto, murmurando intimamente:

—Maria ha de ver que a não esqueci. O Natal que lhe envio ha de enternecê-la, estou certo, por ser pauperrimo, mas significativo...

A's pressas, como se lhe fugisse o

dando de hombros, abalou-se para o Correo.

Dez horas seriam; as ruas pouco a pouco paravam o movimento, um outro transeunte nellas se avistava. Em compensação, illuminavam-se as casas, as familias reuniam-se ao redor da mesa, para a ceia de Natal.

O frio augmentava. A neve vinha do alto como uma chuva miuda, persistente, e, de extremo a extremo, atepava as estradas, bragueando o beiral das casas e a torre das igrejas.

João Pedro, tirando, puxou a gola do paletot, agasalhando-se da neve, e apressou os passos, rua acima.

A fome, nesse instante, o atormentava; o frio era intenso, humido, corante.

O desgraçado suspirou com ancia ao lembrar-se de que teria de passar a noite em claro, ao rigor da neve. Sim, havia sido despedido da pensão, maltratado mesmo e lá não voltaria para que outra vez não lhe batesses a porta na cara.

Supportaria todos os revozes, todos; era homem para isso e aquella noite



CARMEN SILVA (cathiga da Roumania) NO «BOUDOIR» DO PALACIO DE COTROCENI

tempo, correu á estação de des-pachos, endereçando o presente á Bilbao.

Só então lembrou-se não ter ainda almoçado e viu que possuía apenas dez reales.

João Pedro entrou num café da praça Mayor e, enquanto chuchurrava essa esplendida bebida, o seu espirito divagava, todo o seu pensamento se entregava á recordação da sua jovem companheira, recapitulando o idyllo em que viviam, á esperança que alimentava de santificar aquella amor com o sorriso angelical de um filhinho...

sentia-se fortalecido: havia realizado os seus melhores desejos.

Depois de muito andar, cansado já, sofrendo fome e frio, João Pedro sentiu-se no humbo de uma porta e, dentro de pouco tempo, o somno o acollheu no seu manto protector, afagantando-lhe do espirito idyllo traço-cas...

Por fim, á cerimonia foi marcada. Tudo tinha corrido bem na Maria e na egrja, quando, ao sair do templo, um commissario de policia se dirigiu ao noivo, dizendo-lhe:

Sonhou, então, que uma criança loira, pequerrucha, gracil, catita como a boneca que enviara á esposa, o avertava nos mimosos bracinhos, di-

—Dê-me mil fios telegraphicos ou telephonicos, disse um dia um jovem sabio allemão, e eu farei ver instantaneamente á pessoa que nos falta, do outro lado do mundo.

Quem avança esta monstruosidade apparente é o professor Korn, da Universidade de Munich, homem tão modesto como genial, e que basea os seus sonhos sobre resultados já obtidos e maravilhosos.

Por agora, contenta-se «modestamente» em enviar á distancia, podendo ir até milhares de kilometros, a reprodução de um cliché photographico.

Ha muito que este problema da «vista á distancia» preocupava sabios e curiosos, mas parecia de tal modo irrealizavel, que se collocava no numero das chiméas.

O professor Korn teve a audacia de querer telegraphar as multiplicas impressões produzidas sobre os multiplos pontos de uma superficie photographica sem limite de distancia.

Não descrevermos minuciosamente o apparelho de que o professor Korn se serviu para conseguir esta maravilhosa descoberta, mas devemos dizer que elle é relativamente simples.

Além de uma lampada de Nernst, ha uma lente e um cylindro expeditor, onde vem adaptar-se a pellicula photographica transmittir, cylindro onde anteriormente existe uma lente e um prisma, que dentro do cylindro faz divergir o raio luminoso para uma elapa de selenium, ligada aos fios electricos do telegrapho.

No posto receptor além de uma outra lampada de Nernst, uma lente, um galvanometro de cordas e uma camera escura, constituem o resto do apparelho.

As photographias obtidas já com resistencias interpostas, correspondem á distancia de 1.800 kilometros.

A photographia á 300 leguas de distancia!

Apenas uma dezena de minutos basta para a transmissao e com os cabos submarinos seria preciso um pouco mais de tempo, em virtude da sua pouca capacidade electrica.

O professor Korn não descepara, no entanto, de chegar á telegraphar uma photographia de Nova York, no espaço de um quarto de hora.

Facilmente se verá quasi as vantagens que a imprensa illustrada polara tirar de semelhante descoberta.

Dentro em breve, poder-se-á ter ante os olhos, em menos de uma hora, o que se passa á milhares de kilometros.

Poder-se-á acaso dividir da sciencia?

Certamente que não, quando se oye um talho como o de Korn falar de uma admiravel descoberta como de uma coisa extremamente simples.

E o seu inventor é um novo; nasceu em Breslau em 1870, fez os seus estudos universitarios em Leipzig, Berlin e Paris, onde foi discípulo de Poincaré, Picard e Borel e ha onze annos que é professor da Universidade de Munich.

TRISTE NOIVADO.

Dizem jornaes de Paris: «Não era a vontade de casar que faltava á Luiz G. G., o noivo, com um banco, de 27 annos de idade, mas sim o dinheiro preciso para o fazer.

Ha já oito mezes que tinha pedido a mãe de uma menina de 22 annos; a mãe della, vendo que o casamento la seculo aliado, começou a manifestar a sua inquietude.

—Depo-lhe que me conceda mais alguns dias de demora, respondeu elle. Quero que o nio de amor que preparo seja digno daquella que o vae occupar.

Por fim, á cerimonia foi marcada. Tudo tinha corrido bem na Maria e na egrja, quando, ao sair do templo, um commissario de policia se dirigiu ao noivo, dizendo-lhe:



SWAYE IDYLLO

de plagio, a contar do titulo do drama.

Pouco antes publicára o dia Diniz a sua *Morgadilha dos Condes*. Além da semelhança do titulo, havia uma scena muito parecida com a do romance do autor das *Papillas do sr. Rei*, logo no primeiro acto.

O publico, porém, não se importando com a accusação feita, recebeu tão bem a peça, que ella foi representada innumeras vezes em Portugal e no Brasil.

A companhia do D. Maria representou no theatro de S. João, do Porto, e mais tarde, appareceram em Lisboa, chegados do Brasil, Lucinda Simões e Furtado Coelho. Quando os dois artistas desembarcaram em Lisboa, idos do Rio de Janeiro, pediram para ser apresentados á Pinheiro Chagas.

Assim succedeu. Depois dos cumprimentos do estylo, Furtado, felicitando o autor da *Morgadilha de Val-Flo*, disse-lhe:

—Represento centenas de vezes no Brasil o drama de v. exa., e ganhei com elle muito dinheiro, muito.

—Sim? exclamou Pinheiro Chagas, com um sorriso benevolo: Nesse caso, o Pinheiro é v. exa., e o Furtado sou eu...

LIVROS VELHOS E VELHOS MICROBIOS.

Os amadores de livros velhos, ignoram talvez os perigos que correm ao folhearem com amor os calligraphos que com tanto afan de enthusiasmo procuram nas librerias e alfarrabarias. E, no entanto, os livros sojos, enforcados, são, parece, agentes de contagio muito energicos, podendo transmittir numerosas molestias infecciosas.

Com effeito, considera-se como certo que o cartunculo, o cholera, a peste, o typho, a varíola, o sarampo, a dysphéria, a coqueluche, as affecções puerperaes e, especialmente a tuberculose, tão vulgar em todas as edades e em todas as classes sociais, podem ser vehiculadas por esse meio.

O dr. Jorjas acaba de apresentar á Academia de Medicina de Paris numerosas observações etnollicas á tal respeito.

Ora se trata de uma doença puerperal que foi transmittida por um livro que uma parturiente convalescente tinha em uma mesinha de cabeceira, ora de uma pessoa attingida de escarlatina e que, no periodo de escamação contumina uma familia inteira, com a qual se correspondia, etc., etc. Mas, denovo, apresenta o caso de uma epidemia de tuberculose, que se propagou entre os empregados dos archivos de Scharhoff, na Russia meridional. Os medicos certificaram que os bacillos de Koch, microbios dessa terribel enfermidade, pallavam nos registos, documentos, recibos e outras papéis.

O QUE SE PODE FAZER COM O PAPEL.

Já temos tido occasião de falar, por diferentes vezes, sobre o emprego do papel na confecção dos objectos para os quaes elle parece ser, á primeira vista, a substancia menos indicada possível.

Industriales habéis conseguram, na verdade, por numerosas applicações, substituir por papel o metal, a madeira, a pedra e até a lã, o algodão e a seda.

Em recente estudo sobre o epapel moderno, o sr. Albert Meire nos mostra que com papel comprimido fabricam-se rodas de estruagem e vagões, trillhões para caminhos de ferro, canhões, ferraduras, bicycletas, tubos para gaz e agua, envoltorios para fios e cabos electricos, postes telegraphicos, paraquedas e até... dentes!

Nos Estados Unidos e Alemanha preparam-se, com papel, caixões para enterramento, que imitam perfeitamente os de madeira, e fazem-se ainda com o papel tonéis, pipas, vasos para flores, garrafas, para deposito de leite e moveis incabustiveis!

Vendem-se actualmente chapéus de palha em cujo preparo não entra o menor fragmento de palha.

São apenas tiras de papel, pintadas de amarelo, cosidas mecanicamente em espiral e, finalmente, estampadas sob uma forma de chapéus.

No Japão, que é por excellencia o paiz das applicações multiphas do papel, emprega-se esta substancia, desde tempos immemoriaes, como vidros de janelas, nas lanternas e chapéus de sol; actualmente é ella usada como lençol ou outras peças do vestuário, como coto artificial, como cordão ou barbeta, para bibêtas de banco de

Seria possível estender esta lista até os extremos limites, sobre os empregos modernos do papel e da cellulosa na industria.

Citamos, ainda, as cobertas de viagem de papel, tão usadas em Londres, imitação de porcelana, o fio e a seda artificiaes, balas de espingarda, phosphors, sapatos de verniz, velas de navios, pannos para billar, saccos impermeaveis, para o cimento e outras substancias pulverulentas, brinquedos, canoas e botes, e até um fogão inteiramente incabustivel...

Em todo o caso, já se tem feito nos Estados Unidos mais de uma casa transportavel, inteiramente de papel, e existe na Noruega uma egrja que também é feita exclusivamente de pa-

pel, e na qual se podem accommodar de 1.000 a 1.500 pessoas.

NACIONALIZAÇÃO DAS FORÇAS HYDRAULICAS.

Todos os países que possuem (como o nosso) abundantes quedas d'agua adoptam medidas para que estas fontes de energia electrica não sejam alienadas em detrimento das industrias nacionaes.

Na Suissa, o Conselho Nacional votou, com grande maioria, uma lei reservando o emprego das forças hydraulicas á exploração dos caminhos de ferro, na maioria pertencentes ao Estado. Na Suecia, onde as cascatas são ainda mais numerosas e possantes do que na Suissa, um projecto apresentado á Camara, autorisa a compra pelo governo de todas as forças hydraulicas pertencentes á particulares, e que possam ser utilizadas para a tracção dos caminhos de ferro. Para este resultado o governo apresenta um pedido de credito de sete milhoes.

Finalmente, na Noruega, o Parlamento procura também impedir a apropriação, por parte dos particulares estrangeiros, das quedas d'agua nenhuma dellas capaz de produzir uma força superior á 1.000 cavallos poderá ser concedida, seja a quem for, sem a intervenção do governo.

Elas, de modo geral e sem grande desenvolvimento, o que fazem os países possuidores de grandes quedas d'agua (como o nosso).

EM FOCO DE ESTATISTICA.

—Ha na Escocia 3.253 egos.

—A Grã Bretanha comprou 5.992 automoveis o anno passado, dos quaes 4.093 eram francezes.

—Estatos Unidos.

nhã) uma egrja dividida em duas partes, na qual se celebra simultaneamente o rito Catholico Romano e o rito Protestante.

—De uma maneira geral cometem-se mais crimes no outono do que nas outras estações do anno.

—Na Russia, as terras perencentes á coroa cobrem uma superficie oito vezes superior á da Grã Bretanha.

—Ha cerca de tres vezes mais grezes em Inglaterra do que em França.

—O custo de uma ponte entre a Inglaterra e a França está calculado em 34 milhoes de libras esterlinas.

—Os dias terrestres vão augmentando na proporção de meio segundo por seculo.

—Calcula-se que o tamanho da estrella Sirius é 2.700 vezes maior do que o nosso sol.

O ABSINTHO EM FRANÇA.

É notavel a tenacidade com que o illustre medico e hygienista dr. G. Daresbourg, prosegue a sua propaganda pelo *Journal des Debat* contra o alcoolismo na França. Bello exemplo de quem transforma uma alta competencia em instrumento social, pondo todo o seu talento e todo o seu fervor na defesa da elevação do povo francez.

Vendo as attentões e cuidados incessantes com que os successivos ministros tratam o absintho,—que é a causa principal do abastardamento physico e mental da nação franceza, de fraqueza crescente dos seus recrutados e do desenvolvimento inquietador da tuberculose—pergunta indignado o illustre medico se são os negociantes de absintho que governam a França?

E prosegue, referindo o que tem feito as nações vizinhas. Na Belgica, os poderes publicos prohibiram, pela lei de 27 de Setembro passado, o fabrico, a importação, o transporte e a venda dos liciores chamados absinthos.

Na Suissa empreheudem-se a luta contra o absintho por iniciativa do conselho federal; e o congresso catholico de Friburgo, na sessão de 27 de Setembro ultimo, resolveu apoiar a mesma cruzada.

No primeiro de Janeiro proximo o cantão de Vaud prohibirá a venda do absintho e de qualquer licior, que, sob uma forma qualquer, seja imitação do licior interdito.

É notavel que esta interdição, fuisse provocada pelos negociantes de vinhos, certos da victoria! Pois perderam pela minoria de 7.000 votos!

Na França o consumo desta bebida horrivel é enorme, e a sua progressão crescente preoccupa os espiritos. De dez em dez annos foi:

Hectolitros: 1864, 49.335; 1894, 125.978; 1904, 207.929, mostrando assim o progresso de «mais do quadruplo» (4,2) em 20 annos, num intervalo em que a população da França mal cresceu 1/19 avos!

Em Marseilha consumiram-se em 1903

nos 10.911 hectolitros de absintho, que



PEDRO ALVARES CARBAL (quadro de Ellen Westcott)

representam 2 litros por cabeça de habitante valido e adulto!

Basta isto para mostrar até que exaggero chega a procura daquelle fornida vel veneno, que flagella não só as classes populares avidas de calor, mas também a camada intellectual, ainda amarrada ao extismo dos bibelots e á autocracia de Baudelaire, Petrus Borel e outros.

D'Esparber contou recentemente a egra mortal do absintho na camada dos jovens literatos que abusaram dos appetitos e do absintho, sobretudo, Citou os nomes dos que, intoxicados e dos que enlouqueceram ainda novos! Exclamamos para mal da França.

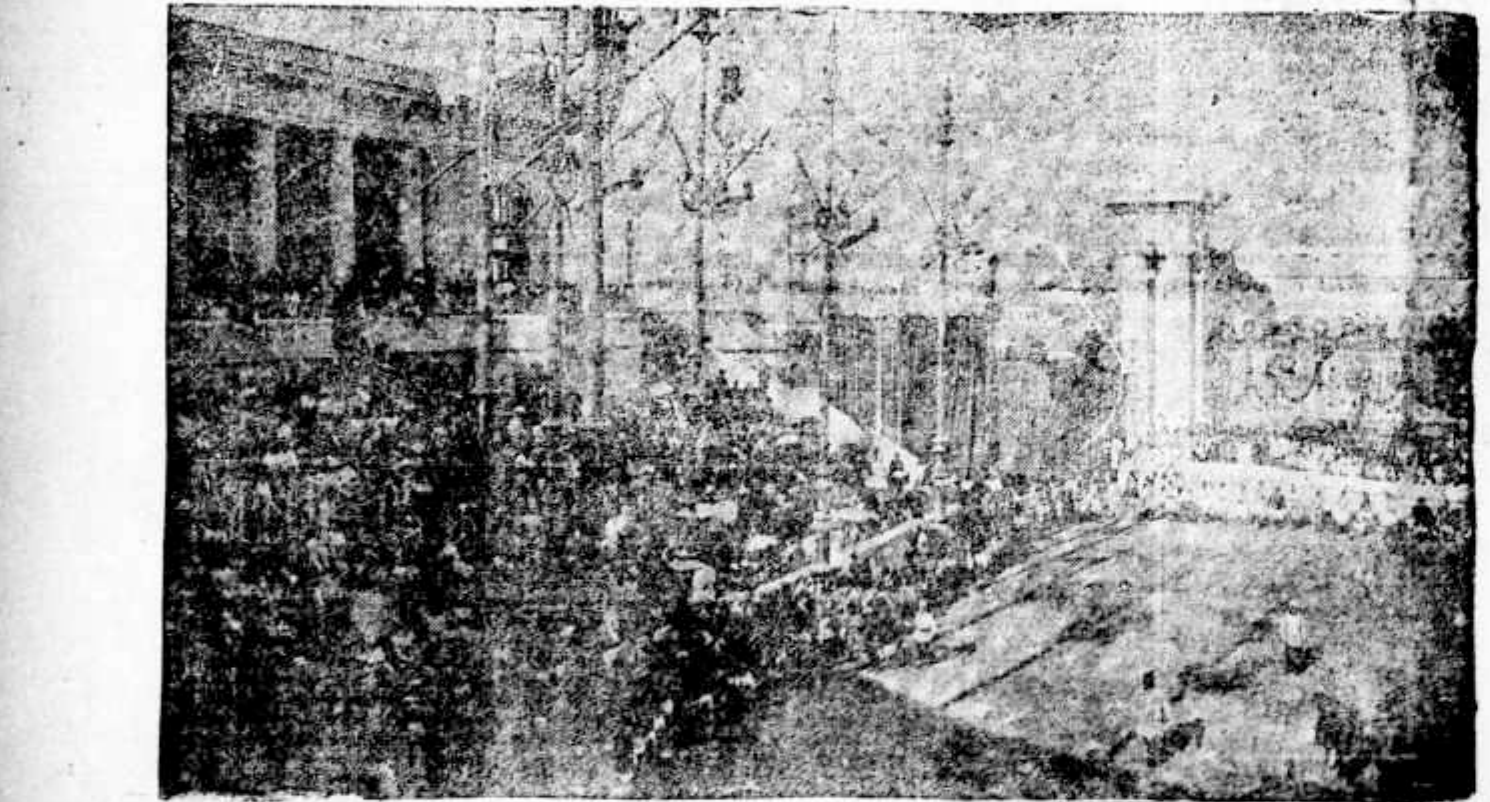
No Congresso da Tuberculose os drs. Jaquet e Triboulet, medicos dos hospitaes de Paris, mostraram a influencia terribel do absintho sobre a tuberculose da população parisiense, sobredos dos individuos de 20 a 40 annos.

Os medicos Estar e Castilleg, estudando a acção das bebidas alcoolicas sobre o desenvolvimento da tuberculose dos ossos e das articulações, provaram que os ossos doentes de Montpellier e Cotte bebiam sobretudo absintho! E os drs. Abadie e Cardenal observaram que em 14 tuberculosos atencidos da região bordelaise, 10 eram bebedores de absintho.

Ha quattr annos todos os operarios empregados e pequenos commerciantes tomaram o habito da beber dois ou tres absinthos por dia. Por isso, a musculatura e a mentalidade geral são mais fracas; a energia humana, a iniciativa, minúscula.

E se a succumbencia generalisa-se, em tal modo, que em 1905 os gastos de absintho em Marseilha são 25.000 francos.

—Estatos Unidos.



AREJA ROMANA, NA EXPOSIÇÃO DE BUCAREST

humilde que fosse, significando a pureza do seu affecto.

Assim resolvido, perambulou pela cidade, parando aqui e ali, a contemplar, nas vitrinas dos joalheiros, a scintillação das pedras preciosas, a variedade de mil artefactos de ouro e prata, os presépes, os bibelots, que se amontoavam nos mostradores das lojas, aquella infinidade de objectos de apurado gosto e luxo, que attiravam a attenção dos transeuntes.

João Pedro deteve-se por algum tempo na contemplação de uma mostra onde se enfileiravam, graciosamente, bonecas de todos os feitios e tamanhos.

No seu olhar perpassou um lambo de seus labios moveram-se feiamente, e talvez sem o sentir, impulsivamente, por uma força extranha, entrou em um movimento.

E, mentalmente, dizia elle:

—Maria vae chorar de alegria ao receber a boneca, rir-se de prazer, sabendo que ainda alimenta a ambição de possuir um fruto do nosso amor, um anjinho loiro, muito loiro, que seja a irrida borboleta do nosso lar tão pobre.

Diz-se Victor Hugo: —o primeiro filho é a continuação da ultima boneca. Uma menina sem boneca é quasi tão infeliz e tão incompleta como uma mulher sem filhos.

Em seguida, João Pedro lembrou-se de que não havia escripto á Maria.

Pediu tinta e papel e ali mesmo, sobre a mesa de marmore, encheu as laudas com uma letra nervosa, febril, gravando todas as impressões da sua alma bem formada, todas as suas esperanças, todas as esperanças que nutria.

Sahindo do café, notou que tinha esquecido a boneca para a sua

sendo-lhe com voz amorosissima e ternas:

—Estás com frio, papá?

Arlindo Leal

Por ahí além...

A TELEPHOTOGRAPHIA.

Lemos em uma folha de Lisboa: «Tal é este o nome da assombrosa descoberta que acaba de realizar o professor Korn, de Munich: a photographia transmittida pelo telegrapho.

—Bem o oigo, dizia-se antigamente, assim eu pudesse vê-lo, quando no extremo de um fio telephonico, coisa imperceptivel na immensidade do espaço, se ouvia a voz de alguém, era facil occorrer-nos este pen-

MOBGADINHA DE VAL-FLO.

Este drama de Pinheiro Chagas, que teve a sua 1ª representação em 3 de Abril de 1869, foi escripto para o theatro do D. Maria II, de Lisboa. Ali foi representado com grande exito, sendo o papel da Morgadilha de Val-Flo desempenhado por Emilia Adelaide e os restantes, isto é, os demais personagens, pelos actores Tasso, Cesar de Lima e Pinto de Cam-

No domínio dos microbios

Numa bella manhã de Maio do anno passado, quando entrava com Luiz Migone, professor da Universidade de Assumpção, na grande porta do Instituto Pasteur de Paris, alguém offegante, levando um ar pranteiro, nos maravilhou com esta noticia extraordinaria.

—Sabem? está descoberto o microbio da syphilis.

Estupefactos perguntamos, em uma só voz, cheios de curiosidade: —Qual foi o feliz mortal que teve essa gloria?

—Schaudin, um experimentador allemão.

O nome de Schaudin não nos era extranho. Apesar de contar ele apenas trinta e poucos annos, sabíamos da sua tradição de estudo e trabalho e estávamos certos que tendo annuciado um tal acontecimento havia, por força, de possuir provas cabaes da sua positividade.

Ao penetrar no Instituto Pasteur tínhamos a confirmação plena da nossa asserção.

Schaudin descobriu o microbio da syphilis por um roero acaso. Havia sido nomeado pelo governo allemão para fazer o estudo de verificação de um protocoario, que Schultz affirmou ter sempre deparado nas lesões syphiliticas, mas em

ticos na lesão inicial, nas papulas, nas placas mucosas, no pemphigus e no sangue.

Elle não se revela em nenhuma outra doença. A sua especificidade está ainda demonstrada pelas inoculações feitas em macacos e pela proliferação do germen na cornea do coelho, conseguida com um successo brillantissimo pelo professor Bertarelli, do Instituto de Hygiene de Turim.

A descoberta de Schaudin, nos domínios da hygiene e da microbiologia, tem uma importancia enorme.

Até ha bem pouco tempo o estudo etiologico da syphilis estava como que estacionario.

Depois da discussão do *duellismo* e das tentativas de Azias Turenne, Hamonic e Neumann para a inoculação da molestia em animaes pouco ou quasi nada se fez.

Emquanto a clinica progredia ao impulso fecundo de Fournier, Mauriac e Kaposi a pathogenia da syphilis naufragava nas tentativas illusorias de Lustgarten, de Doehle e outros a procurarem, como um filão de ouro, a causa productora do mal.

Hoje, porém, a questão mudou inteiramente de face.

As investigações sobre a syphilis encaminham-se agora para uma orientação muito mais positiva. Graças a presença dos spirillos na molestia

de humores e nos produz a syphilis.

A primeira asserção foi derribada por terra com as experiencias que acabamos de referir e a segunda mostraram também Metchnikoff e Roux, que não era verdadeira.

Estes autores conseguiram curar a syphilis não com soro nem vac-



Corte de uma capsula supra-renal procedente de uma criança recombinada e atacada de syphilis hereditaria—Método de Levaditi—Mannilius—Na preparação se observa grande numero de microbios em forma espirillada, que são os germes causadores da syphilis.

cia, trabalho complexo de laboratorio, producto biologico de composição mysteriosa, mas com um preparado pharmaceutico vulgar, ao alcance de toda a gente: a pomada mercurial, usada em fricções após a inoculação da syphilis.

Depois de terem experimentado, com o maior exito, este processo nos seus macacos, Metchnikoff e Roux quiseram ensaiar no homem.

Um joven estudante, Masoinneuve, neto do grande cirurgião deste nome, prestou-se á experiencia.

Este meço não tinha o menor signal de syphilis hereditaria nem adquirida.

Em 1.º de Fevereiro deste anno Metchnikoff e Roux inocularam neste rapaz a syphilis, por meio de escarificações, tendo, ao mesmo tempo, contaminado com o mesmo virus muitos chimpanzés.

Uma hora depois friccionaram a parte inoculada no estudante com uma pomada da seguinte formula: calomelanos, 10 grs.; vaselina pura, 30 grs. A mesma fricção foi feita nos macacos contaminados, mas somente depois de decorridas vinte horas.

Os resultados registados foram surpreendentes. O rapaz inoculado não apresentou nunca, desde o dia da sua contaminação, o menor signal de cancro, adenopathia ou de roseola.

Pode-se, pois, afirmar que elle não contrahiu a syphilis.

Deante do exposto, proclamam Metchnikoff e Roux, podemos dizer que as fricções de pomada de calomelanos, feitas uma hora depois da inoculação suspecta, tem um poder preventivo contra a syphilis.

Segundo informam cartas, que recebemos de Paris, Masoinneuve, o benemerito servidor da sciencia, goza de magnifica saúde tendo defendido, com grande successo, a sua these de doutoramento sobre a syphilis experimental, em cujas paginas o seu nome figura grandioso como um dedicado, sacrificando a sua vida em prol do esclarecimento da verdade.

Na 5.ª memoria, que Metchnikoff e Roux acabam de publicar nos *Annaes do Instituto Pasteur*, vem registado um facto de grande interesse.

Os sabios experimentadores conseguiram, por passagens successi-

vas do virus syphilitico, no organismo de macacos rhesus, obter uma attenuação notavel de sua virulencia.

Inoculando em outros macacos o virus, sem tratado não provocou senão lesões muito ligeiras e de curta duração.

Assim que em um caso o accidente primario se manifestou no fim de alguns dias de inoculação para desaparecer logo. Em outro macaco o virus, procedente do rhesus, provocou uma lesão tão insignificante que se podia mesmo duvidar da sua natureza especifica.

Ha um anno mais ou menos Metchnikoff e Roux, inocularam um homem de setenta e nove annos com um virus syphilitico, que tinha soffrido cinco passagens através do organismo humano.

A contaminação foi praticada pelo processo da vacinação jenneiriana sendo, na mesma occasião, o virus injectado nas arcadas ciliares de um chimpanzé e de uma macaca.

Os dois animaes tiveram lesões caracteristicas não apresentando o homem inoculado se não symptomas insignificantes: duas pequenas papulas proeminentes e cor de rosa.

Durante um anno, que durou a observação deste individuo, que nunca teve syphilis, não se registou adenopathia regional nem nenhuma outra manifestação especifica.

Metchnikoff e Roux citam ainda um outro facto muito interessante:

Um praticante do Instituto Pasteur, que fez parte das investigações experimentaes sobre a syphilis foi surpreendido, um bello dia, pela presença no labio superior de uma ulceração redonda. Esta ulceração desapareceu, passado algum tempo, sem adenopathia nem outro symptoma suspeito.

Dias depois, porém, a lesão reapareceu com os mesmos caracteres e identica localisação.

Bastante impressionado, o rapaz procurou o dr. Salmon que o examinou não encontrando symptoma:

algum capax de autorisar o diagnostico de syphilis.

Para maior segurança, inoculou-se um macaco com o producto da res- pectiva da lesão, e trinta e cinco dias depois desta inoculação, appareceu no animal um cancro typico, contendo numerosos spirillos de Schaudin.

Amedrontado com tal exito o rapaz procurou o professor Fournier que, como anteriormente o dr. Salmon, nada encontrou que justificasse o diagnostico de syphilis, achando inutil a instituição do tratamento mercurial.

O doente ficou ainda seis mezes em observação e durante este tempo não se notou o apparecimento da menor lesão suspecta.

E' claro, deante do que vem exposto, que o praticante que ia, todos os dias, examinar os macacos syphiliticos se contaminou com o virus, attenuado pela passagem no organismo dos animaes, virus cuja attenuação explica a benignidade da infecção de que elle foi portador.

Pelo que ligeiramente ficou escripto, vemos que estamos muito perto de possuir uma vacina contra a syphilis.

Bemdito o dia em que chegarmos a esse resultado!

A humanidade ficará, então, livre de terrivel flagello, que, como um novo Herodes, assassina a infancia, estropia a juventude, apressa a velhice e enche a existencia de tristesa, luto e desolação.

Ficaremos libertados da syphilis, desta ceifadora de vidas, que, como o alcoolismo e a tuberculose, nos amarra no pendo da dor e nos transforma em novo Prometheu, pontilhando a vida de lagrimas, queixas e misérias.

Ulysses Paranhos.

Jesus

Nasceu num humilde abrigo de gado; mal viu a luz do dia sentiu a perseguição do homem, menos racional do que os irracionaes que o respeitaram.

Sublime Jesus, cedo começaste a ensinar-nos a soffrer com tolera-

cia, pois que divino, como és, po-

dias ter evitado o soffrimento!

Para isso foi, porém, que o Grande Criador mandou-te á Terra: para amar e soffrer, ensinando-nos com o teu exemplo.

Elle fructificará, mas não tão cedo, porque ainda o egoismo nos leva a suplicar a tua caridade, sem que tenhamos caridade para com os outros.

Lada se dobra o nosso joelho nos templos do Christianismo, sem

ue a nossa alma rancorosa e altiva e curve humildemente.

O nosso amor á materia ainda é tão grande que nos faz esquecer a salvação do espirito.

Perdoo-nos Senhor! e envia-nos generosamente a Luz que nos desvendará a Verdade, fazendo-nos comprehender o vosso ensinamento, para que não tenhamos de pagar mais tarde bem caro a nossa indifferença.

Natal! O dia cheio de harmonias, o dia sacrosanto, traze para mais perto de nós a branca luz da Fraternidade, com a qual teremos de transpor os tempos da Paz Universal.

Ave! Redemptor do Mundo, protector da Terra.

Cruz Gomes.

Amôr-tortura

Não quero o amor que a humanidade sonha, feito de rancor, luto e de algaria.

Não quero amor que me mais se exige sem falvas de tristesa ou de algaria!

Não quero o amor que brilha e que fulgura, que amarra da tristesa e da dor, que não conhece a dor e a desventura. E não sei pois que o desconforte!

Quero, sim, este amor dos torturados! Amor que nada espera e nada almeja, que tem os olhos do olhar pichado e apenas vive da dor e da dor!

Amor que vive em cada coração, amor que vive no do sentimento puro! Porque quanto mais me torturam, tanto maior será minha virtude!

Simões Pinto

O NATAL

Não ha alma christã que, á proporção que va avançando em annos, não sinta o passar do tempo adormecido, vindo re-asserar a primeira quadra da vida, ao se approximar de Natal.

Tudo é alegria, nesse nos festivo, tudo floresce, tudo renasce, comemorando o nascimento de Jesus.

E de cada vez que um gallo de bico aberto cacareja, na sua onomatopoeia, o popular e tradicional *COCCO NASCO!* evademo-nos o espirito o alvoroço, a arie da vida infantil, alagando-nos, deslumbrando-nos a luz da infancia, do porphar dessa quadra de continuo rebeni e flores, de renascimento, de uma suggestiva e enternecida alegria.

O repleto de um sino, á distancia, no



Syphilis experimental do macaco obtida pela inoculação de um producto virulento. A lesão especifica se observa em A (Comunicação do Prof. Ivo Bandi e do dr. Simonelli)

vez de ver esse microbio corou um spirillo encontrado em todas as preparações feitas com material especifico.

Duvidando das qualidades pathogenicas do germen elle enviou preparações microscopicas a Metchnikoff pedindo-lhe para pesquisar também o spirillo nas lesões de que eram portadores os macacos anthropoides inoculados com syphilis por esse sabio.

O successo foi completo. Metchnikoff e Roux encontraram o novo microbio nos macacos e Levaditi ponde mostrar a sua presença nas visceras de crianças mortas de syphilis hereditaria.

O spirillo descoberto por Schaudin tem a forma de um saca-rolhas, muito movel e toma difficilmente as materias corantes.

O numero de voltas de suas espiraes é de quatro a quatorze e apresenta um cilio nas suas extremidades.

O spirillo de Schaudin tem sido encontrado em individuos syphili-

experimental ninguem mais poderá negar, que as lesões obtidas por Metchnikoff nos seus macacos não sejam filiadas á syphilis nem que tal ou qual phenomeno tenha sido produzido por contaminação outra que não seja a do spirillo de Schaudin.

O estudo da syphilis tem, repetimos mais uma vez, progredido muito nestes ultimos tempos.

A syphilis foi inoculada em 22 chimpanzés sem um só insuccesso.

Estes animaes apresentaram um periodo de incubação e accidentes secundarios extraordinariamente semelhantes aos do homem: placas mucosas, psoriasas, perturbações para o lado do systema nervoso, lesões visceraes etc.

Não satisfeitos com os resultados expostos Metchnikoff e Roux foram mais além.

Era classico em sciencia que a syphilis não se inoculava nos animaes e que o virus syphilitico injectado a individuos sãos da espe-

cie humana não produzia a syphilis.

Deante do exposto, proclamam Metchnikoff e Roux, podemos dizer que as fricções de pomada de calomelanos, feitas uma hora depois da inoculação suspecta, tem um poder preventivo contra a syphilis.

Segundo informam cartas, que recebemos de Paris, Masoinneuve, o benemerito servidor da sciencia, goza de magnifica saúde tendo defendido, com grande successo, a sua these de doutoramento sobre a syphilis experimental, em cujas paginas o seu nome figura grandioso como um dedicado, sacrificando a sua vida em prol do esclarecimento da verdade.

Na 5.ª memoria, que Metchnikoff e Roux acabam de publicar nos *Annaes do Instituto Pasteur*, vem registado um facto de grande interesse.

Os sabios experimentadores conseguiram, por passagens successi-



O Professor Elias Metchnikoff no seu laboratorio, do Instituto Pasteur de Paris. Metchnikoff e o autor dos varios estudos sobre a syphilis experimental, cujo resumo heje publicamos no trabalho de dr. Ulysses Paranhos.

FREI SATANAZ

(Lenda da Horda Media)

I

Nas bibliothecas de um convento (um frade da Horda Media estava em manuscripto)

Abriu-se um livro pelo Diabo escripto quando fez parte da communitade...

Era a novela de um amor maldito

Que teve satanaz na Horda Media

Por uma fante, que, na mocidade,

Votou a Deus seu coração constricto.

Este livro foi posto num braseiro

Deante dos monges do exemplar maldito

E reduzido a cinzas num momento...

E para que do livro não ficasse

Nem um espirito, da lembrança em face,

As proprias cinzas desapareceram e restou...

II

Nas pelo manuscripto do indistincto

Chamava-se satanaz logo, um dia,

Que existiu numa cella, secreta e fria

O heroe da historia desse extranho affecto.

E ninguém houve nessa confrica

Que não tivesse compaixão do que

E teito fado (libido escripto)

Que só em preces e jejuns viria...

Conta-se até que as folhas do Breviario,

Faz que encara o Diabo solitario,

Tinham signas de lagrimas... Côtado!

E que numa manhã de frio inverno

Foi encontrado o Tentador negro,

No seu gongolatorio, deambulando...

III

Numa noite de horrivel catadura,

—Notte sem astros, noite de procella,—

Conspiração os almas da capella

A doblar... a doblar... na torre escura.

Alguem agulhava numa cella?

—Foi o frade tridente e um ventoso,

Que em sua mão gubila e mal segura,

Fremia, em auras, uma cruz escripta...

Por entre os almas da mortada intensa

Outrora enla, dentro da noite tenebrosa,

O Herero num clamor profundo...

E a confrica e o mistero dize,

Entre as fúas da tempestade brava

Que para destruir o mundo...

IV

Foi posto na capella acesa, deserta,

Frei Satana, tão triste como o frade,

Alucido viscoso, sobre os fies,

De adoração pela bar barica.

E no outro dia, na capella escripta,

Debrava e suscitava: «Almas! Almas!

E a confrica, quei mal desguera,

Enterra na capella sem desce...

Mas qual não foi da noite morma e escripta,

Quando se viu no o mormo morma

Um espirito vivo e desconforto...

—Foi o frade que de escripta se portou

De um e de escripta de barica morma

E os almas confrica e de escripta...

(Frei Satana de Breda)

Wenceslao de Quelros

humilde, vem nos acressar a
cruza, a fé e, por maior que seja a po-
breza de um templo onde existam um
presépe, a imagem de Jesus, a Virgem
Maria, os Reis Magos, os Pastores, na
choupana ou no palácio, aquelle quadro
é para o gente, para o catholico, de
um fausto incomparavel, porque nelle re-
vive a sua alma de christão unida de
verdade; nelle revivem o seu passado, os
ensinamentos dos seus maiores; nelle en-
contra o conforto robustecido pelo amor
sincero, rendendo, sua oblação e prece,
o tributo devido ao Messias, ao Salva-
dor do Mundo, ao Christo humanizado
para soffrer pelos homenes e divinizado
para dar ao soffrimento um preço e um
valor infinito.

E esse quadro, quer ao alvorecer, nos
primeiros cantares do passado, annun-
ciando o raiar da aurora, quer ao decli-
nar da tarde, quando o sol vai se escon-
der na ultima linha do horizonte, é
magistoso!

E para ver-nos genuflexos, contritos,
velhos alquebrados, de olhar bondoso,
crianças meigas, em cujos labios brilha a
innocencia, mites a quem as fadigas do
dia nos fazem desdobrar as caricias, o

mem se desengana do homem, e a
alma precisa do ideal eterno, na me-
lancolia das épocas agitadas e tene-
bras, diante da injustiça ou da du-
vida, da oppressão ou da miseria, é
no crystal das tuas fontes que se vai
saciar a nossa sede.

Deixaste-as abertas na rocha da tua
verdade, e ha desenove seculos que
borbotam com o mesmo frescor sem-
pre das primeiras lagrimas daquelle
cuja maternidade virginal desabrochava
hoje na flor da redempção christa.

Tamalha é a tua grandesa, que
excede todas as do universo e da ra-
ção; o espaço, o tempo, o infinito,
acima das quizes a cruz da tua trage-
dia espantosa parece maior que os
vãos da metaphysica, as immensidades
do calculo e as hypothese do so-
nho.

Dahi a palavra e a imaginação re-
cunam assembradas, balbuciando:

A creatura sente o teu amor, mas
tremendo.

Vê-se alvorecer a eternidade na ma-
gificencia de um abismo que se rasga

benfeitores, a quem concedeste a
benção de amar um menino, e que
o têm nos braços, ou o perderam,
vem nelle a tua imagem, a copia
idealizada pela fé e pelo amor, do
eterno typo do bello.

Divinisando a infancia, nascendo e
florescendo com ella, deixaste a es-
pecie humana a reminiscencia mais
amavel e celeste da tua misericor-
dia para commosco.

De cada casa onde permitiste que
gorgeie e pipile esta manha um des-
sa ninhos tecidos pela providencia
das mães, no meio das nossas ago-
nias, estão exhalando para ti as sup-
plicas e os hymnos do nosso alvo-
roço.

Por essas creaturinhas, Senhor, é
que o nosso espirito se peja da cui-
dados, e a nossa previsão agora mes-
mo anteceia de agoiros funestos, se
te não vissemos de primeiro entre
ellas e o futuro carregado e temeroso.
Deus benigno e piedoso, que em ca-
da uma dellas nos deixaste a imita-

ção, está dividida em duas catego-
rias, perfeitamente distinctas e vi-
gorosamente delimitadas: a im-
prensa partidaria e a imprensa
industrial. A primeira, subor-
dinada orthodoxamente aos ca-
nones privativos e a disciplina re-
gimental de certas e determinadas
facções politicas, não pôde apreciar
as variadas e complexas questões
propostas ao debate publico, senão
através das conveniencias internas
do partido que representa, e que
nem sempre coincidem com as
verdadeiras conveniencias geraes
do meio em que funciona.

A segunda, fazendo do jornalis-
mo um puro ramo de exploração
commercial, uma fonte permanent-
e de lucros profissionais rendosos,
um meio habitual de vida, não tem
por alvo honra, por sagrada mi-
ra, por sincero escopo, a nobre in-
tenção de orientar elevadamente o

e numa obliteração de vergonha.
Mas—isto é que lhe importa
principalmente—não perde o leitor
de todo o dia, o freguez da mol-
hada, o freguez dos annuncios, o fre-
guez dos edificaes. No campo da
esthetica, na arena da politica, no
dominio da moral, similhante jor-
nalismo não quer ter, não pode ter
e não tem opinião propria, opinião
redactorial.

Opinião responsavel: esposa a
média das opiniões de todo o mun-
do, pensa, como todo o mundo, e
assim é tido por todo o mundo.
Não é um oceano tumultuario, com
suas fortes vagas caturgescidas,
em cujo translucido crystal se es-
pelha o palpitante revão das aves
forasteiras e resplandeco o claro
céo constelar das noites de pleni-
lunio.

E um mornel paludico e parado,

lencias, ou, antes, a todas as in-
competencias.

O ascriptor, em vez de emitir,
sinceramente e desassombradamen-
te opiniões originaes, opiniões for-
tes e sobranceiras, com a rectilinea
convicção das consciencias probas,
limita-se, por calculo, por incapaci-
dade ou cobardia, a transmitir ao
orgam que dirige uma funcção
mecanica do phonographo popu-
lar, quotidiano receptaculo das con-
tradictorias suggestões do meio.

Porque o facto em sua triste, em
sua brutal, em sua desoladora ve-
racidade é este: os organs brasi-
leiros da imprensa diaria de São
Paulo são geralmente regidos por
escriptores que nada escrevem.

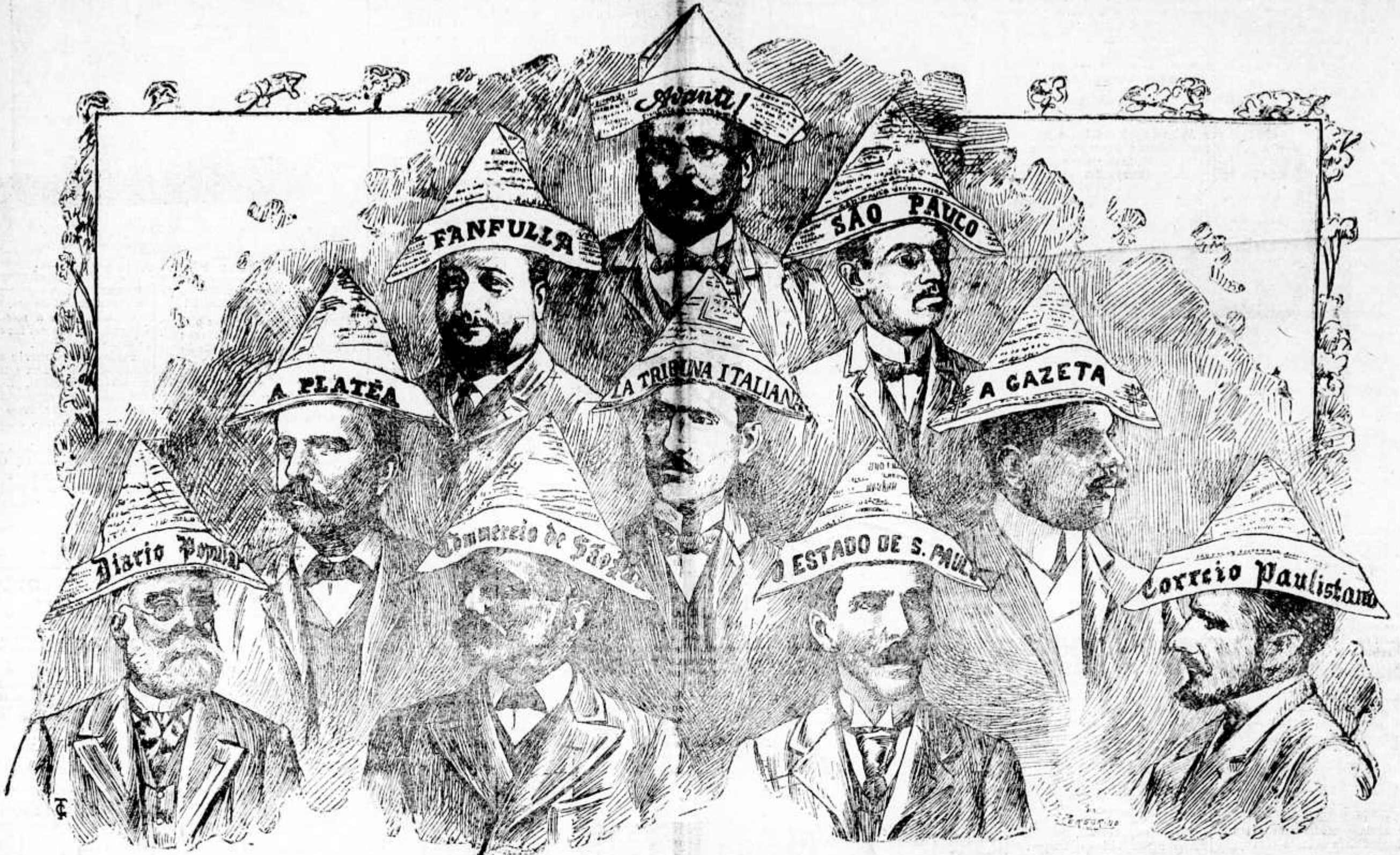
Os artigos de polemica e de
combate, os artigos de doutrinação
e de politica, os artigos de interesse
commum relativos a questões eco-
nomicas, os artigos literarios, os

As mãos e a consciencia

Na grande sala do Pretorio, son-
tado no throno, com o busto ligei-
ramente inclinado para a frente,
envolto na larga toga roçagante,
numa attitude de majestosa indo-
lencia, Poncio Pilatos interrogava
a Jesus de Nazareth.

O povo judaico, numa encheite
rudiora, invadia o vasto auditorio
e derramava-se em torão, num sa-
cudido ondular de cabeças, que tra-
duzia o seu enorme anseio de curio-
sidade. Sacrdotes do templo, de
mistura com a plebe, alongavam o
pescoço, numa feição adunca de
aves de rapina, enfiando o nariz
por cima dos hombros que mura-
vam o recinto.

E gesticulavam nervosamente.
Os soldados romanos, agitados



Jornaes e jornalistas da capital

amor maternal, ante o quadro do nasci-
mento de Jesus.

Maria, a Virgem de Jesus, a pombar
mystica: José, o casto esposo, contem-
plam o filho amado, penetrando o olhar
no lyrio parisiense, na preta estreme-
cia, enquanto os Magos o perfumam,
os pastores o aloram, os fideis o contem-
plam.

Simple e solenne quadro!
Ao ovirnos o repicar de um sino lon-
gínquo, retuluramos a primeira quadra
da vida: parece-nos ver a capellha do
bairro onde, na noite do Natal, o pre-
sepe é illuminado a luzes de cera, cheio
de rosas, nargericos e alerim do campo;
aromatizado a incenso e alfazema,
ovindo enlora ladinhas e byres, para
depois seguirem-se nas canas dos arre-
dores os balharicos, as danças populares,
os improvisos, as trovas, os desafios, em
torço do nostro onde fluctua a bandei-
ra do Deus Menino, tendo no typo flo-
res e frutos.

Nessa quadra, nos campos e nos mon-
tes, a doce musa montanhosa e sylves-
tre tem a inspiração mystica das len-
das, da luz rosa e dourada das alvoras,
das dos frontões e dos gemidos das ar-
aes campaesinas.

Vem-se entre osmaços, vellos, tipos de
patriarchas das florestas, que ali vão to-
mar parte no reboico festivo, nos rios
das crianças, nos descanes da juvenu-
de, a luz das estrelas, tendo a delicia e
o gozo de ouvir a inspiração do senti-
mento popular, do bando que exclama:

—Ao presepe! Ao presepe! cantando o
verso:

ESTA CASA CITEIRA A ROSA,
palmitando alegres o torrei em ara
cútiros e requieiros.

E nessa quadra de festas que o capri-
to revive, espandido da poeira das de-
silências.

E porque estamos no mez de Dezem-
bro, e batemos a porta a festa do Natal,
saudamos o nascimento de Jesus, o Mes-
sias, o Salvador do Mundo.

C. Macedo

Prece de Natal

Mysterio divino em cujo seio, ha
mil e novecentos annos, se desenvolve
a civilização humana, perdoas que
deste lugar de fragrances e paixões
ousam edificar com o pensamento a
tua pureza.

Os moldes da unica eloquencia
capaz de te não profanar quebraram-se
com a ultima inspiração dos teus
livros sagrados.

Desde então, de cada vez que o ho-

no céu; mas nas suas arestas alguma-
coisa ha de sombra e de ameaça.

De onde, porém, tu penetras no
coração de todos com a doçura de
uma caricia universal, é daquelle
presépe, onde a tua bondade nos ama-
nheceu um dia no sorriso de uma
criança.

Enquanto Cesar cuidava do impe-
rio e Roma do mundo, noscunhas tu
no canto de uma provincia e na villosa
de um estabulo, sem que Roma nem o
imperio, nem Cesar te percebassem,
para ficar a posteridade a lição, inde-
level de que a politica ignora sem-
pre os seus mais formidaveis in-
teresses.

Tiveste por beryo as palhas de um
curral.

A ultima das mães sentir-se-a hu-
milhada, se houvesse de reclinar o
fruto de seu regaço no sitio abjecto
onde recebeste os primeiros carinhos
da tua.

Mas a mangalheira onde sobriste
os olhos a primeira luz, rescende até
hoje o perfume da mais exquisita
poesia, e o dia do teu Natal fez-se
para a christandade o mais formoso
dia da terra, o dia azulado e cor de
rosa entre todos, como o céu da ma-
nhã e o rosto das crianças.

Ellas, de geração em geração, fici-
ram sabendo para todo sempre a his-
toria do teu nascimento.

E nessas festas do seu contenta-
mento e da sua innocencia tens, ó
Deus dos manes e dos fracos, dos hu-
mildes e dos pequeninos, a parte
mais limpida do teu culto, o raio
mais meigo da tua influencia bem-
fazeja.

Esses ritos infantis estrellam de alegria
as neves polares, orvalham de
suave humidade os fulgores tropicaes,
estendem o firmamento debarxo do
nosso tecto, e dentro do nosso es-
pirito mortificado, inquieto, triste,
põe uma hora de alvorada feliz.

Christo, como te sentimos bom,
quando te vemos entre as crianças, e
quando as crianças te encontram en-
tre si.

Despidio a tua magestade toda,
para cobrir-nos de mulher e no
tamalho de um pequenito, assentas-
te sobre as almas tuas imperio subtil
e irresistivel, por onde a espontanei-
dade da nossa adoração continua-
mente se renova e embalsama nas
origens da vida.

Todos aquellos, paes, irmãos, ou

tura da tua face desnubhada, poupa-
as a expiação das nossas culpas.

Multiplica os nossos soffrimentos
em descanço dos seus.

Dobra-lhes o porvir de teu riso
contapassivo.

Curra a nossa patria da aridez da
alma que a mata, semeando a tua
semente nesta geração que despenha.
Permitte, enfim, que os nossos fi-
lhos possam celebrar com os seus em
dias mais ditosos a alegria do teu
natal.

Ruy Barbosa

Imprensa Paulista em 1904

A imprensa diaria da capital de
S. Paulo (e não vem nestas linhas o
menor proposito de irrogar im-
competente censura aos nossos es-
critores collegas, mas apenas a
constatação positiva dum phenome-
no social)—a imprensa diaria de
S. Paulo, affirmamolo sem vacilla-

ção publico, de nutrido de ali-
mentos espirituos, confortadores e
tonificantes, de preparo, de
educal, em summa.

As contrario: auctoria de perito
o latejamento febril da alma col-
lectiva das multitudes inquietas,
que passam, e que repassam, num
renovação frenética de appeti-
tos a saclar e de aspirações a al-
teudar, num rumor-jo largo e so-
noro, num marulho glorioso e tri-
umphal de ondas bravias que se
espallam e de ondas romansas, a que
se refugem, de idéas que vencem e
de idéas que morrem...

O trabalho de meditar é, por via
de regra, penoso e desagradavel, e
o nosso povo, a ser obrigado, pela
talento e pela autoridade do jor-
nalista, a esse fatigante labor prefere
escrever simplesmente o eco volu-
ptuoso de suas proprias emoções,
dobrando-se destarte a indolencia
cia organica que constitue o funda-
mento innato das raças tropicaes.

Pela mesma razão, a tarefa jornal-
istica é a mais facil e mais leve, tor-
na-se mais simples e, sobretudo
vialis accessivel a todas as compe-

tenças de arte e as chronicas
de sport, a critica, o verso, as dif-
ferentes seccões, finalmente, são
feitas pelo contingente dos colla-
boradores generosos, que não re-
presentam nunca a opinião dos jor-
naes que trabalham.

E—como se vê—uma inverção
total de postas e de funcções.

Claro é que a missão jornalistica
de falar a verdade a dirigentes e a
dirigidos, aquelles que representam
o dinheiro e aquelles que repre-
sentam o trabalho, aos que domi-
nam pela força e aos que influem
pelo numero; essa missão angus-
ta não exige do escriptor pendera-
ção do cavalheiro polido a ado-
pção irracional do subversivo pro-
loquio.

—Veritas super omnia,—a verda-
de expressa sobre todas as coisas,
com o sacrificio de todos os escri-
pulos, com o recalcanento de todos
os affectos, com o abandono immo-
ral de todas as noções do proprio
pundonor e do decore alheio. Para
que uma qualquer verdade seja dita,
é mister, antes de tudo, que ella
seja necessaria e util, que ella
afecte os superiores interesses do
bem publico, que ella aproveite a
sociedade, que ella dignifique, per-
dure como um exemplo, moralise
e instrua. Dizer a verdade simples-
mente porque é verdade, simples-
mente por dizela, sem ter em vista
as vantagens ou desvantagens de
sua vulgarização, é uma pratica
nefasta, é um acto reprovavel de
maldiciencia e de protervia, é ge-
neralizer o mexerico, é explorar o
escandallo, é explorar a sociedade,
é perverter o povo.

Alberto Sousa



RETRATO ARTISTICO DA FAMILIA IMPERIAL DO BRASIL

do Pretorio, son-
n o busto ligei-
para a frente,
toga roçagante,
majestosa indo-
mentos iuterrogava
1.

numa enchente
vasto auditorio
torno, num sa-
abacões, que tri-
anceio de curio-
do templo, de
de, alongavam o
do aduoca de
quando o nari-
bros que nuna

nerosamente
os, agitado

reno do dever, muito embora este
va de encontro aos altos interesses
de um Cesar!
As mãos se lavam numa pouca
d'agua, mas um Jordão de lagri-
mas é insufficiente para tirar a
mancha de uma consciencia!
Baptista Cepellos.

A CARIDADE ANTES DE JESUS CHRISTO

A maioria dos theologos catholicos,
e com elles numerosos christãos, es-
pecialmente sectarios intrasigentes,
pretendem que a caridade decorre ex-
clusivamente dos Evangelhos, porque
antes destes, dizem, não era pratica-
da tal virtude. A averiguação da ver-
dade a respeito, tentou-nos, porque,
embora trabalhosos, a julgamos con-
veniente e oportuna como prologo a
esta obra (1); e quanto lemos e es-
tudamos sobre o assumpto, formos-
nos a convicção de que a caridade
era praticada por povos e raças dif-
ferentes, desde milhares de annos
antes do nascimento de JESUS CHRISTO,
e tambem a de que nos Evangelhos
se encontram pacientemente compli-

reuniesse na palavra *caridade* os effei-
tos das duas virtudes. Seria, talvez,
pobresa de linguagem, mas não ca-
rença de tão elevado sentimento, que
elle cultivou com verdadeiro amor.
Ainda hoje, pessoas ignorantes das
subtilidades theologicas, pedem escusa
dizendo: «Tende piedade de mim».
Imploram, pois, a caridade publica
com a mesma phrasa de que se ser-
vião os mendigos de ha trez mil annos...

E' claro que a enunciação desta
verdade em nada offusca o brilho
intenso da luz dos Evangelhos, por-
que estes excedem, em pureza de
sentimentos e elevação da moral, to-
dos os livros antigos, todas as leis
antigas. Desejamos apenas, impulso-
nados pelo espirito de justiça que
deve inspirar todo o christão, de-
monstrar que, não obstante a sua
relativa ignorancia, os homens que
viveram antes do nascimento de Je-
sus tambem distinguiram os vicios e
virtudes, embora honrassem uns e
condemnassem os outros; e não é pouca
gloria que cabe ao christianismo de
haver feito desaparecer o vergonho-
so culto dos vicios e transmutado
certas leis moraes, tornando a cari-

que parcos não estar longe da verda-
de, podemos calcular approximada-
mente a grande somma de materias
dispersas que o grande CONFUCIO teve
ocasião de compilar. Imagine-se quan-
tas maximas e leis moraes possua
aquele povo, quando sabemos que
uma das mais favoritas de JESUS, que
subiu ao throno no anno de 2337, era
a de socorrer os pobres e infeli-
zes... (2)

A doutrina de CONFUCIO e de MEN-
CIO, deve, pois, ser a mais antiga,
visto o primeiro destes philosophos
nada mais haver feito do que coordi-
nar os documentos existentes, e isso
com rigoroso escrupulo, por ser apai-
xonado admirador da antiguidade. A
influencia civilisadora de CONFUCIO,
fallecido no anno 479, chegou aos nos-
sos dias. O *Chou-king*, uma de suas com-
pilções das antigas leis moraes, de-
monstra que os chinses eram já tão empenha-
dos em melhorar a sua condicção, que
os moralistas contemporaneos as
suas excediam. Foi CONFUCIO quem esta-
beleceu as «cinco virtudes capitães»,
sendo a primeira destas «a humani-
dade», isto é, a caridade universal
para com os individuos da nossa espe-
cie sem distincção.

LUN-YÉ, discípulo, commentador e
continuidor de CONFUCIO, diz que a
doutrina deste «consiste unicamente
em possuir a rectidão do coração e
amor o proximo como a nós mesmos». E
CONFUCIO explicava que esta doutrina
era tradicional e não nova... Nota-
vel escriptor diz que parece ter sido
aceite na China, na alta antiguidade,
o dogma «da existencia de um Deus
tão poderoso e remunerador, que
aproxima do Christianismo os pri-
meiros philosophos chins; e diversas
passagens de CONFUCIO levam-nos a
acreditar que elle o admitia, não
obstante apoiar as suas ideias de mor-
tal e de justiça sobre o principio do
amor da ordem.

O segundo dos *Quatro volumes clas-
sicos*, escriptos por TSEI-TSEI, filho de
CONFUCIO, é uma explicação do *com-
modo da virtude* que se deve constante-
mente seguir, da *regra da condicção
moral*, que deve estar sempre presen-
te nos olhos, da *humanidade*, ou *bene-
volencia universal para com os homens*,
que deve ininterruptamente exercitar-
se. Tais principios moraes acham-se
contidos nos Evangelhos, e TSEI-TSEI
morreu quatrocentos annos antes del-
les serem escriptos.

Ainda neste livro de TSEI-TSEI se
encontra esta lição (cap. XXVI), que
não podemos deixar de transcrever:
«... o homem soberanamente per-
feito, não cessa jamais de praticar o bem
e trabalhar para o aperfeiçoamento
dos outros homens», e descreve a per-
fecção, para que o homem possa go-
vernar os povos e, pela sua facilidade
de ter uma alma grande, affável
e doce, seja capaz de dispor do po-
der de espolhar benefícios com profusão
e «de fazer reinar a justiça e a equi-
dade».

TCHING-TSEI, commentando LUN-YÉ,
de quem falei já, diz que o fim des-
te foi fazer conhecer a *virtude da hu-
manidade* ou a *benevolencia universal
para com os homens*, que era o prin-
cipal ponto dos discursos de CONFUCIO.
Esta *benevolencia* não será a *caridade*,
tal como nós a comprehendemos?

MEN-CHO, o outro philosopho e dou-
trinador chinez, contemporaneo de
CONFUCIO, proclama a *benevolencia*, de
que falei já; a *piedade filial*, a *ternura
universal*, a *sinceridade*, a *fidelidade*, a
virtude que era e embelleza uma
pessoa. A moral que transpira dos
livros sagrados dos chins satisfaz
qualquer christão; e se da esphera dos
moralistas e philosophos passaram cu-

mulassem. Este elevado preceito, pré-
gado mais tarde pelo christianismo,
só por elle foi seguido nos primeiros
seculos. Os hindus soccorriam os in-
digentes.
O budismo, que ainda não se ve-
rificou bem se é uma modificação do
brahmanismo ou se este o é dele, e
ao qual se concede o estabelecimento
uns 1000 annos antes de nossa era,
repudia a divindade das castas e seus
dogmas benedictos tornaram virtu-
des os irreverentes asiáticos, chegando
a sua influencia até a Siberia.

Um dos preceitos dos antigos sa-
cerdotes dos gallos e britannos era

admiração de todas as gerações, na
segunda, na *Odysseia* (VI), vemos SAT-
ACAS exclamando: «Este homem é
desgraçado, soccorram-no; todos os
estrangeiros e mendigos vêm de as-
sistir, o que quer dizer de Deus».

Quando JESUS veio ao mundo, ha-
via quinhentos annos que a moral
era proclamada e praticada na Gre-
cia; as leis, em verdade, não eram
tão completas e ao mesmo tempo tão
simples como as dos Evangelhos;
mas SOCRATES, PLATÃO e ARISTOTELIS
havião escripto, alguns seculos an-
tes, passagens excellentes sobre moral,

atravessaram a vida, no meio da po-
breza mais absoluta, soffrendo as
maiores necessidades, quando lhes
seria facil galgar as mais elevadas
posições.
Os cynicos iam, «pregadores no-
mas e a maneira dos prophetas
hebreus, declamando contra a decom-
posição moral, corrupção dos costu-
mes, olvido das leis da natureza, amor
das riquezas e dos prazeres; contra
todos os vícios dos homens e imper-
fices da sociedade». A philosophia
de JESUS entrou antes do Christianis-
mo na fraternidade das raças e das
nações. A obra de ANTIPTERES, fi-

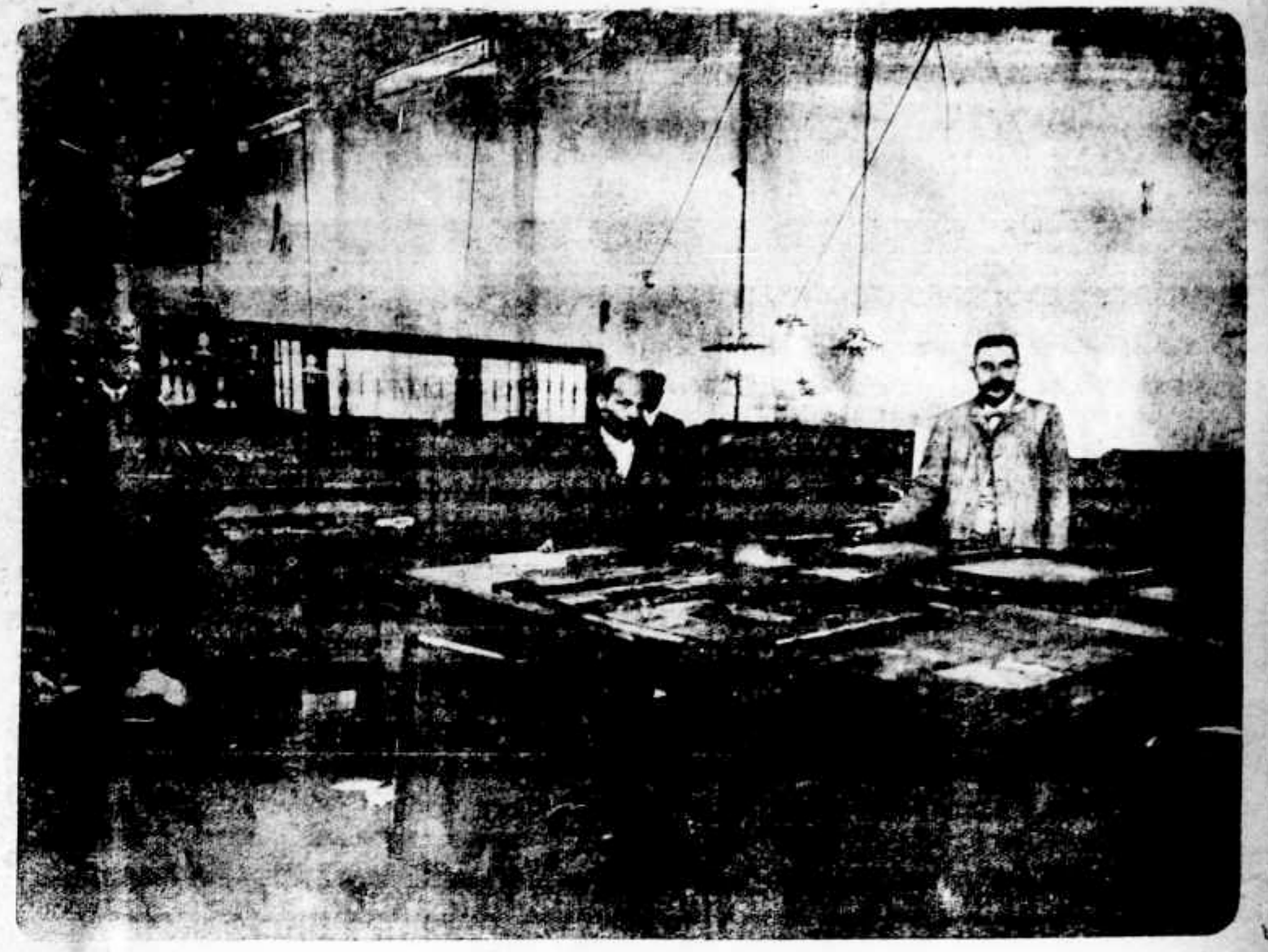
erianças. Os orphans ficavam guar-
dados aos protectores, é certo; e a
protecção foi disputada ardorosamen-
pela Igreja, que o obteve...
Muito antes de CHRISTO, já existião
entre os povos barbaros, a boira de
estradas ou em sitios ermos, albergo-
rias que aproveitavam aos passagei-
ros. Os Romanos davam esmolas, e
imperadores associavam-se à caridade
particular: só como auxilio às per-
soas que recolhiam e educavam os
phans, AUGUSTO concedeu 2.000 sestec-
cios de subsidio. Sua mulher, a imper-



Theodoro de Moraes
CHEFE DA REDACÇÃO DO «COMMERIO DE SÃO PAULO»

lhos e sabiamente condensados todos
os principios e leis moraes desses di-
versos povos e dessas diversas raças.
Raras são, effectivamente, as leis
moraes consagradas pelos Evangelhos,
que eram desconhecidas antes de
JESUS; decerto, mas são agora mais
concretas e outras mais claras e todas
mais perfeitamente obedecidas; mas a
semente é velha... A JESUS devemos
um melhor preparo do terreno para
a sua germinação; devemos-lhe uma
ordenação tão sabia que, volvidos
mil e novecentos annos, não ha ne-
cessidade ainda de alterá-lhe os dis-
positivos. Derivar, porém, do chris-
tianismo, a pratica da caridade, é
pretender contestar a verdade histo-
rica.
Uma vez que a humanidade atin-
giu um certo grau de civilização, e
organizou as sociedades, os povos que
as constituíram exercitaram o senti-
mento da caridade, pois disso não
deixaram innumeras provas, quer os
asiaticos, quer os africanos, quer os
europeus. Existiu sempre no homem

uma irmã da humanidade, quan lo antes
o era da *piedade*.
Mas não é nobre negar aos antigos
as virtudes que elles tinham, ou so-
phismas, augmentando-lhes a enor-
midade dos vícios em que se deba-
tiam. No coração humano sempre
existiu o sentimento da caridade:
nunca o homem deixou de mostrar-
se compassivo e generoso, mesmo nos
tempos da maior ignorancia e da
maior immoralidade. Um relancear
de olhos sobre as bases das religiões
primitivas o prova á sociedade; a au-
gusta moral que dellas distilla mos-
tra que a humanidade não vivia alheia
à pratica das virtudes, nem logica-
mente poderia viver, desde que au-
torizava as suas acções e os seus
costumes a uma regra de moral, e
esta existiu sempre em todas as epo-
cas e em todas as sociedades organi-
zadas, não tão perfeita como a mor-
tal christã, mas bastante adiantada
para tempos tão recuados, embora
alguem diga que «as instituições mo-
raes» da antiguidade estão em con-



MECA DA FABRICAÇÃO DO «COMMERIO DE SÃO PAULO»

este: «O dilettante que neste mundo
se dá, no outro se recebe». Esta lei
devidica está contida nos Evange-
lios.
Os prophetas do seculo VII (3)
tambem nos deixaram excellentes re-
comendações, abundantes de sa mor-
tal, repletas de sentimentos caritati-
vos. ISAIAS (cap. I, v. 15) disse: «Ces-
sai de fazer o mal, aprendei a fazer
o bem, exerceri a justiça, alliviei os
opprimidos, defendei a viuva e o pu-
pilho». E o rei contemporaneo ba-
BILIZ, dirigidos ao rei SAMOICO-
NOA (cap. 5, v. 23): «Resgatai vossos
pecados com esmolas, pode ser que
Deus se apiedé de vós».

Se nos voltamos para a Grecia, o
que tem até merecido o elogio de
alguns theologos.
Ora, é exactamente quanto á mor-
tal, que estes, em sua maioria, não
deixaram de reconhecer. Já frisa-
mos a intrinseca extranheza.
Luz o abade NEGROB, por exem-
plo, que não existiu nunca, nem
pode existir, uma moral qualquer,
desde que falte a crença numa bem
vinda do crime e remunerador da
virtude. Já frisa-amos a hypothese, aliás
bem acceptavel, desta crença ter exis-
tido na China em tempos immemo-
riales, mesmo, porém, que não o ad-
mittissemos, nem por isso pod-
riamos negar que essa crença existiu
sempre na Grecia, superiormente per-
sonificada em APOLLO, de modo que
é logico que existisse moral, alem de
deus, entre os pagãos, os demais de-
uses que elles adoravam a seu modo,
eram naturalmente o objecto de sua
crença. E' neste que reside a intrin-
seca dos theologos, intrinseca
tanto mais reparavel quanto a certo
que ninguém tenta negar que JESUS
estabeleceu uma moral mais pura e
mais simples do que as philosophias
existentes, e que della fez um código
que rapidamente mudou a face do
mundo então conhecido.

A gloria de JESUS consiste em nos
ter dado leis de moral que permane-
cem inalteradas e que não se vê ne-
cessidade de alterá-las, não, para
nós e para a nossa epopeia, perfectas,
porque reduzião o orgão a quali-
dade de *res* e elevaram a humi-
lidade a qualidade de *virtude*. Esta
transmutação da moral greco e roma-
na é o maior elogio dos Evangelhos.
Voltando a occupar-nos dos Gre-
cos, começaremos por alludir um
testamento que revela a pratica da
moral para muito antes de SOCRATES,
o mais antigo dos tres philosophos
que citamos, e que fallou no anno
470. E' PORPHYRIUS quem escreve: «El-
le (SOCRATES) inventou, dizem, a mor-
tal. Outros, antes d'elle, a haviam
posto em pratica, e referem-se a AN-
TIPTERES, a SPARTA, a LEBONDA, e diz
que antes de SOCRATES LOUIT a virtu-
de, a Grecia abundava em honras vi-
tuosas. Objectar-nos-hão, talvez, que
estas virtudes, primitivas, confessa-
das até pelo proprio CHATCAUBRIAND,
não se incluem a *caridade*. Bastar-nos-
ia, para refutar tal asserção, citar as
palavras de VICTOR COUSIN, podendo
ser benedictos sem ser virtuosos, mas
não se pode ser virtuosos sem ser
benedictos.

Podémos, ainda, expor e provar
que os Gregos davam esmolas aos
pobres, e que estas consistiam em
dinheiro, alimentos, roupas e até ca-
sas para moradia. EPICTETO tem pas-
sagens que a caridade christã ja
mais excedeu.
Sabese tambem que os athenien-
ses tratavam os seus escravos com tan-
ta doçura, que estes jamais se revol-
taram, como fizeram em outras partes.
No seculo V o historico ALPHABUS
diz: «Costa fez livres todos os ho-
mens; ninguém é escravo por natu-
reza». No tempo de JULIO OS escravos
eram tratados com caridade e fre-
quentemente allorçados.
E' igualmente sabido que na Gre-
cia havia um bairro, o *Quarteto*, no
qual se achava o estabelecimento de
caridade, destinado a receber e edu-
car os orphãos. Ora, queremos as-
sistir que estes actos, na linguagem
christã do nosso seculo, se conside-
ram manifestações da caridade.
Convenhamos aqui falar nos cynicos, que
eram sublimes moralistas que se cha-
mavam PLATÃO, ANTIPTERES, CRY-
TES, DIOGENES e muitos outros, que

lia de SOCRATES e tudo de STOICISMO,
tem merecido applausos dos escripto-
res os mais imparciaes, e entre elles
os doutores da Igreja são anonymo
e são JOÃO CHRYSOSTOMO.
Falamos já em DIOGENES, um dos
mais fervorosos cynicos, cujo nasci-
mento occorreu no anno 413. Foi elle
quem proclamou a *igualdade da condi-
ção humana*, principio este que mu-
ltos supponham derivar do Christianis-
mo, mas que até se encontra nas leis
indianas: «Homens, somos todos
iguais». DIOGENES usava dizer que a
alma se fortifica pelo exercicio da
virtude, e XENOPHON, de Corinto, com-
prontou a uns escavagistas piratas
para lhe educar os filhos, por o ouvir
declarar-se o *acordo da liberdade e da
caridade*. E' bom salientar que os cy-
nicos viviam philosophando e não
digando; ora, se mendigavam, e por
que havia quem desse esmolas, quem
fosse caritativo.

Passemos a Roma, porque a Roma
augusta tambem teve virtudes; ocu-
lta-las é impossivel, como impossi-
vel a de SOCRATES e tudo de STOICISMO,
tem merecido applausos dos escripto-
res os mais imparciaes, e entre elles
os doutores da Igreja são anonymo
e são JOÃO CHRYSOSTOMO.
Falamos já em DIOGENES, um dos
mais fervorosos cynicos, cujo nasci-
mento occorreu no anno 413. Foi elle
quem proclamou a *igualdade da condi-
ção humana*, principio este que mu-
ltos supponham derivar do Christianis-
mo, mas que até se encontra nas leis
indianas: «Homens, somos todos
iguais». DIOGENES usava dizer que a
alma se fortifica pelo exercicio da
virtude, e XENOPHON, de Corinto, com-
prontou a uns escavagistas piratas
para lhe educar os filhos, por o ouvir
declarar-se o *acordo da liberdade e da
caridade*. E' bom salientar que os cy-
nicos viviam philosophando e não
digando; ora, se mendigavam, e por
que havia quem desse esmolas, quem
fosse caritativo.

Passemos a Roma, porque a Roma
augusta tambem teve virtudes; ocu-
lta-las é impossivel, como impossi-
vel a de SOCRATES e tudo de STOICISMO,
tem merecido applausos dos escripto-
res os mais imparciaes, e entre elles
os doutores da Igreja são anonymo
e são JOÃO CHRYSOSTOMO.
Falamos já em DIOGENES, um dos
mais fervorosos cynicos, cujo nasci-
mento occorreu no anno 413. Foi elle
quem proclamou a *igualdade da condi-
ção humana*, principio este que mu-
ltos supponham derivar do Christianis-
mo, mas que até se encontra nas leis
indianas: «Homens, somos todos
iguais». DIOGENES usava dizer que a
alma se fortifica pelo exercicio da
virtude, e XENOPHON, de Corinto, com-
prontou a uns escavagistas piratas
para lhe educar os filhos, por o ouvir
declarar-se o *acordo da liberdade e da
caridade*. E' bom salientar que os cy-
nicos viviam philosophando e não
digando; ora, se mendigavam, e por
que havia quem desse esmolas, quem
fosse caritativo.

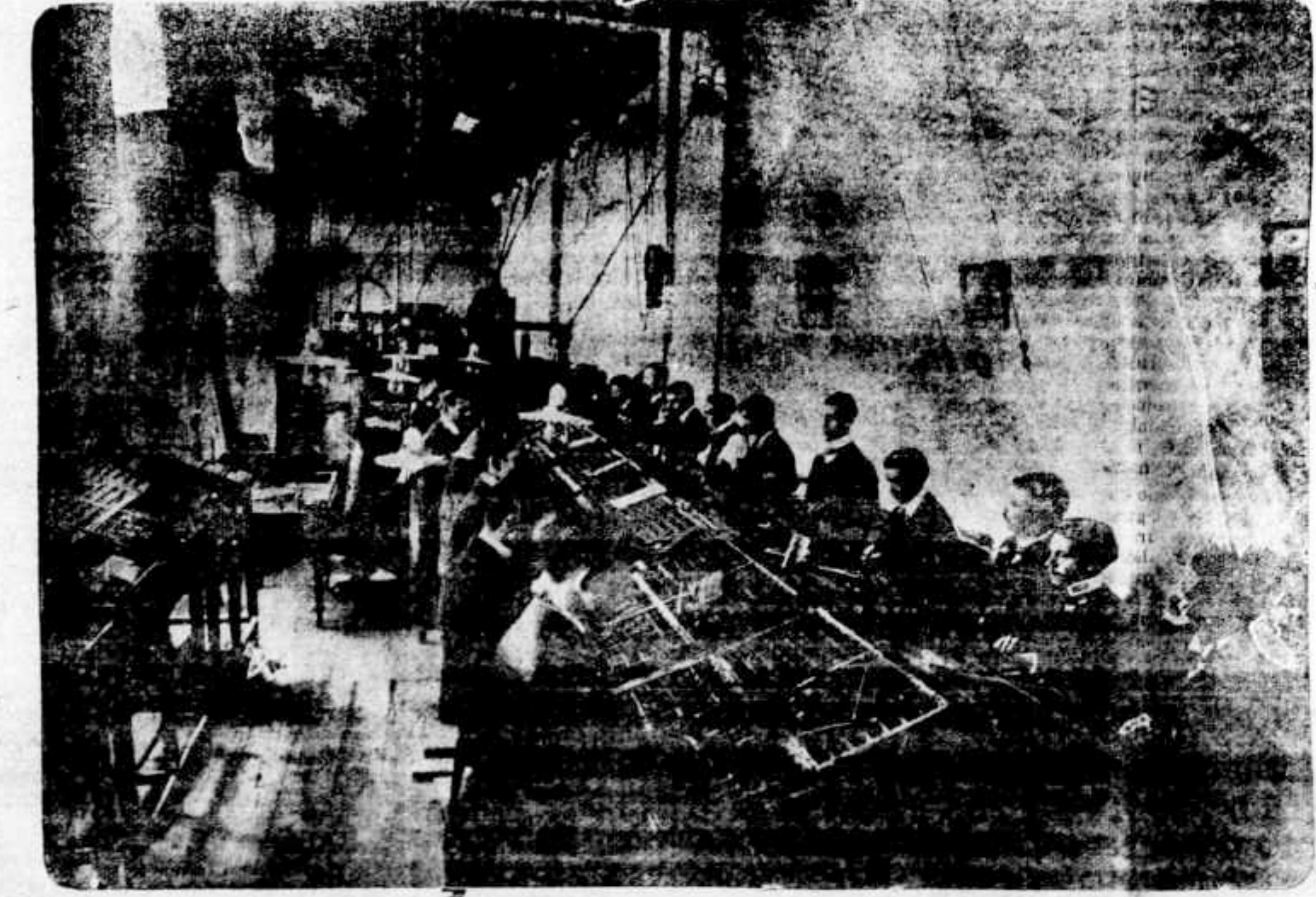


Joaquim Augusto da Costa
MEMBRADO DA COMISSÃO DE INSTRUÇÃO DO «COMMERIO DE SÃO PAULO»

acções se tem estabelecido gradual-
mente, evolutivamente, ouco tudo o
mais. DIOGENES usava dizer que a
alma se fortifica pelo exercicio da
virtude, e XENOPHON, de Corinto, com-
prontou a uns escavagistas piratas
para lhe educar os filhos, por o ouvir
declarar-se o *acordo da liberdade e da
caridade*. E' bom salientar que os cy-
nicos viviam philosophando e não
digando; ora, se mendigavam, e por
que havia quem desse esmolas, quem
fosse caritativo.

Longe de nós tentar obscurecer a
luz brilhante, poderosa e intensifica-
da para a Humanidade tem irradi-
do e ha de irradiar ainda desse gran-
de e magnifico pharos que se chama
«Nova Testamento».

Mas praticamos um acto de justiça
demonstrando que a caridade existia
antes do nascimento de JESUS; esta-
ta até o vencião, como vimos an-
teriormente. Não seria *humildade*, mas
uma *virtude*; e se a esta virtude se ligou
então o egoismo, como ha quem di-
zisse, não facil seria a caridade, a
caridade do egoismo com a caridade,
nosso dia...



OFFICINA DE COMPOZIÇÃO DO «COMMERIO DE SÃO PAULO»

essa santa virtude; e se se diz que ti-
nha mais o caracter de *piedade*, do
que o da *humanidade*, não seria isso
por falta de um vocabulo especial,
pois é este, quanto aos gregos, o ar-
gumento mais decisivo?... Assim
como só numa palavra condensavam
e *tem* e o *bello* e do *movimento* e o
que faziam synonymos, não pôde es-
trabalar-se que aquelle out'ora gran-
de povo, berço de nossa civilização,
foi sempre caritativo.

tradição com os sentimentos da
alma.
Vejamos como a caridade resulta
dos livros dos mais antigos povos.
Principiaremos pela China, que pos-
sue a civilização mais recuada, con-
tudo, dispensaremos a ordem chro-
nologica. A chronologia asiatica em geral
está associada á fantasia; a China
tem documentos authenticos que pro-
vam a sua existencia desde 1.200.000
annos antes de nossa era... Se, porém,
por nossa conta, reduzirmos esse fa-
buloso periodo a 10.000 annos, re-

que vemos? A caridade praticada
em larga escala, ora individual, ora
collectivamente. Ao acaso e como
nos affluem á memoria, enumerare-
mos alguns factos, começando pelos
tempos heroicos, visto que já a Hen-
ricus e a *tristeza* se attribuem alios
feitos em defesa dos opprimidos. Ha
3.600 annos, supple-se, viveu o im-
mortal HOMERUS, a torre da verda-
de, o excellento autor da *Ilíada* e da
Odysseia. Naquelle obra apre-
sentam-se elle typos virtuosos e dignos da

que vemos? A caridade praticada
em larga escala, ora individual, ora
collectivamente. Ao acaso e como
nos affluem á memoria, enumerare-
mos alguns factos, começando pelos
tempos heroicos, visto que já a Hen-
ricus e a *tristeza* se attribuem alios
feitos em defesa dos opprimidos. Ha
3.600 annos, supple-se, viveu o im-
mortal HOMERUS, a torre da verda-
de, o excellento autor da *Ilíada* e da
Odysseia. Naquelle obra apre-
sentam-se elle typos virtuosos e dignos da

e falcavam, a
achassar aquella
nar humana.
brono, direito e
onco enraizado,
alto que as co-
a destaque no
nicreulo. A tu-
camente lhe ti-
hariscus, cahia
om a lisura de
a fimbria pos-
num beijo leve.
ega, sem aquelle
que a circumdou
lo Thabor, mas
aquillidade, er-
mo, no mesmo
olhos, enluara-
to que alheios á
scena, poisavam
os fugidios da

odia com inven-
to as perguntas
overnador. De-
? O Filho do
cia a justiça dos
s, a innocencia,
é a innocen-
o se defender,
ção, desacompa-
lebatu no vacuo.
mento em que
de todo. Foi
aleando a uma
perguntou com
«Que é a ver-

espondem, nem
orque essa per-
a responde pelo
rado que a for-
cobardes como
ter uma noção
ara elles é uma
utido. Só os ca-
que não mais ri-
porque não se
logo; só os ho-
forte, affeitos a
romper uma sel-
e que podem
te dizer aos Pi-
empes:
cumprimento: 82

...é, na acção da Igreja, o respeito pelas práticas da religião, o que contrasta com a acção entre os antigos, que a consideravam como synonymo de *caridade*. Mas, fôra, pois, sendo synonymo de *caridade*, e talvez não seja temeridade entronar nisto, a distância de 2.000 annos, os altares erguidos à piedade pelos pagãos...

M. Pio Corrêa.

Salluquia

Moura, uma das mais formosas e pintorescas villas de Portugal, pois o seu casario branco de cal numa planície vistosa e alegre,



OFFICINA DE ESTEREOTYPY DO COMMERCIO DE SÃO PAULO

onde o arvoredor de fronde opulenta empresta áquelles sitios amenos o frescor e o aroma de suas franças entrecachadas de flores.

Além, a dois kilometros apenas, rumoreja o bello e majestoso Guadiana, que recebe o concurso das aguas dos ribeiros das Breuias e das Lavadeiras.

Chronistas não menos pacientes do que investigadores fazem remon-



CASTELLO DE MOURA

tar a fundação de Moura ao tempo dos thebanos, companheiros de Hercules, ali por 2740, depois de creado o mundo.

Durante o dominio sarraceno se diz que foram impostos ao castello ou villa diversos nomes em diversas épocas, sendo o ultimo e mais authentico o de *Arucel-Nova*, em contraposição com *Arucel-Vetus* ou *Arucel-Antiga*, designação dada a Arêche, povoação hoje pertencente à Andaluzia hespanhola e donde se affirmava que vieram os fundadores ou povoadores de Moura.

Após a invasão arabe, affirma Alexandre Herculano que ao castello ou villa fôra dado o nome de *Ichmenich*.

Em 1106, cahiu ella pela primeira vez em poder dos christãos, sob o impeto invasor dos cavalleiros de d. Alfonso Henriques, senão do proprio rei em pessoa, que em uma das suas aventuras e heroicas correrias, anheira de tomar Evora e continuou conquistando ao dominio sarraceno Serpe, Alconchel e Coruña.

Parce fôra de duvida que ainda no reinado de d. Sancho I foi restabelecido o dominio musulmano, que acabou definitivamente com d. Alfonso II, pela conquista que os nobres fizeram aos mouros, do castello e da villa.

Esta segunda tomada de Moura anda envolta em pormenores cheios de poesia, que o brazão da villa tem perpetuando, representando um corpo de mulher despreendendo-se de uma das janellas do castello.

Era Salluquia uma moura nova e formosa, filha de Buacon, senhor mais nobre de muitas terras no

Alemtoje. Dera elle o castello em dote a sua filha, cujo casamento estava ajustado com o mouro Brafama, alcaide do castello d'Arêche, a dez leguas de distancia. No dia dos esponsaes, quando Brafama e a sua comitiva se dirigiam para a villa sahiram-lhe ao encontro os christãos, em sortida inesperada, na qual pereceram todos os mouros companheiros de Brafama e o proprio Brafama.

Senhores os nossos do segredo do ajuste do casamento revestiram-se dos trajes mouriscos e tomaram confiadamente a direcção do castello, cujas portas lhes foram franqueadas por Salluquia, illudida e ansiosa pela chegada do noivo. Reconhecido

abundantissimo em nascentes naturaes transformada esta região em um pequeno oasis, onde a natureza luta e triumpho das condições geras do clima alemtojeano e mesmo da ignorancia e indolencia do habitante pelo que respeita ao aproveitamento da riqueza vegetal da região.

A belleza notavel dos arredores é completada com realce pela elegancia do conjunto material da povoação. E' do consenso unanime de todos os visitantes e forasteiros que Moura é a villa de mais bellezas mysterias de todo o paiz, podendo mesmo, sob este ponto de vista, collocar-se a par e a frente de muitas cidades portuguezas.

Elle moria profundamente os honores, e por desobediencia, parte as pedras innocentes dum cravo de que ramalheira... —Até que enfim continuou a ananar senhora. Vae ser feita! Ella olhou de esguelha com um tremendo assomo de coiza e de desprezo. O sogro, a sogra e os cunhados rodeavam o noivo. Um sapateiro lizo a mão, outro, seu queror passava o collo, outro tirava-lhe o relógio para ver as horas familiarmente—vêr as horas da familia! Elle estava mudo, parvo, aborrecido, com uma figura de joia. Dirigiu-se a cavalleja a igreja. No caminho, os convidados empenhados conversação a respeito dos noivos, acompanhavam quantos todos as phrases do imutavel estribillo: —Foram feitos um para o outro. Durante a noite, durante os brindes,

...E um muni de enjoi! Por isso, em algumas de os sacramentos juntos numa só, nunca festa religiosa, ou num fogio de artefacto, acotovelado e vi-sinho e dis, designando os dois: —Repare naquelles que ali vão. Será difficil achar no mundo um par feio assim! Foram feitos um para o outro. Luiz Guimarães

As imagens de Ribeirão Preto

Ha questões tão claras que a sua clareza delumbra; questões tão fáceis que se evacece o desejo do articular sobre ellas uma palavra que seja. Uma dessas questões é a que concerne as imagens que a Igreja Catholica colloca nos seus altares, ao que o protestantismo objecta: — que é idolatria.

Penhamos as coisas no seu logar e damos rasão a quem do direito, guiados pelo criterio commodista de que —dentro da verdade, de trabalho o menos. A questão tem sido, alias, resolvida milhares de vezes, e ella não offerece difficuldade alguma; mas a filha de Gutenberg gosta destas partidas e brejeirices: hoje se desfaz em erro e parece que a verdade fica definitivamente estabelecida, entretanto, amanhã esse mesmo erro apparece, sem ter mudado um til na sua forma, tornando-se necessaria uma nova repulsa, uma tropica e assim indefinidamente.

E eu, que sou catura nestas questões de dogmatica! Eu, que entendo (salvo melhor juizo) que a raça masculina dos bandeirantes deve ser ciosa, não só dos fillos de ouro que destrou, como do promptuario riquissimo da sua genuina fé catholica, que mira no longe o seu raizame embebido no coração de Pedro, sem os laivos de um luteranismo confuso ou de um insipido complitismo!

Esta questão das imagens foi-me suggerida pela leitura da *Reclamação* de Setembro passado, onde o padre Manoel Vicente não resolve convenientemente a questão. S. vma. diz:

«Ha na igreja de S. José, pertencente aos rymos, padres Augustinianos, em Ribeirão Preto, um grupo de imagens de tamanho natural, que é um primor de arte. No centro, assentada em um throno, está a Virgem immaculada, que tem sobre os joelhos seu divino Filho. Ao lado direito está S. Agostinho e ao esquerdo Santa Monica. Ambos estão de joelhos...» etc.

Em seguida, chega a vma. ao ponto controverso, e diz:

«Dante de um grupo de imagens, como esse da igreja de S. José, em Ribeirão Preto, perguntase porque o protestantismo continua, obstinado, a dizer que Deus manda no preceito do Decalogo não esculpir imagens. O protestantismo, que violenta tantos clares da Biblia afim de obter justificativa de seus erros contra a doutrina da Igreja, não terá mesmo comprehendido que Moysés prohibiu a fabricação de *ídolos* e não de imagens artisticas?»

Moysés prohibiu a fabricação de imagens para serem adoradas como divindades, segundo era o sacrilegio erro dos povos vizinhos do de Israel; mas não prohibiu a fabricação de imagens representativas das creaturas como producto do genio e do labor humano.

S. vma. ligão, com rymos, multa prece, quando escreveu esta pagina de apologetica: algum moribundo que lhe acnava na hora de partir...

Ora, pois, nós temos que dizer sobre esta questão o seguinte:

Segundo o Exodo, c. 19, v. 19, Deus disse a Moysés, no Sinai:

«Brevemente virei a ti numa nuvem escura, para que o povo me ouça falar contigo e te creia para sempre.»

E veio. No dia marcado, que era o terceiro depois que a madrugada abriu as portas ao dia, começaram sobre o monte Sinai a ouvir-se trovões e a fulgurar relampagos, e uma nuvem muito escura cobriu o monte; e um fortissimo som de buzina atrovava tudo; e o povo, que estava no arraial, tremia.

Moysés e o povo foram ao encontro do Todo-poderoso; o povo ficou no sopé do monte e Moysés subiu no alto, e todo o povo ouviu distinctamente o Senhor que dizia:

«Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egypto e da casa da escravidão; não teras deuses estranhos deante de mim. Não faras para ti imagem de escultura ou figura alguma de tudo o que ha em cima no céu, e do que ha em baixo na terra, nem de coisa que haja nas aguas debaixo da terra: não as adoraras nem lhes darás culto.»

Aqui está o texto, que vem no cap. 20 do Exodo. Da sua leitura se collige que Deus prohibe formalmente fazer imagens e adoras-as, ou enfim prestar-lhes qualquer culto.

Querida Deus, evidentemente, preservar os judeus da idolatria do tempo, o que não impediu que fossem o bezerro de ouro e dançassem a rola delle, queria evitar que, como os egypcios, venerassem quanta gataria e quanta canosada havia, de tal forma que, se não errava o meu professor de historia, quando Alexandre quiz penetrar no Egypto, não precisou mais de por a sua frente um exercito desses bicharocos, aos quaes os fillos das Pyramides abriram as suas portas de par em par.

Além disso, o que é que essas imagens podiam representar? Deus? Mas Deus não podia ser representado por forma alguma por ser um puro espirito, nenhuma das coisas materiais podia representar o Espirito Invisível que falava no Sinai e deante do qual se via ali o accepe sequer dos que costumavam estar em geela e entre salva e agriões, porque tudo isso não passava de mero effeito decorativo e para um *representante* era a negação da verdade arte. A *estatueta*, que fôra arranjada durante a noite, afim de causar surpresa á salchicheira, compoção logo de manhã a chamar a attenção dos transeuntes. O publico riu-se e indignou-se a um tempo deante da obra do *representante*. Quando a dona da casa desceu á loja notou desusada concorrencia em frente do seu estabelecimento e indagou logo o motivo. Foi ver a *estatueta*. Que escandalo! A salchicheira chorou, então, pelo caixeiro e perguntou-lhe o que aquillo significava, pois que a sua loja era de respeito e não admittia tamanha patifaria. A *estatueta*, escusado é dizer, foi logo esvaziada num abrir e fechar de olhos e arrumada como d'antes, a saber todos os accepes—viteas, perdices, pés de porco, leitõesinhos, salchichas—foram muito bem acondicionadas no meio de tenras verduras decorativas e de uma geela cor de topázio... Resultado: caixeiro e *representante* foram postos, no olho da rua pela implacavel salchicheira. Applique-se o *evento*.

Bem se vê que o protestantismo não tem conceito, e antes de tudo, não tem juizo! Elle é barbaço a ponto de não admittir nos seus templos uma imagem de Jesus crucificado! Não admira, porque eu tenho lido pamphletos protestantes que, a titulo de combate ao culto dos Santos (culto de

Não, elles não mais do que isso! Não veneramos, do facto, as imagens, bonitas ou feias e veneramos-as, não pelo que são, mas pelo que representam, e isto não pode ser desagravado a Deus, porque elle não desagravará por certo o seu glorificado em seu Filho ou em seus Santos.

Quem não guarda na mão, bem mobilada sala o retrato das pessoas que lhe são caras? Assim faz a Igreja Catholica com os que se devotaram ao amor de Deus e do proximo, e por isso não deve ella merecer censuras.

Por isso, diz a vma.:

«A alta egreja anglicana já o comprehendendo, restituindo as imagens aos seus templos. Muito bem. Foi uma medida acertada! Assim não só se demonstra que o protestantismo é falso por variar nos seus dogmas fundametaes, como o brocardo que diz:

Naturam pelles furcas, tamen recurret. Parabens, pois, a Ribeirão Preto, pelas bellas imagens que possuiu.

M. A. S.

Emilio Zola

(Do livro inédito — *Literatura de ficção e de hoje*)

No *Ventre de Paris*, que foi sempre o romance predilecto do seu autor, o grande Emilio Zola, —esse incançavel operario do espirito, cuja voz tragicamente emudecera, hoje faz um silencio enorme em torno da eterna forja da Arte, onde o formidavel malho por elle brandido laminava paginas de ouro e bronze, como a Historia de uma familia sob o grande Imperio — aos *Requies Mequet*, nesse romance que tem como theatro as *Hollas* ezequielitantes de uma vida plebeia, enlaidada de meretricios e de rivalidades mercantis, onde o offeito e a vista deparam com uma orgia de estridentes cores e de estontantes cheiros, nesse movimento romance, que ha pouco tempo relemos, narra-se a aventura de um *representante* que, convidado pelo caixeiro de uma salchicheira a arrumar uma das *estatueta* da loja, imaginou o interior de um ventre com o seu sistema intestinal, e converteu assim a *estatueta* numa exposição de salchichas e de chorijos de sangue que, em circumvolucões escandalosas, assaltavam um gordo perol recheado, com o papo roldão e arrogante, voltado para o publico... Não se via ali um accepe sequer dos que costumavam estar em geela e entre salva e agriões, porque tudo isso não passava de mero effeito decorativo e para um *representante* era a negação da verdade arte. A *estatueta*, que fôra arranjada durante a noite, afim de causar surpresa á salchicheira, compoção logo de manhã a chamar a attenção dos transeuntes. O publico riu-se e indignou-se a um tempo deante da obra do *representante*. Quando a dona da casa desceu á loja notou desusada concorrencia em frente do seu estabelecimento e indagou logo o motivo. Foi ver a *estatueta*. Que escandalo! A salchicheira chorou, então, pelo caixeiro e perguntou-lhe o que aquillo significava, pois que a sua loja era de respeito e não admittia tamanha patifaria. A *estatueta*, escusado é dizer, foi logo esvaziada num abrir e fechar de olhos e arrumada como d'antes, a saber todos os accepes—viteas, perdices, pés de porco, leitõesinhos, salchichas—foram muito bem acondicionadas no meio de tenras verduras decorativas e de uma geela cor de topázio... Resultado: caixeiro e *representante* foram postos, no olho da rua pela implacavel salchicheira. Applique-se o *evento*.

durante o chá, a alegria apoderou-se dos convivas em geral.

O sogro, no meio dos seus paternos entusiasmos, chegou a beber Xerez fio calice do genio. Imaginem que alegria! Sessenta gras achou de zero!

—A saúde dos noivos!

—A sua eterna ventura!

Quem nunca correu andas eram casais. Ella revelava o seu razer apenas no

E' indiscutivelmente multissimo agradável a impressão do visitante, ao percorrer ruas, praças e avenidas largamente abertas e ventiladas, onde as construções particulares e os edificios publicos em rigoroso alinhamento ou em proporcionada symetria põem, ora uma nota de grandesa e elegancia, ora um tom austero de reminiscencia historica.

A impressão geral nada perde com a observação pormenorizada, não realmente ella resulta da bem combinada adaptação de pequenas bellezas particulares.

O clima é ameno e suave, com pequenas oscillações do temperatura. Mesmo os calores de estio, nos mezes de Julho e Agosto, são effluentemente modificados pela frescura de dois valles, onde se espalha a vegetação dos arredores.

Touriste.

Feitos um para o outro

Ella é baixinha, medra, redonda, leve mente biliosa, nariz acastanhado, um buço e uma nuca rechocada, e grande profusão de cabellos ruivos que lhe descegnam pelo topo da testa em torrentes de cascoses. Elle é alto e magro, perfil de navalha, nariz que parece quebrar-se ao menos pretencioso espirito: não tem barba—cara lúbrica! cara não! cabellos, augeitos, um chinó, e offerece a curiosidade dos naturalistas uma testa da largura do Rocio pequeno. E no entanto, o mundo inteiro, falando dos dois, pondera conscienciosamente—*factu felix qui parat a seipso*.

Elle nunca namorara antes de conduzir a igreja; nunca lhe escrevera (aer por epistola congratulatória: nunca lhe pediu o retrato, nem sabia ao certo o dia do nascimento della. Era-lhe indifferente a noiva! Cavava para tomar esta.

Ella mal conseguia pensar nelle uma ou duas vezes por semana. Quando o pai lhe deu parte do proximo enlace, riu-se, espionou aquella gorducha de hombros, murmurou os pontilhos escuros dos belcos, e foi ler a Gazetinha do *Jornal da Quinzena*, sua distracção habitual.

As amigas em chusma pediam-lhe noticias do vestido do noivado, das peças do encaixe, do noivo e da futura residência. Ella, em resposta, falava-lhes da ultima comedia do Gymnasio, dos figurinos do *Jornal das Esquithas*, da *noite do Club Minerva*, do calor, das dores de dentes de sua tia etc., etc.

Os amigos na repartição coravam-nos com essa ar maliciosa e pizante com que se dirige a gente de ordinario a um noivo.

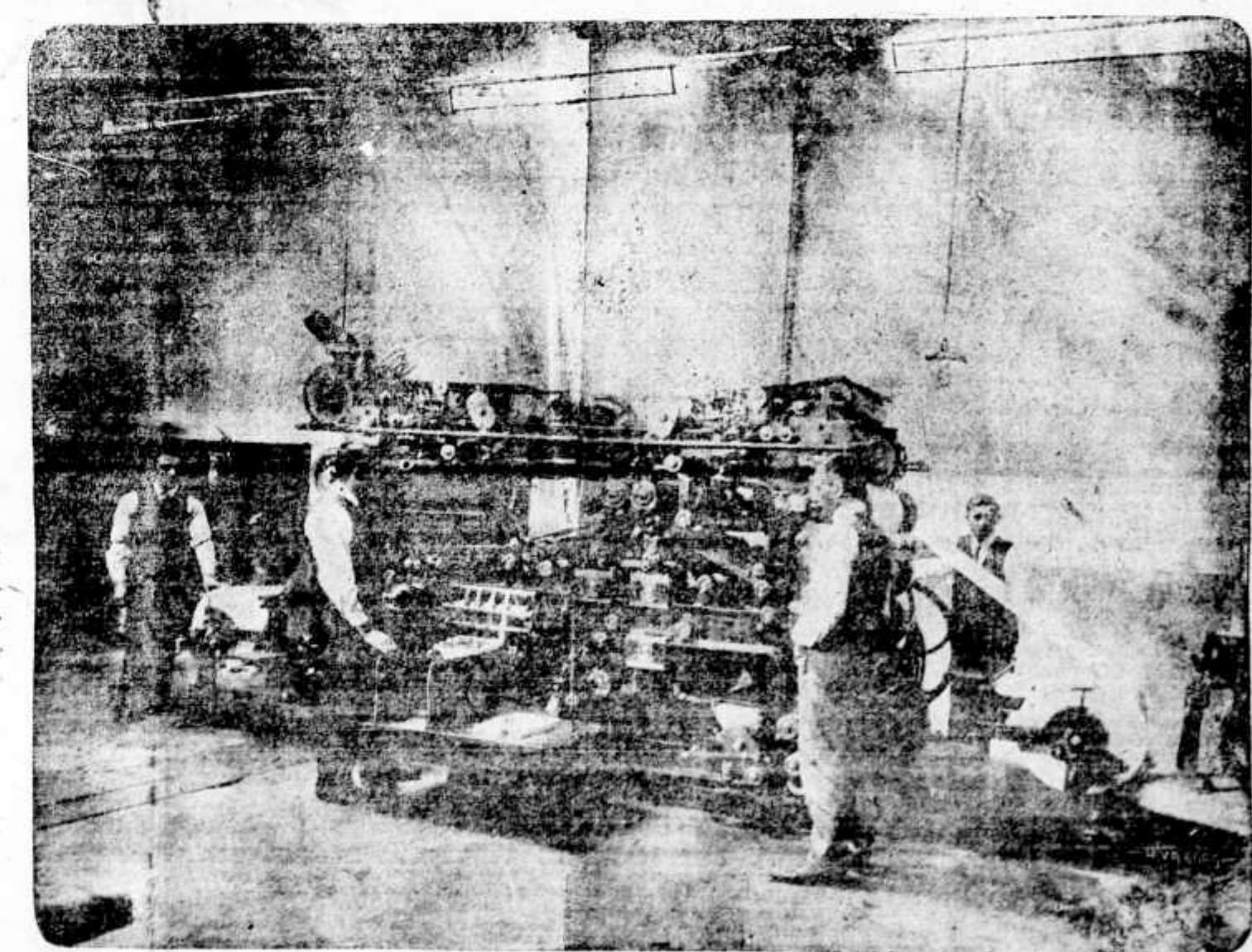
Em resposta, elle lembrava-lhes a alta ou a baixa do cambio, censurava a tipografia da cidade, desafiava-se em improperios contra o senhoria da casa em que morava etc, etc.

As amigas della e os amigos delle, quando tratavam desse casamento repetiam dogmaticamente: —Não podia haver melhor caso! *Foram feitos um para o outro*!

Casaram, afinal. Um dia sempre é um dia! Elle barbeou-se, poz com mais arte o chinó, converteu a casa, enterrou-se dentro de um par de lavas lizo. E a sua noiva em ponto, estava em casa do sogro.

A nozdrinha admirava a noiva acondicionando-lhe um casio rubido dentro da coifa.

E mirava, remirava, tornava a mirala, dizendo nos intervallos lucidos: —Como estão bonita!



MACHINA ROTATIVA DE MARINONI, ONDE É IMPRESSO O «COMMERCIO DE SÃO PAULO»

modo phrenico de comer sanduiches e elle na adreghalida com que visitava o arvore de fôrco.

Retiraram-se os convidados. Era meia noite. O noivo abraçou a noiva, entre lagrimas e a sogra o noivo, entre soluços.

Elle e ella contemplaram-se trancados, como dois exercitos beligerantes, no momento de travarem o combate definitivo.

A existencia della continha hoje só o mesmo aspecto.

Elle trata de pôr em movimento commercial as apoliceas della; ella gasta os dias á procura das armazens de fassendas pretas, cujos annuncios devora, á semelhança do chinó uma rajão de opio.

O mundo tambem, por sua vez, continha na mesma. E dizem que a voz do mundo é inmensa e fatal! Os creddas da casa murmuram que os dois não se esquivam, não se querem, não se procuram sequer. A senhora modela da chinnó do senhor; o senhor ridiculariza os cabellos ruivos da senhora.

Haja vista os dois cherubins collocados sobre a arca, e os torcos que sustinham a fonte das abluções.

As paredes do templo de Jerusalem estavam cobertas de textos, de emblemas e de figuras allegoricas. A serpente de bronze, enlaidada e pendente dos braços da cruz, symbolizava Aquelle que se fez peccado —*per nobis peccatum fecit* (2 Cor. 5, v. 21)—afim de curar o peccado que neste mundo morde as almas mortalmente, como no deserto eram mordidos os israelitas pelas serpentes perconhentas.

As imagens esculpidas, com o esmero artistico do grupo exposto no culto publico, em Ribeirão Preto, instruem, animam, consolam e elevam a alma ás aspirações do ideal nas virtudes e na direcção da vida... etc.

simples veneração, bem entendido), atacam a Virgem, querendo arrancarlhe a capella odorante da virgindade e o pergamimho de Conceição immaculada, em que a Igreja Catholica tem fé.

Ora, era preciso que Jesus não fosse Deus, nem mesmo homem para ver com agrado a filha de Luthero redigir estas moções de desprezo á sua santissima progenitora da terra.

E fala-se... e fala-se...

Tambem não tem rasão o padre Manoel Vicente quando diz que as imagens são para nós o *producto do genio e do labor humano*. Com que enaño genificamos e promovemos festas em honra do *producto do genio e do labor humano*? E quando as imagens não são, na realidade, um *producto do genio*?

Quando Emilio Zola arrumava a sua *estatueta* literaria, dispando nella os *Carbas* a *Nina* por uma *maneira* rudo e sentimentalista que se não distinguia de outras *manieras*, ninguém deve, por elle e elle em vão se *estorgava* por ser alguma entre os que sonhavam com a gloria.

Mas Zola começou a observar, a estudar, a colher documentas humanas, tal qual Balzac, seu mestre. Infelizmente viu que a arte natural tinha ainda o esturrimo da salchicheira e era implacavel com os que achiam da rotina. Que importa?

O mestre Balzac já havia revelado na *Missa de Atoles* as crudelissimas torturas por que passavam os *laidos* e *quodridos* mais tarde *busana* de genio. Ali estava Desplein que era o *oivo* obrigado das *settas* das *medicidantes* remanescentes em toda a linha e que só conseguia pa-tentizar a sua superioridade depois que soffria todos os *aggraves* de uma *egreja*.

de que...
na mais bela
de as pessoas
im faz a Egre-
uo se devota
e do próximo
ella merecer
...
na ja o com
as imagens
ito bem. Foi
Assim não
protestantismo
seus dogmas
brocardo que
...
tomeu recourse
liberário Prota
ne possue.

M. A. S.

Zola

cural de hontem

te foi sempre o
autor, do gran-
davel opera-
ção, fragmen-
to enorme
da Arte, onde
elle brandido
o e bronze, co-
milla sob o se-
gno Monquett,
como theatro as
uma vida ple-
ca e de rivali-
o offato e a
orgia de estru-
cantes chlores,
nances, que ha-
ra-se a aventu-
que, convidado
ichicharia a ar-
da loja, imagi-
nante com o seu
vertem assim a
de salchicha e
pie, em circum-
assellavam um
o papo roli-
lara o publico...
dipe, sequer dos
in gelex e entre
do isso não pas-
corativo e para
tegação da ver-
que fora attra-
atim de causar
começou logo
tenção dos tran-
e indignou-se
obra do impra-
da casa desoc-
concorrença em
pento e indaga-
a ritine. Que
a chamou, en-
autou-lhe o que
que a sua loja
mittia tamanha
sado é dizer, foi
rir e fechar de
lantes, a saber:
a, perdices, pé-
salchicha... fo-
nados no meio
ativas e de uma
Resultado: cai-
ram postos no
rel salchicheira.

acumava a sua
o nella os Gu-
meira rochedo
ão distinguia da
n dava por elle
ava por ser al-
avam com a glo-
...
observar, a es-
tos honores, tal
...
infelizmente
tinha ainda o
ra e era impla-
am da rotina,
...
avia revelado na
utilissima tortu-
ridores conside-
m de genio. Ah!
o alvo obrigada
dotes reitantes
as consequen-
fate depois que
ys de uma caga

POESIA
DE
ED. GUINARD

BOAS-FESTAS

MUSICA
DE
HENRIQUE MARECHAL

CHORO

Andante

Sois le ré-va que l'on ca...

Andante

resse. Et qui ne fuit pas au ré-veil. Sois le...

Andante

haud ray on de so leil. Sans l'ombre de senchan té res...

Andante

Sois le lac au ciel bleu pa reil. Moins l'onde per...

Andante

fide clire treas. Sois l'aye au souff. Ne pleu d'vra se Qui consermuné...

Tempo

clat ve... Sois la beau té que rien n'at...

Tempo

te-re Sois un printemps qui sur la terre Gar de une ter. ar. le spi...

Tempo

son; Sois la jeu nesse. nal. le ra. ble. Le bonheur par...

Tempo

releu Sois la-mour sans la...

Tempo

tra-bi-son... cèdez...

desfortuna, que o feriu pela mão de cada inimigo gratuito e invejoso. A própria vida de Balzac era para elle um exemplo de constante sacrificio na senda da arte. Bastava que elle folheasse a correspondencia intima do mestre, desde o dia em que se lhe meteu na cabeça o comôr uma tragedia, cujo assumpto—imaginem!—era *Cromwell*, até áquelle em que, já casado com madame Hanska, expirou, na idade de cinquenta e um annos, depois de haver escripto cerca de quarenta volumes, de pois de ter tomado trezentas mil chicanas de café (bebida predileta do romancista), depois de ter trabalhado nas letras durante trinta e tantos annos: Triumphou, Balzac, por ventura, como Voltaire, que foi aclamado e depois corado pelo publico de Paris? Não. Quando a fortuna lhe entrou em casa, na pessoa de madame Hanska, a bella raposa que elle tanto amava, a morte chegou e disse talleo presenciamdo quando escreveu no seu *Albert Savarus*: «Attingir o marco final como o correio antigo, mas expirar ao total, o ver a fortuna e a morte, ao mesmo tempo chegarem ao limiar de sua porta! Obter a que se chama a morte, e depois, por dig, semana por semana, mez por mez, anno por anno, durante a inextinguível luta de seu labor literario, luta sem treguas, pois, devido a ter fallido ante como commerciante de livros, teve de trabalhar sempre para pagar as suas dividas. Apesar de tudo, Balzac, ficando e executando a vasta obra da *Comedia Humana*, vingou-galgar os galinaria onde palmos os ganhos synthetico-dictos de Dante e Goethe e deixou alien de tudo o sulco humilissimo onde Zola devia lançar a semente do romance experimental, applicando á sua obra o principio supremo da synthese biologica, estabelecida irreversivelmente por Fourier de Saint-Hilaire: na descendencia que catibolou com Chavert, principio esse sobre o qual se basiliava a theoria da evoluçao natural e a concepção unitaria ou monista da natureza, desvelada mais tarde por Darwin na sua doutrina da seleçao, em que se explica a transmutaçao das espécies por meio da lei da hereditariedade.

Collocando-se Zola neste ponto em que Balzac entreviu o phenomeno da hereditariedade psicologica, que foi o le? Completou a obra do mestre—ampliando, de conformidade com a opinião do Felix Davin que espiciava a necessidade de um pensamento familiar em toda a obra do espirito. «Não basta ser humem, pondera esse escriptor, é preciso ser um systema. O genio não é completo se não quando reúne a faculdade de crear e o poder de copiar as suas creações». Foi quando Zola formou a arvore genealogica dos Rougon-Macquart, synthetizando assim a sua vida: «Physiologicamente, os Rougon-Macquart são a finta successão dos accidentes nervosos que se declararam em uma raça em consequencia de uma primeira lesão organica, e que determinam, seguindo os meios, em cada um dos individuos desta raça, os sentimentos, os desejos, as paixões, todas as manifestações humanas, naturaes ou instinctivas, cujos productos tomam os nomes convencionales de virtudes e vícios. Hereditariamente, são herdeiros do povo; irradiam-se por toda a sociedade contemporanea; sobem a todas as situações por este impulso essencialmente moderno que recebem as classes inferiores em marcha através do corpo social: representam assim o Segundo Imperio por via dos seus dramas, indigências, desde a emboscada do golpe de Estado até a traição de Sedan.

Com este critério scientifico, Zola entrou numa vereda nova e pouco se importou que a arte nacional do seu tempo luvase com elle o mesmo procedimento da salchicheira a que nos referimos, porque, conforme observamos, o andaz romancista armou a sua ritine e arrumou-a como o impressionista do *Teatro de Paris*, tendo em vista a sua concepção synthetica, muito embora o publico o escarnecesse e chegasse mesmo a cerrar os punhos deante de uma coisa que já não era producto da rotina mas a expressão de um ou outro trecho da natureza visto através de um temperamento.

Zola mostrava-se por esta forma, na altura de comprehender os vastos destinos da sociedade contemporanea com o apparecimento de homens de letras e de sciencia como Flaubert, Daudet, os dois Goncourt, Renan, Comte, Herbert Spencer, Huxley, Taine, Littré, Lyel, Bagehot, Virchow e outros.

Que lhe importava que Paris rugisse de indignação ao ler o *Assommoir* ou a *Nona*? Fugia-lhe a massa por ventura, de exfúria dos assomos em toda a sala do theatro quando levon á scena o seu *Boubou de Rose*? A critica parcial, com Brunetiere á frente, fel-o arripar carreira ou tirou-lhe alguma vez o som? Ao emvez de tudo isso, Zola cobrou mais força e mais coragem: não se limitou somente a escrever romances, peler ou o seu pouco em diversos jornaes de Paris, entre os quaes o *Figaro*, e compendiou em livros de critica tudo quanto pensava acerca do experimentallismo no romance e no theatro, na arte em geral.

Mas Zola, no fim de contas, se reconciliou com o publico de Paris? Imposse, não ha negar, ao publico letrado e ao povo do grande centro do movimento espirital contemporaneo, a tal ponto que adquiriu uma fortuna pecuniaria, igual á de Bardon, de Dumas ou dos Goncourt, cujo rico museu de arte era inextinguível, e queremos crer que muito breve alcançaria a boa somma dos dez milhões deixados por Gilaridin.

Por ahí se vê que a arte nacional do seu tempo—uma especie de salchicheira do *Teatro de Paris*—não pode ter retol-o na frente com o estygo dos proprios degenerados que estudou e operou nos seus vinte romances—florescentes e alentados ramos da arvore genealogica dos Rougon-Macquart.

Zola ganhou a batalha, não ha duvida: mas quando lá chegando o momento de receber uma consagração igual á que foi dada ao genio de Fernex—estã não seria mais do que uma manifestação de justiça aos seus esforços prodigiosos nas letras francezas,—Zola! um pouco de acido carbonico escapado a uma chaminé, lançou por terra o Hercules que succumbiu com a chave ajuda em punho...

Que monta dizer que elle foi o poeta da epopéa pessimista da animalidade humana, como lhe chamou Lemaitre, ou que foi um escriptor degenerado com a tara da psychopathia sexual, como chamava Freud, se a sua obra é

cangando sangrentas victorias. Deante do encarniçamento de tanto odio á recta uma criança que elle encontra no solar inimigo invadido pela sua gente. Poupá-lhe a vida o terrível barão feudal. Mas espera que ella entre na ado-lescencia para desafiá-la e matá-la. A criança cresce e mal pôde ainda susten-ter na pequena mão uma espada. O velho bate-se com ella; mas esta foge de medo; corre desabaladamente, corre com o sombrero, corre por montes e vales,

com o velho enfurecido no seu enojo. Não ha quem a salve das furias do poderoso barão. Salva precipicios, galga montanhas as mãos suppriram piedade para o adolescente, os santos nas cavernas a reclamam, mas a nada se move o odiado burguês. Até que a tenra victima, abandonada de Deus e dos homens, é trespassada pelo transtornado velho.

Nisto, a agulha de bronze, que elle trazia no capote, arranca-se delle e precipitase para cima do seu senhal.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excellente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Procurem o Peres, o sympathico Peres que está e terão a prouta do *saldado* e *divino* valor do seu RESTAURANTE GUARANY, ali á rua 15, no mesmo predio em que funciona o tradicional *Café Guarany* dos bons amigos Faria & Alonso.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.

Participo no respeitavel publico que o *Restaurante Guarany* se acha á sua disposição com bons pratinhos de superior condimento e excelente adaga do que ha de mais fino em bebidas.



...melhor do trabalho, quando nos lem-
bramos de que tudo isso talvez elle o
fazesse por amor, da ephemera gloria
humana e de que, apesar de tudo, sen-
ta-se voltos para os desheredados da
sorte, para os vencidos da terra, como
comprehendemos o pessimismo que res-
sumia de todas as palavras de Henne-
bean, no *Germinio*, das quaes palavras
escreve o veneno do pensamento corro-
sivo: a inutilidade de tudo na terra, a
eterna dor da existencia; e assim o seu
descejo, uma vez que a existencia seja
uma fatalidade, de ser a *revolução*, de ser
pela, *menos ainda* — o grão de areia,
que não pode sangrar sob os sapatos dos
que passam.

Abençoada seja, pois, a mão que se
estende aos que lutam numa demon-
stração de carinhoso affecto!

Que se não esqueça, portanto, o tí-
tulo da bella revista, onde Emilio Zola,
repetido por todos em nome da hypo-
crita burguezia, teve uma doce e signi-
ficativa acolhida...

Quando alguma perguntava a Emilio
Zola como applicava elle o methodo ex-
perimental aos seus romances, ponho

tar, os livros que lê e consulta, o nu-
mero dos amigos com quem convive,
quantas amantessas faz de seu regulo nas
horas de lazer, o club que frequenta,
o sport em que se exercita a sua curio-
sidade, a preferencia que dá a este ou
aquelle artista, uma ou outra manifesta-
ção de sua idiosyncrasia, etc.

Por isso, a litteratura franceza de hoje
nos deixou mal acostumados; o que
maia nos apraz é a litteratura desses livros
que esquadriham a vida intima do es-
criptor como se entrassem numa casa
vedada a olhares estranhos e escan-
rassem de repente todas as suas janelas
e todas as suas portas, e quando quan-
do-lhes até os seus compartimentos mais
reservados numa ancia de mal entendi-
do exhibicionismo.

Agora, por exemplo, não resistimos
ao desejo de por o leitor ao facto do
diner Flaubert de que Emilio Zola fazia
parte em companhia de Daudet. Flau-
bert e Tourgueneff. O *diner Flaubert*
se realisava uma vez por mez e não ti-
nha lugar determinado, ora num restau-
rant, ora n'outro. Tambem se chamava
le diner des amies, porque cada
um dos commensaes contava na sua ba-
ragem litteraria uma peça pateada;

versario, enquanto que Flaubert e Tour-
gueneff a defendiam.

A *censura* não raro tinha tambem por
thema a morte e o amor. Sobre estes
assumptos podiam os quatro realmente
discurrir á vontade: Flaubert, por
exemplo, com aquella impassibilidade
de artista que acompanhava *madame
Bovary* através de uma vida sensual,
burguezia e hypocrita, até faze-la mor-
rer ovindo, que ironia! a cantilena do
cego, a qual lhe tracia a memoria um
mundo de felices recordações; ou Zola,
com a frieza de um medico, quando
conta a historia do operario Coupeau
que se embriagava todos os dias, que falta
ao trabalho, que se amadrinha, que se
amantinha com a amante de Lantier,
o qual tomava sua mulher por amante, até
que, por fim, morre de *delirium tremens*,
envergando por toda a parte, com as
pupillas dilatadas, os braços contrahidos
vãos, o corpo todo tomado de um pa-
voroso tremor, uma paragem de ratos, que
sacem de todos os cantos para mor-
del-o.

Qualquer d'elles, sim, podia falar ho-
ras e horas dos dois principaes the-
mas de seus livros sem exgotar jámais
o assumpto.

ram, o *diner Flaubert* parece nos ser
um caso interessante e por isso aqui o
deixamos consignado como *finis pabulo*
á devorante bibliotheca dos leitores e
mesmo para mostrar a consideração em
que era tido Emilio Zola entre pares
como Flaubert e Daudet.

A FESTA GENTIL

A gentil e piedosa legenda do
nascimento de Christo em Bethlehem
tornou-se a festa mais agradável,
mais saliente e mais genial da
Christandade.

Aquelles meados que não vêm
no Filho de Maria senão um
dos maiores reformadores, associam-
se plenamente a esta festa, que tem
tambem um caracter especial, fami-
liar e ao mesmo tempo universal.
A criança, que espera com ale-

tria liberica se estenda um povo uni-
co, vem acordar no povo portuguez,
o sentimento do patriotismo, adorme-
cido ha muito sobre as glorias do
passado. Por outro lado os veadores
enviam a esta capital uma commissão,
portadora de uma mensagem de ap-
plausos á attitudo dos deputados por-
tuguezes. E claro que esta affronta
não podia ficar sem protesto, e não
seria digno do nome de portuguez
aquello que permitisse que extran-
geiros viessem dentro da nossa patria
declarar que eram solidarios com os
insultos feitos ao chefe do Estado, e
sobretudo, consentir que esses mes-
mos estrangeiros viessem ingerir-se
na politica interna do nosso país.

A questio foi levada ao parlamen-
to, e ali os representantes da nação,
monarchicos e republicanos, protes-
taram e contra a vinda da tal
commissão. O protesto foi levado ao
parlamento hespanhol em uma moção
aprovada por unanimidade no nosso
parlamento, e o partido republicano
enviou protestos aos deputados Sal-
meron e Lerroux.

Em vista da attitudo patriótica do
governo portuguez, o povo, que prin-
cipalmente a agitar-se, acalmando, sendo
de esperar que a tal commissão e o resto
dos republicanos hespanhoes compre-
henderam que Portugal é dos portu-
guezes e que estes não precisam tu-
tella para se governarem.

—Da Africa chegamos a noticia de
mais uma victoria para as armas por-
tuguezas. O capitão de estado-maior
Alves Roçadas batte varios bandos de
salteadores que prejudicavam gran-
demente os interesses dos colonos por-
tuguezes, destruindo as povoações do
interior, que resistiu tenazmente, ter-
minando por fugir. As nossas forças
aprenderam muito gado.

—Tendo o sr. conselheiro Teixeira
de Vasconcellos pedido demissão do
cargo de governador civil do Porto,
foi nomeado o sr. dr. Antonio Pinto
de Mesquita, de quem se espera boa
administração. Diz-se que a resolução
do sr. Teixeira de Vasconcellos, pre-
tende as eleições camarárias do Porto,
onde o governo foi derrotado.

—Foram concedidas as seguintes
mercês honorificas: commendador da
Ordem de Merito Industrial, os srs.
Henrique Leal Pineda e Leonel Mar-
ques Leal Pineda, residentes no Rio
Grande do Sul.

—Uma empresa ingleza pretende
comprar uma quinta em Chitra, per-
tencente aos herdeiros do duque de
Saldanha, para estabelecer ali um
grande hotel.

—Consta que a ultima sessão do
parlamento, este anno, será em 18
do corrente, começando nesse dia as
férias.

—Chegaram da Alemanha mais
vinte e trez mil espingardas para a
infantaria.

—Consta que será assignado breve-
mente o decreto reduzindo a 5 réis a
taxa dos jornais para o Brasil.

—Tem corrido insistentes boatos
de crise ministerial. Parece não terem
fundamento esses boatos.

—Embarcaram ontem para a
Africa os reserentes maritimos con-
denados á deportação por causa da
revolta a bordo.

—Falleceram: o sr. Miguel Pereira
Coutinho, deputado da Nação; Alfredo
João Ramos Leal, commerciante;
João Maria da Costa, conselheiro João
João de Mattos, major José Maria
de Miranda, Antonio Camargo
Junior, industrial; d. Maria Paula da
Cunha Castro, sogra do negociante
sr. Petronio, visconde de Faro e Oli-
veira, d. Teresa Augusta Vaz de Dan-
tas, mãe do escriptor Julio Dantas.

Porto

O que na semana se passou de
mais importante foi o grande conecio
realizado na nave central do Palacio
de Cristal, ao qual assistiram milhar-
es de pessoas.

Discutiram muitos lavradores do
Doiro, tratando da questio vinícola,
reclamando todos do governo e das
Camaras o cumprimento de promessas
feitas, isto é, uma lei que estabeleces-
se a restrição da barra do Porto para
os vinhos licenciosos do Doiro. E os
lavradores, que sabem manejar a lin-
gua com a mesma facilidade com que
manejam a vidreira, fizeram um ap-
ello á solidariedade desta cidade, como
capital do norte do país. Se os
homens mettem o Porto em lixos ter-
mos *chupado* pela costa. Os lavradores
do sul já estão chamando contra esse
privilegio odioso, que lhe fozia a

barra do Porto aos vinhos que fabri-
cam. Sim, porque no sul tambem se
fabricam vinhos do Doiro, tal qual co-
mo no Brasil já se fabricam vinhos
do Rio!

O governo é que se está vendo en-
tado entre as duas potencias: sul e
norte. Se favorece o sul o norte grita
e a vice a politica franquista pela
agua abaixo... ou pelo vicio acima;
se favorece o norte o sul clama aqui-
de! e o sr. João Franco é homem
morto... politicamente.

Cada um chega a brasa á sua sar-
dinha, como diz o vulgo, e o governo
abre mão desse negocio. E os deputa-
dos que joguem depois as cristas no
parlamento.

—O conselheiro da Franca nesta cidade



TIPOS DE BELLEZA JAPONESA

pede á Alfandega a apprehensão, caso
appareça a despoche, de duas estatue-
tas, uma de bronze e outra de chumbo,
que foram roubadas do museu do
Louvre.

—Na quarta-feira ultima, realisa-
ram-se nesta cidade, treze comecios
republicanos, sendo votadas moções
de applausos á attitudo dos deputados
do partido no parlamento.

—Tomou posse do cargo de gover-
nador civil deste districto o sr. dr.
Antonio Pinto de Mesquita.

—O largo do Carmo passa a deno-
minar-se largo Conselheiro Avellos, e
a avenida dos Carreiros, á Foz, fica
sendo avenida Lima Junior.

—Foi declarada a fallencia da firma
Sousa Ferreira & Comp., com mer-
cancia na rua de Santa Catharina.

—Falleceram: o antigo pho-
tographo Manuel de Sousa Ferreira, d. Vi-
ctoria Pereira Franca, capitalista; d.
Leonor Bastos, sogra do sr. conselheiro
José Ignacio Xavier; José Geraldo da
Silva Sardinha, lente da Academia de
Bellas Artes; Antonio Luiz Santa Bar-
bara, artista muito distincto; d. Caro-
lina dos Santos Sousa Sampaio, espo-
sa do sr. Alípio Augusto Sampaio.

Açores

NOTA—A Associação Commercial
resolveu representar ao governo que
faça a companhia linha telegraphica
a deltar o cabo submarino entre as
Flores e esta ilha, como é do seu de-
ver.

A mesma associação representou

mais para que o governo não encerre
o contrato da navegação para os Açores,
sem principio ouvir as Associa-
ções Commercias do Archipelago.

—Os quarenta maiores contribui-
tes deam parecer favoravel ao em-
prestimo de 47 contos destinados ao
abastecimento de agua nesta cidade.

—No conselho de S. Roque, da
ilha do Pico, começou a publicar-se
um *organo* intitulado *O Imparcial*,
propriedade do sr. Manuel Francisco
Goulart.

—Foi demittido do cargo de ad-
ministrador do conselho de S. Roque,
do Pico, o sr. João José de Simas

uma pintora japonesa no seu atelier

mais para que o governo não encerre
o contrato da navegação para os Açores,
sem principio ouvir as Associa-
ções Commercias do Archipelago.

—Os quarenta maiores contribui-
tes deam parecer favoravel ao em-
prestimo de 47 contos destinados ao
abastecimento de agua nesta cidade.

—No conselho de S. Roque, da
ilha do Pico, começou a publicar-se
um *organo* intitulado *O Imparcial*,
propriedade do sr. Manuel Francisco
Goulart.

—Foi demittido do cargo de ad-
ministrador do conselho de S. Roque,
do Pico, o sr. João José de Simas

uma pintora japonesa no seu atelier

mais para que o governo não encerre
o contrato da navegação para os Açores,
sem principio ouvir as Associa-
ções Commercias do Archipelago.

—Os quarenta maiores contribui-
tes deam parecer favoravel ao em-
prestimo de 47 contos destinados ao
abastecimento de agua nesta cidade.

—No conselho de S. Roque, da
ilha do Pico, começou a publicar-se
um *organo* intitulado *O Imparcial*,
propriedade do sr. Manuel Francisco
Goulart.

—Foi demittido do cargo de ad-
ministrador do conselho de S. Roque,
do Pico, o sr. João José de Simas

uma pintora japonesa no seu atelier

mais para que o governo não encerre
o contrato da navegação para os Açores,
sem principio ouvir as Associa-
ções Commercias do Archipelago.

—Os quarenta maiores contribui-
tes deam parecer favoravel ao em-
prestimo de 47 contos destinados ao
abastecimento de agua nesta cidade.

—No conselho de S. Roque, da
ilha do Pico, começou a publicar-se
um *organo* intitulado *O Imparcial*,
propriedade do sr. Manuel Francisco
Goulart.

—Foi demittido do cargo de ad-
ministrador do conselho de S. Roque,
do Pico, o sr. João José de Simas

uma pintora japonesa no seu atelier

mais para que o governo não encerre
o contrato da navegação para os Açores,
sem principio ouvir as Associa-
ções Commercias do Archipelago.

—Os quarenta maiores contribui-
tes deam parecer favoravel ao em-
prestimo de 47 contos destinados ao
abastecimento de agua nesta cidade.

—No conselho de S. Roque, da
ilha do Pico, começou a publicar-se
um *organo* intitulado *O Imparcial*,
propriedade do sr. Manuel Francisco
Goulart.

—Foi demittido do cargo de ad-
ministrador do conselho de S. Roque,
do Pico, o sr. João José de Simas



VENDIDORES DO 'COMMERIO DE SÃO PAULO' EM-FRENTE Á REDACÇÃO

em duvida a inefficacia deste, porque a
experimentação se começa com a reali-
sacção objectiva e a verificação da hy-
pothese, como, por exemplo, se dá na
physica, responde muito naturalmente
o grande romancista: «Mas onde estão
os meus *discursos* humanos, os meus
discursos de notas, os meus pequenos
factos alhados á memoria de Taine?»,
Taine, com effeito, foi quem primeiro
se teve conscienciosamente ao registo
dos *petits faits* tendo em vista descobrir
a linha geometrica de um caracter des-
minante no estudo de uma individuali-
dade. Assim, para esse critico, Napoleão
é a ambigüidade; mas, para chegar á des-
coberta do caracter essencial do grande
capitão do exercito francez, não hesi-
tamos Taine em accumular uma extraor-
dinaria massa de pequenos factos, por
meio dos quaes construiu, seguro e em-
parado ao mais rigoroso critério, obser-
vando, em todos os mais insignificantes
actos da vida de Napoleão, a influen-
cia da sua tenaz e vibrante daquella
paixão.

Deste modo, Taine conseguiu distri-
buir na Franca o prestigio da legenda
napoleonica, que parecia ter a indis-
cussibilidade do boque e proferir uma
inapellavel sentença baseada sobre o
facto, a qual coincidia com as conclu-
sões do estudo historico e sociologico
que do mesmo Napoleão fez o chefe do
positivismo, convertendose, então, o
herde munião de alta monta, tanto
nos meios da philosophia como nas
do critico.

Assim como um relodoiro desmonta
com facilidade, peça por peça, o machi-
nismo de uma religião para verificar a
causa de uma *anormalidade* qualquer
no seu funcionamento, assim o critico,
mesmo o romancista consciencioso, a
partir de Taine, observa e regista o mi-
nimo facto da vida de um individuo,
remetendo por fim uma enorme quan-
tidade de desses factos, e refazendo, sobre
um facto central e dominante, tudo lo-
to com o intuito de determinar o pe-
dominio do seu caracter essencial e po-
der apontar o como desvio ou paulatino
das regras daquillo que se convencionou
ser na sociedade a *normal*.

Por conseguinte, a critica de uma
obra é hoje a historia e o estudo do
seu autor, como se fozem a sua indi-
vidualidade, qual é a sua psychologia,
com que elementos se elabora o seu
romance. Desprez-se por isso a *sim-
plicidade* das obras para se tratar exclusi-
vamente da personalidade do autor.
Não, por certo. Parece-nos até que para
conhecer aquella, sempre não dispen-
sar o conhecimento desta.

E esta a chamada escola de Taine
que estuda o meio e as circunstancias
assim como o temperamento, e da qual
resulta, a nosso ver, o conhecimento
completo do caracter e da obra de um
escritor.

Por este processo se explica o de Hen-
nequin, que commette ao critico o tra-
balho de *explorar* e não do *julgar* uma
obra? Não. Nem tambem imbuir o mes-
mo methodo de ser o critico, como quer
Guyau, um *artista* *equilibrado* que sinta
e tenha a *visão* *interna* de uma obra
d'arte.

Edmond Scherer apresenta tambem
como um dos modos de se escrever a
historia litteraria a narração da vida
intima, anecdótica e pinturesca dos es-
criptores.

Na Europa, principalmente na Fran-
ça, facil se torna a acquisição dos *petits
faits* de ordem particular da vida de
um escriptor, porque este, geralmente,
escreve as suas *memorias* e mantém con-
versações. Haja vista as *memorias*
dos irmãos Goncourt, ás cartas de Flau-
bert a George Sand, ás de Balzac á
madame Hanska, e outras, que seria
fastidioso enumerar.

Além disso desenvolve ali a imprensa
uma actividade bibliotheca que põe em
cerco todas as celebridades e os re-
trahidos litterarios, á moda de Edmond
de Amicis, se põem em campo, proce-
dendo a um rigoroso inquerito da vida
intima do escriptor. Sabe-se a que hora
se levanta do leito pela manhã, quan-
tas horas gasta no trabalho da escripta,
e quando do seu almoço, do seu gan-

Flaubert, o seu *Comediant*; Zola, o *Bon-
heur* de *rom*; Daudet, a *Adelphi*; a
quinta a Tourgueneff, o *Conte* de
Daudet que tinha sido assediado na
Rússia.

Nesse jantar-se fazia litteratura e se
contava á tripa fôrta. Os quatro fins
quarenta e cinco (com um dos Goncourt a mais
as vezes) não tinham cerimonia entre
si. Tourgueneff, estirava-se a to com-
prido num divan; Flaubert e Zola tira-
vam o casaco, e Daudet apontava o
seu cachimbo para largas *lavoradas*.

Temos aqui diante dos olhos uma
photographia em que vemos os quatro
em torno d'uma mesa; Zola occupa o
centro e lê em voz alta um livro, tendo

Mas a morte, que lhes preoccupa
tanto a attenção, nestas noites inti-
mas, arrebatou-lhes, um dia, um dos
companheiros — Gustave Flaubert, que
era o *lame*, a alma dos festins littera-
rios que tomavam o seu nome.

Os commensaes do *diner Flaubert* de-
clararam de se encontrar por espaço de
mezes, Tourgueneff tentou remedi-los, e
conseguiu por algum tempo, ficando
sempre visível o lugar de Flaubert que,
em espirito, presidia ao jantar. Mas
em *quase* *voce* *o* *seu* *grande* *vicio*, como se
expressa Daudet, já não se ouvia...
Dah! a profunda tristeza que se apode-
rava subitamente dos trez, convivia no
melhor da confabulação. Isto determi-



PASSARINHO MORTO—DE UMA GRAVEIRA INGLEZA

à esquerda Tourgueneff, á direita Flau-
bert e na frente Daudet.

Pela physionomia de cada qual se pó-
de perfeitamente determinar o caracter
litterario de suas obras: Zola, energico,
seguro e livre, com ambas as mãos, é
dado duro e frio, preso á sua littera-
tura; Tourgueneff, schematico, com uma das
mãos na fronte, conservando um dos co-
rteiros sobre a encosta da cadeira de
Zola, escuta, acompanhando a leitura
com os olhos inundados de lagrimas
de sua terra, coada através dos ne-
vócios; Flaubert, frente escampada, bus-
to baldaginado artistico, mantém na
physionomia uma impassibilidade de es-
tatueta, desorientada, porém, pela palpi-
tação sensual das narinas; e Daudet, fi-
nalmente, com a cabellreira espessa, que
lhe cobre parte da fronte e que lhe dá
o feito de um dos beibemos de Henri
Murger, está de perfil, com o ouvido á
escuta, e olha vagamente para um dos
lados do gabinete. De quem seria o li-
vro que lia Zola? Seria a *Testament*
de *Saint Antoine*, de Flaubert? O *Alde*
de *Monret*, do proprio Zola? As *Torres*
de *Tourgueneff*? O *Jack*, de Daudet?

A proposito da leitura de qualquer
livro de cada um dos convivas vinha á
baila, muitas vezes, a discussão sobre o
valor de outros escriptores, entre os
quaes Chateaubriand, cuja personalidade
litteraria Zola em Zola se acercou ad-

nao a dispersão dos convivas do *diner
Flaubert*.

Tourgueneff, logo depois, adoeceu de
uma *angina* *perniciosa* e soffria ainda de
uma *herida* *ferida*, a extracção de um
dente. Daudet foi visitado e encontrou
quasi agonizante. M. rous d'ali a dias o
original escriptor russo. Entre paren-
theses: Tourgueneff mostrou gostar sem-
pre de Daudet, mas não pôde o es-
crupulo deste escriptor quando, ao se pu-
blicar um *tipo* *de* *narrativa* do escriptor
alavo, se lhe depararam referencias em
que dizia estar Daudet, como escriptor,
abaixo de tudo, e considerado como
homem, o ultimo dos homens. Por que?
E? o que Daudet nunca soube explicar,
visto que Tourgueneff frequentava a
sua casa, doce, affectuoso, amavel, abra-
çando sempre os filhos do romancista
de Jack.

Graves annos, morreu tambem Dau-
det, o rival de Zola, o grande fanista,
que até á ultima hora não deixou o ca-
chimbosinho que lhe deu Flaubert, um
cachimbosinho de barro, como conta de
Amicis, um *escandaloso* *habituado* *de*
pedreiro, *mal-habituado* *de* *cadáver*.

Do *diner Flaubert* só restava Zola.
Mas esse mesmo acaba de decaupar
dentro os vícios de uma maneira ines-
perada, quando ainda se sentia com for-
ças para ler e acabar a sua obra.

Agora, pois, que os quatro já motra-

gría o Natal, porque e quando deve
receber da mitschina os presentes
e as abundantes caricias, e a na-
ção poderosa que celebra o Natal
com o repouso solenne, com o des-
canso, tudo explica o caracter fa-
miliar e universal de festa.

E por excellencia a felicidade
da familia, que se reúne numerosa
em torno da mesa, copiosamente
preparada neste dia, é a festa es-
sencial do mundo christão e de
todo o mundo, porque, em qualquer
parte ha christãos, que neste dia
se associam no jubilo por um acon-
tecimento que, se não tem para to-
dos a mesma significação, tem para
todos uma transcendencia capital na
historia da humanidade.

Os a-já pela muita poesia e
muita musica no nascimento de
Christo, o maior dos homens; ou
seja porque esta noite assignalou o
acontecimento mais memoravel do
progresso humano; ou seja por
todas estas razões juntas, o facto
é que o Natal é a festa de todos os
ricos e pobres, nobres e plebeus,
evitados e livres-pensadores, velhos
e crianças.

E a festa que se não pratica
por este ou aquelle principio, mas
por todos, e toda a humanidade
della compartilha.

Felizes são aquelles cuja fé não
foi abalada pela duvida—que no
Natal saudam o apparecimento do
Redemptor do genero humano, o
qual foi concebido sem peccado.

Feliz sobretudo a cidade infantil
estasiada diante do menino Jesus,
Maria e José, elado para a qual
o precepe é o acontecimento mais
importante do anno; mas não só á
criança, tambem o velho caço-
do da triste existencia, o homem
exhausto na luta quotidiana, o
mulher martir da sua miséria, que
entre as fadigas e as prolongadas
vigilias, arranca o mesquinho sa-
peto que investiga e nega, o Natal
traz uma hora de alivio, uma
hora de calma, uma hora de ale-
gria.

Bandito seja este dia de festa
civil, este dia no qual vemos a paz
nos corações e a graça nos som-
blantes; este dia da legenda pie-
dosa e gentil, cheio de poesia e
de musica, que tantos carissimos factos
e pessoas nos recorda.

Amparo—Dezembro.

Villeja Junior.

Noticias de Portugal

SERVIO ORGANIZADO, ESPECIALMENTE PA-
RA O COMMERCIO DE SÃO PAULO, PELO
JORNALISTA HEROSQUE LOPES.

2 de Dezembro de 1906.

Lisboa

O assumpto da semana foi a attitudo
que os deputados republicanos hespanhoes
assumiram ante a reso-
lucão do parlamento portuguez, sus-
pendendo por 30 dias de seus direi-
tos dois deputados, que fizeram as
mais graves accusações a el-rei.

O deputado hespanhol Lerroux, de-
clarando que é uma aspiração e um
desejo santo que sobre o solar da pa-



ENFERMO—QUADRO DE F. H. KATHEMER

Villas Lobo, sendo nomeado o sr.
Manoel Dias de Lima.

—Realizou-se o casamento do sr.
Antonio de Sousa Hilario Junior, com
a sra. d. Rosa Amella de Andrade e
Souza, irmã do vigário da Praia do
Norte.

—Seguiu para Lisboa o governador
civil deste districto.

ANGRA DO HEROSMO—Com a idade
de 82 annos falleceu a sra. d. Maria
Margarida de Meirelles do Canto
Castro.

Era filha de Luiz de Meirelles de
Canto e Castro, fidalgo da casa real,
8.º senhor do morgado dos Meirelles,
da Terceira, e 10.º senhor da casa da
Salga, e appareceu com as mais
velhas familias dos Açores.

POSTA DELIADA—Durante o mez de
Outubro findo pernoitaram no Alber-
gue Nocturno desta cidade 3.611 in-
dividuos, sendo 1.002 mendigos, 1.234
trabalhadores e 375 transeuntes.

O sr. marquez de Jacome Correia
fez os seguintes donativos: 100\$000
ao Asylo de Infancia Desvalida, e
igual quantia a cada uma das se-
guientes instituições: cozinha econo-
mica, Associação Seculo XX e Alber-
gue Nocturno.

—Em Villa Franca do Campo en-
començou a publicar-se uma revista quin-
zenal com o título de *Villa*, sendo
seus directores os srs. dr. Urbano de
Mendonça Dias e padre Ernesto Fer-
reira.

Africa

LOURENÇO MARQUES—Foi muito
bem recebido o novo governador sr.
conselheiro Freire de Andrade. Ty-
dos os colonos folgaram de ver á testa
da administração desta provincia um
homem de tão raras meritos e que
tão bem comprehende a sua alta
missão.

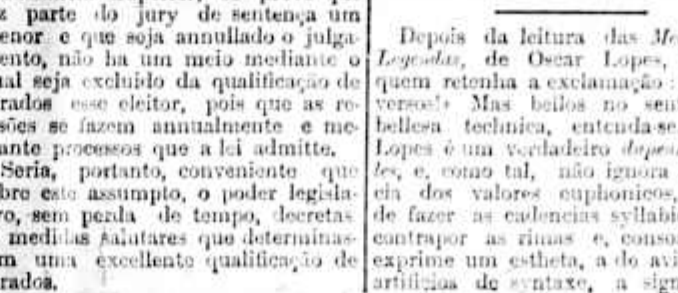
O *Guardian* diz que a nomeação
do sr. conselheiro Freire de Andrade
é sobre garantida de

do Meirelles de
lgo da casa real,
enhor da casa da
o com as mais
Açores.
Durante o mez de
ltaram no Alber-
cidade 8.611 in-
mendigos, 1.234
transentes.
e Jacome Corra-
tivos : 106.000
da Desvalida, e
la uma das se-
cossuêdo econo-
co XX e Alber-
a do Campo co-
uma revista quin-
de Trêz, sendo
o dr. Urbano de
tre Ernesto Fer-
ca
os — Foi muito
o governador sr.
de Andrade. Tis-
m de ver a testa-
sta provincia um
s moricos e que
nde a sua alta
que a nomeação
nare da Andrade
quanto o sr. con-
Ornelas procura-
ariar todos o
ração publica, fa-
imentos indispen-
o porto de Lou-
si injevável pel-
ifica, uma esta-
boa parte da na-
sul.
r geral determi-
que está em coti-
ço dos correio
rompto a nell-
vicio dos correio
proximo.
boa o sr. Leal
Associação Co-
nós o agronomo
contratado pel-
abique. Este fa-
s a reparos, po-
reos precisamos
res e agronomo
menda da lu-
Belgica, mas o
alta falta de po-
ra. As libras tr-
difficuldade

Quatro mil contos para a propaganda do café! Diga-se logo: quatro mil contos tirados nos cabarets de Montreux?

da a hipótese de não ter sido
oportuno recurso em tempo, e fo-
rte a hipótese de que, indeve-
niente a alistar como eleitor de uma
marca quem não tinha os requisitos
necessários, segue-se que esse mal conti-
nuará a produzir suas nefastas con-
sequências, porque, atendendo às
disposições legais, a junta revisora

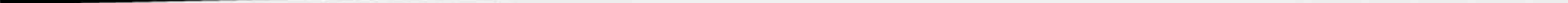
entença, o seu nome pode ser usado e aceito por ambas as partes, como jurado, no entanto, como tolerar que um jurado, a quem a lei proíbe a prática de certos actos em juízo, possa também funcionar como jurado, provocando incidentes que o juiz



Tudo a cair, mesmo a terra, o diásporo e o maréio.
 Para um túlio, o por túlio a mesma coisa.
 Ninguém sabe, sequer, logo pela simplicidade,
 Desde os pilos brancos, flâmula e azul vazio.
 Até o mar que não, e vem no eterno decair
 o alhar e o ar, e o péla ruzia invetera,
 Deserto mar e rio, deserto a cordélia.

Hymnos, flores e folguedos
As crianças têm na escola,
Mas, enfim, esses brinquedos,
Deixem lá, bem as amola...

En quitera ter bons coelhos,
Culver em penas, cabem bons;
Pra dar as crianças gozarem
Uma boneca e ler...



TELEGRAMMAS

OFFICIAL DO COMMERÇO DE SÃO PAULO

INTERIOR

SANTOS, 24

O pintor Santafia Benedito Calisto de hoje uma linda exposição de quadros na rua 15 de Novembro.

SANTOS, 24

Malta-se amanhã a bella festa que o Sr. Julio Conceição oferece aos seus convidados. Promette estar esplendida essa festa, e a mais grande entusiasmo para a realização.

O movimento hoje foi diminuído na praça, devido a ser feriado na serra e em Nova-York.

SANTOS, 24

A Loteria da Capital Federal pagou os prêmios de cem contos que courem ao bilhete n. 181.361, sendo dois a Antonio Maria, residente a Cordeira Dutra, 29 e um quarto a Brando, residente em Macaé, lido do Rio.

Foi pago também o outro prêmio de cem contos, que coube ao numero 8.842, sendo dois quartos a José Soares Pinto, idêntico no largo do Rosário. Ao sr. José Nunes Faria, residente Estação Teixeira, ora nesta capital, portador do bilhete n. 78.826, foi pago prêmio de dez contos.

Dos dois prêmios de cem contos faltam gar dois quartos do bilhete n. 8.842 um quarto do n. 181.361, que ainda foram apresentados.

M. de R. — Desejando fechar as nossas oficinas, não damos hoje o resto do nosso serviço telegraphico.

FATAL DOS POBRES

Consoante o prometido, distribuiremos hoje, graças a valiosa contribuição das almas generosas que se associaram a nossa iniciativa, a quantia de **1328\$500**, em vouchers, aos pobres que, até honram, deixaram o seu nome no escriptorio do *Commercio de S. Paulo*. Aquella somma será distribuida em pequenas parcelas a todos quanto a merecerem, tendo-se em conta a idade e as condições do feg, vivia ou indigente, cujos nomes figuram na lista por nós organizada.

AS ESPORTULAS SERÃO DISTRIBUIDAS DO MEIO DIA EM DEANTE.

Ainda hontem recebemos as seguintes esportulas:

Benedito Celio, Myrian, João Baptista e Lygia	\$3000
Manoel Perez	\$5000
Irmao Joé Baptista e Oswaldo	\$5000
1 anônimo	\$5000
Albano Baudes	\$2000
Nesé e Nina	\$3000
Bariga	\$1000
José Antonio Grisi	\$2000
Antonio de Oliveira Barros	\$1000
B. L.	\$10000
D. C.	\$2000
Pacheco	\$2000
Margarite e Emma Heinze	\$2000
Eduardo e Jorge Freyeseleben	\$2000
Café Guarany	\$4000
empregado	\$4000
Arthur Pereira	\$4000
Dr. João Dent	\$5000
Custodio Vieira Pechiata	\$5000
Tameirão	\$2000

Quantia publicada 718\$500
78\$500
1333\$500

Enviamos também prendas para o Natal dos Pobres, os seguintes e as:

Antonio Rodrigues de Mello — uma banheira de folha;
D. Zulmira Braga — um porta-car-tes;
D. Rita Fernandina de Cassia — uma flor de escamas de peixe;
D. Elisa Fernandes — uma almofada para afines;
Felippe de Lima — um ramo de flores;
D. Julia de Toledo Aguiar — dois exemplares de uma cabra, de sua composição;
Confiteira Castellões — uma panela de Natal;
D. Francisca M. da Silva — um co-ço a fantasia;
Menina Lúcia Camargo — uma touca e sapatinhos de lã;
A. Pereira de Castro — uma lata de biscoitos.

Todos esses objectos foram hontem vendidos em leilão.

Receberam hontem o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociais o sr. Antonio A. Meyer Gonçalves.

O dr. Albuquerque Lima, secretario da Fazenda, recebeu hontem telegramma do sr. João Pinheiro, presidente de Minas Geraes, comunicando-lhe que de 1.º de janeiro em diante aquelle Estado cobrará a sobretaxa dos tres francos, de cada sacca de café exportada.

O Senado remetterá por estes dias a opposição presidencial o seguinte decreto legislativo:

Se as testemunhas não tiverem sido intimadas pessoalmente, pelo-o por edital afixado a porta da casa das sessões do jury e publicado pela imprensa local, onde houver, com antecedencia nunca menor de dez dias da installação do jury, mesmo que a intimação pessoal, quando requerida, não se realize.

Tendo entrado cedo para o prelo as ultimas paginas do numero de hoje, fomos forçados a reduzir o noticiario e as demais seções de informações diarias, falta essa sanada de hoje com a copiosa materia das demais paginas illustradas, onde se encontra selecta e variada collaboraçao dos mais festejados escriptores paulistas e fluminenses.

Chegou hontem de Pindamonhangaba, o revdm. d. José Marcondes Homem de Mello, arcebispo titular de Visopolis.

Em discussão unica, passou hontem no Senado, o projecto que dispõe sobre a organização de bancos de custeio rural, que hontem mesmo foi enviado a sancção do sr. presidente do Estado.

Afim de tratar da organização da chapa de deputados estaduais, esteve hontem reunida a Comissão Central.

O sr. dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, por se achar ainda enfermo, não irá assistir ás festas em Pirajú e Itatiba, segundo o que estava combinado.

Logo que, s. exa. se restabeleça irá passar uma temporada na sua fazenda da Resaca.

Regressa hoje a esta capital o sr. dr. Antonio Prado, prefeito municipal, que ante-hontem seguiu para Santa Veridiana e S. Martinho, em visita ás suas propriedades agricolas, conforme noticia mos.

O sr. dr. Jorge Tibiriçá, presidente do Estado, que atacado de uma influenza tem estado recolhido a seus aposentos particulares, continúa a receber grande numero de visitas.

Boas festas

Agradecemos aos distintos cavalheiros que nos tem enviado cartas e cartões de boas-festas, desejando-lhes as maiores venturas no decorrer do anno proximo viandeiro.

Ouvimos hontem que terá parecer favoravel da respectiva comissão e ainda nesta semana entrará em discussão, no Senado Federal, o projecto do illustre deputado dr. Cardoso de Almeida, garantindo o salario do colono e dando outras providencias de grande alcance para o serviço de colonização e immigração.

O governo, segundo se diz, está cuidando, com o maior interesse, da fundação de um Banco Agrícola nesta capital, destinado a auxiliar a lavoura.

A Bahia em S. Paulo

A feliz agencia dos srs. Amancio Rodrigues dos Santos & C. começou a venda franca nesta capital e no interior do Estado, dos bilhetes da loteria da Bahia.

Essa loteria, apesar de nova, já tem distribuido aqui boas premias e os nossos leitores poderão verificar se os seus vantajosos os seus planos, se quizerem ler o annuncio que vai publicado noutra secção desta folha.

Amanhã corre a loteria de 15 contos, custando o bilhete apenas dois mil reis.

Recebemos o numero de Natal do *Album Imperial*, a bella revista de Couto Magalhães.

Delle trataremos no proximo numero.

Funcionou hontem o Senado, sendo approvados sem debates, na forma do louvel costume, os seguintes projectos:

Dispondo sobre a organização de bancos de custeio rural; estabelecendo regras para o julgamento de crimes sujeitos ao jury; dispondo que os professores complementares tenham direito a matricula na capital; autorizando o governo a mandar admitir a exame vago dos 3 annos de qualquer das escolas complementares ao professor adjunto por concurso, Hugo Victor de Oliveira Ribeiro.

O sr. Armando Nobrega e a exma. sra. d. Carmelita da Silva Leite participaram-nos o seu casamento realizado na cidade de Bragança a 24 do corrente.

O Senado enviou hontem a sancção presidencial os decretos legislativos annexando a comarca de Avaré o municipio de Bom Sucesso, actualmente pertencente a comarca de Faxina, e o que muda a denominação do municipio de Patrocinio de Santa Isabel para a de Igaratá.

O sr. dr. Albuquerque Lima, secretario da Fazenda, recebeu hontem telegramma do sr. João Pinheiro da Silva, presidente do Estado de Minas Geraes, em que lhe communicava que de 1.º de janeiro em diante aquelle Estado cobrará a sobretaxa de tres francos de cada sacca de café exportado.

Este favor, ao menos, devemos go-

TELEGRAMMAS

OFFICIAL DO COMMERÇO DE SÃO PAULO

INTERIOR

SANTOS

En data de 24

A eleição municipal correu em perfeita ordem.

Comparceram 903 eleitores.

Até hoje não consta o menor protesto.

O sr. capitão Jovino Tavares, thesoureiro da Alfandega, tem recebido innumeras felicitações por ter reassumido o seu cargo.

Aos amigos que foram cumprimental-o em sua residencia, offereceu o sr. capitão Jovino Tavares, domingo, um copo de agua.

O sr. inspector encerrou o inquerito a que procedeu sobre o contrabando de 7 caixas marca CM e que continham saídas do armazem n. 8 das Docas.

Dease inquerito ficaram provadas as accusações que recaíam em Miguel d'Anna e Aureliano Carlos da Silva, fiéis do referido armazem.

O sr. Fernandes da Silva, depois de estudar o processo, marcou o prazo de 15 dias, para os accusados apresentarem as suas defesas.

Apresentadas estas, fará o julgamento e remetterá o inquerito ao juiz federal, em S. Paulo, para os devidos fins.

Rio Claro

Um facto mysterioso que encerra tal vez mais um crime, occorreu, pelo amor occulto, narra do modo seguinte O Alpha, diario d'esta cidade:

Na madrugada de 2 do corrente, encontrava-se á porta de seu estabelecimento á rua 4, palestrando com um amigo, o sr. Antonio de Moraes, um velho e conhecido de ambos, um rapaz de nome, solenemente deserta, hum severa desolação, apenas de longe em longe banhada pela luz das lampadas, offerecia um lugubre aspecto tumular.

O silencio imperava, como senhor abalado.

Dahi a pouco, atirando aquelle cavalheiro o olhar ao longe, divisiu um vulto de mulher que descia, a passos rapidos, pela Avenida 8. Toda de branco, com o cabelo esparramado em desalinho, hums attitudes phantasticas, sobrava de um pequeno volume — uma criança por certo, pela apparencia e pelos movimentos — eaa como que esbelta apparição de além tumulo seguiu em direcção ao correjo que circunda a cidade.

Atirados pela escuridão, os dois, pensando fosse tudo aquillo o epilogo violento de relações clandestinas, um um destes crimes emfim tão communs na alta sociedade, o sr. Eulálio e seu companheiro resolveram seguir-a.

A mulher, proseguindo através do malagal, ansiosamente á procura de um ponto, com expressão de soffrir, pôz-se a caminhar á margem do rio, favorecida pelas trevas da noite...

Mas, o tom de espanto e de pavor — espanto que parecia o pavor secular! — que resumbrava sinistramente por aquella hora na forma dormente das coisas, arrebecou a intrepida coragem dos escrupulosos cavalheiros, que, sem demora, recuaram, agredidos pelos receios, sob impulso da natureza, vendo o vulto abalado, á pressa, febrilmente agitado, pela Avenida 12, nesse momento cheia do silencio evocativo que engendra phantasmagorias.

O curioso facto foi logo depois narrado á policia e o sr. dr. Mascarenhas Neves, com actividade incansavel, determinou promptas diligencias, a começar pela inquirição de todas as partelras conhecidas. Nada, porém, conseguiram descobrir.

S. Carlos

Publica a *Cidade de S. Carlos*:

Joseph Basco Carascosa, desenhando contra o seu filho, Nílva, de 12 annos de idade, o que de desapparecer da cidade, ha dias, pede encarecidamente, por nro intermedio, o valioso auxilio da imprensa, afim de, uma vez divulgada a noticia, se descobrir o paradeiro do infeliz menor.

A informação, por especial favor, poderão ser enviadas á supplicante, para a rua Carvalho, 37, desta cidade.

O sr. Joaquim de Meira Botelho fez o donativo de 1000\$5, á igreja matriz, para as suas obras.

Realizou-se o consorcio do professor João Epaminondas Ferreira com a sephorita Nene Baptista, irmã do capitão Cyrillo Baptista.

Foi nomeado promotor interino o sr. Domingos Valladares Ribeiro, por ter entrado em gozo de licença o sr. dr. Macedo Costa.

Ribeirão Preto

Bastante indignados com o acto de tão grande crueldade commettido pela Santa Casa, transcreveremos a noticia referente ao mesmo, dada pelo *Diario da Manhã*, para maior vergonha dos actores de semelhante falta de caridade.

Borgni Giuseppe, italiano, um pobre homem do povo, um desgraçado talvez, chegou hontem, ás 4 1/2 horas da tarde, da villa Brodowski, com destinas a Santa Casa de Misericórdia, desta cidade, trazendo um attestado medico do dr. Raymundo de Oliveira, clinico em Bataias. Acontece, porém, que, ao chegar á referida casa pia, disseram-lhe que somente a directoria desse estabelecimento poderia facilitar-lhe a entrada.

Deante disso voltou o pobre homem e encaminhou-se á residencia de um dos directores, teve como resposta um formal recusa, em virtude de não ser elle morador neste municipio. Logo, o sr. Giuseppe dirigiu-se ao restaurante Roma, á rua José Bonifácio, e ali aguardar a misericórdia divina já que a dos homens lhe fallára.

Muito enfraquecido e com bastante fome resolveu tomar uma soppa, a ultima que o seu estomago reclamára, pois que, ao levar a 4 colher a bocca, sem um gemido, sem uma imprecção, ergueu os olhos, rolou-os nas orbitas e hum profundo suspiro, quedou silencioso.

Triste verdade! profunda miséria! Negar-se a caridade a um desgraçado!

Muito desajustados proseguir nesta noticia, mas, envergonhada de tal maneira exalta, que aqui fazemos ponto, tartamudeando tristemente!

Miseria!

Miseria!

Araçatuba

Do nosso correspondente em data de 22:

Parece que, com o congragamento dos partidos politicos, a sociedade araçatubense voltou a paz e concórdia em ha annos atrás vivia. Queira Deus que essa paz e essa concórdia sejam reinadas e perduravel para o bem de nós todos.

Deve realisar-se amanhã a eleição para o preenchimento da vaga de vereador occorrida pela morte do sr. João de Araújo. Esta eleição não terá a concorrência que se espera, pois, estando ambos os partidos de accordo sobre o candidato, não se faz mister o comparecimento de grande numero de eleitores.

Perdidos foram, pois, os discursos empregados, as artimanhas sem conta que os ex-governantes empregaram, para, em todo tempo, vencer a eleição, e os termos a vergonhosos cabala empregada pelo dr. Juiz de direito Pacifico Gomes, e pelos apunhaçados pagos pela entidade.

Este favor, ao menos, devemos go-

TELEGRAMMAS

OFFICIAL DO COMMERÇO DE SÃO PAULO

INTERIOR

SANTOS

En data de 24

A eleição municipal correu em perfeita ordem.

Comparceram 903 eleitores.

Até hoje não consta o menor protesto.

O sr. capitão Jovino Tavares, thesoureiro da Alfandega, tem recebido innumeras felicitações por ter reassumido o seu cargo.

Aos amigos que foram cumprimental-o em sua residencia, offereceu o sr. capitão Jovino Tavares, domingo, um copo de agua.

O sr. inspector encerrou o inquerito a que procedeu sobre o contrabando de 7 caixas marca CM e que continham saídas do armazem n. 8 das Docas.

Dease inquerito ficaram provadas as accusações que recaíam em Miguel d'Anna e Aureliano Carlos da Silva, fiéis do referido armazem.

O sr. Fernandes da Silva, depois de estudar o processo, marcou o prazo de 15 dias, para os accusados apresentarem as suas defesas.

Apresentadas estas, fará o julgamento e remetterá o inquerito ao juiz federal, em S. Paulo, para os devidos fins.

Rio Claro

Um facto mysterioso que encerra tal vez mais um crime, occorreu, pelo amor occulto, narra do modo seguinte O Alpha, diario d'esta cidade:

Na madrugada de 2 do corrente, encontrava-se á porta de seu estabelecimento á rua 4, palestrando com um amigo, o sr. Antonio de Moraes, um velho e conhecido de ambos, um rapaz de nome, solenemente deserta, hum severa desolação, apenas de longe em longe banhada pela luz das lampadas, offerecia um lugubre aspecto tumular.

O silencio imperava, como senhor abalado.

Dahi a pouco, atirando aquelle cavalheiro o olhar ao longe, divisiu um vulto de mulher que descia, a passos rapidos, pela Avenida 8. Toda de branco, com o cabelo esparramado em desalinho, hums attitudes phantasticas, sobrava de um pequeno volume — uma criança por certo, pela apparencia e pelos movimentos — eaa como que esbelta apparição de além tumulo seguiu em direcção ao correjo que circunda a cidade.

Atirados pela escuridão, os dois, pensando fosse tudo aquillo o epilogo violento de relações clandestinas, um um destes crimes emfim tão communs na alta sociedade, o sr. Eulálio e seu companheiro resolveram seguir-a.

A mulher, proseguindo através do malagal, ansiosamente á procura de um ponto, com expressão de soffrir, pôz-se a caminhar á margem do rio, favorecida pelas trevas da noite...

Mas, o tom de espanto e de pavor — espanto que parecia o pavor secular! — que resumbrava sinistramente por aquella hora na forma dormente das coisas, arrebecou a intrepida coragem dos escrupulosos cavalheiros, que, sem demora, recuaram, agredidos pelos receios, sob impulso da natureza, vendo o vulto abalado, á pressa, febrilmente agitado, pela Avenida 12, nesse momento cheia do silencio evocativo que engendra phantasmagorias.

O curioso facto foi logo depois narrado á policia e o sr. dr. Mascarenhas Neves, com actividade incansavel, determinou promptas diligencias, a começar pela inquirição de todas as partelras conhecidas. Nada, porém, conseguiram descobrir.

S. Carlos

Publica a *Cidade de S. Carlos*:

Joseph Basco Carascosa, desenhando contra o seu filho, Nílva, de 12 annos de idade, o que de desapparecer da cidade, ha dias, pede encarecidamente, por nro intermedio, o valioso auxilio da imprensa, afim de, uma vez divulgada a noticia, se descobrir o paradeiro do infeliz menor.

A informação, por especial favor, poderão ser enviadas á supplicante, para a rua Carvalho, 37, desta cidade.

O sr. Joaquim de Meira Botelho fez o donativo de 1000\$5, á igreja matriz, para as suas obras.

Realizou-se o consorcio do professor João Epaminondas Ferreira com a sephorita Nene Baptista, irmã do capitão Cyrillo Baptista.

Foi nomeado promotor interino o sr. Domingos Valladares Ribeiro, por ter entrado em gozo de licença o sr. dr. Macedo Costa.

Ribeirão Preto

Bastante indignados com o acto de tão grande crueldade commettido pela Santa Casa, transcreveremos a noticia referente ao mesmo, dada pelo *Diario da Manhã*, para maior vergonha dos actores de semelhante falta de caridade.

Borgni Giuseppe, italiano, um pobre homem do povo, um desgraçado talvez, chegou hontem, ás 4 1/2 horas da tarde, da villa Brodowski, com destinas a Santa Casa de Misericórdia, desta cidade, trazendo um attestado medico do dr. Raymundo de Oliveira, clinico em Bataias. Acontece, porém, que, ao chegar á referida casa pia, disseram-lhe que somente a directoria desse estabelecimento poderia facilitar-lhe a entrada.

Deante disso voltou o pobre homem e encaminhou-se á residencia de um dos directores, teve como resposta um formal recusa, em virtude de não ser elle morador neste municipio. Logo, o sr. Giuseppe dirigiu-se ao restaurante Roma, á rua José Bonifácio, e ali aguardar a misericórdia divina já que a dos homens lhe fallára.

Muito enfraquecido e com bastante fome resolveu tomar uma soppa, a ultima que o seu estomago reclamára, pois que, ao levar a 4 colher a bocca, sem um gemido, sem uma imprecção, ergueu os olhos, rolou-os nas orbitas e hum profundo suspiro, quedou silencioso.

Triste verdade! profunda miséria! Negar-se a caridade a um desgraçado!

Muito desajustados proseguir nesta noticia, mas, envergonhada de tal maneira exalta, que aqui fazemos ponto, tartamudeando tristemente!

Miseria!

Miseria!

Araçatuba

Do nosso correspondente em data de 22:

Parece que, com o congragamento dos partidos politicos, a sociedade araçatubense voltou a paz e concórdia em ha annos atrás vivia. Queira Deus que essa paz e essa concórdia sejam reinadas e perduravel para o bem de nós todos.

Deve realisar-se amanhã a eleição para o preenchimento da vaga de vereador occorrida pela morte do sr. João de Araújo. Esta eleição não terá a concorrência que se espera, pois, estando ambos os partidos de accordo sobre o candidato, não se faz mister o comparecimento de grande numero de eleitores.

Perdidos foram, pois, os discursos empregados, as artimanhas sem conta que os ex-governantes empregaram, para, em todo tempo, vencer a eleição, e os termos a vergonhosos cabala empregada pelo dr. Juiz de direito Pacifico Gomes, e pelos apunhaçados pagos pela entidade.

Este favor, ao menos, devemos go-

TELEGRAMMAS

OFFICIAL DO COMMERÇO DE SÃO PAULO

INTERIOR

SANTOS

En data de 24

A eleição municipal correu em perfeita ordem.

Comparceram 903 eleitores.

Até hoje não consta o menor protesto.

O sr. capitão Jovino Tavares, thesoureiro da Alfandega, tem recebido innumeras felicitações por ter reassumido o seu cargo.

Aos amigos que foram cumprimental-o em sua residencia, offereceu o sr. capitão Jovino Tavares, domingo, um copo de agua.

O sr. inspector encerrou o inquerito a que procedeu sobre o contrabando de 7 caixas marca CM e que continham saídas do armazem n. 8 das Docas.

Dease inquerito ficaram provadas as accusações que recaíam em Miguel d'Anna e Aureliano Carlos da Silva, fiéis do referido armazem.

O sr. Fernandes da Silva, depois de estudar o processo, marcou o prazo de 15 dias, para os accusados apresentarem as suas defesas.

Apresentadas estas, fará o julgamento e remetterá o inquerito ao juiz federal, em S. Paulo, para os devidos fins.

Rio Claro

Um facto mysterioso que encerra tal vez mais um crime, occorreu, pelo amor occulto, narra do modo seguinte O Alpha, diario d'esta cidade:

Na madrugada de 2 do corrente, encontrava-se á porta de seu estabelecimento á rua 4, palestrando com um amigo, o sr. Antonio de Moraes, um velho e conhecido de ambos, um rapaz de nome, solenemente deserta, hum severa desolação, apenas de longe em longe banhada pela luz das lampadas, offerecia um lugubre aspecto tumular.

O silencio imperava, como senhor abalado.

Dahi a pouco, atirando aquelle cavalheiro o olhar ao longe, divisiu um vulto de mulher que descia, a passos rapidos, pela Avenida 8. Toda de branco, com o cabelo esparramado em desalinho, hums attitudes phantasticas, sobrava de um pequeno volume — uma criança por certo, pela apparencia e pelos movimentos — eaa como que esbelta apparição de além tumulo seguiu em direcção ao correjo que circunda a cidade.

Atirados pela escuridão, os dois, pensando fosse tudo aquillo o epilogo violento de relações clandestinas, um um destes crimes emfim tão communs na alta sociedade, o sr. Eulálio e seu companheiro resolveram seguir-a.

A mulher, proseguindo através do malagal, ansiosamente á procura de um ponto, com expressão de soffrir, pôz-se a caminhar á margem do rio, favorecida pelas trevas da noite...

Mas, o tom de espanto e de pavor — espanto que parecia o pavor secular! — que resumbrava sinistramente por aquella hora na forma dormente das coisas, arrebecou a intrepida coragem dos escrupulosos cavalheiros, que, sem demora, recuaram, agredidos pelos receios, sob impulso da natureza, vendo o vulto abalado, á pressa, febrilmente agitado, pela Avenida 12, nesse momento cheia do silencio evocativo que engendra phantasmagorias.

O curioso facto foi logo depois narrado á policia e o sr. dr. Mascarenhas Neves, com actividade incansavel, determinou promptas diligencias, a começar pela inquirição de todas as partelras conhecidas. Nada, porém, conseguiram descobrir.

S. Carlos

Publica a *Cidade de S. Carlos*:

Joseph Basco Carascosa, desenhando contra o seu filho, Nílva, de 12 annos de idade, o que de desapparecer da cidade, ha dias, pede encarecidamente, por nro intermedio, o valioso auxilio da imprensa, afim de, uma vez divulgada a noticia, se descobrir o paradeiro do infeliz menor.

A informação, por especial favor, poderão ser enviadas á supplicante, para a rua Carvalho, 37, desta cidade.

O sr. Joaquim de Meira Botelho fez o donativo de 1000\$5, á igreja matriz, para as suas obras.

Realizou-se o consorcio do professor João Epaminondas Ferreira com a sephorita Nene Baptista, irmã do capitão Cyrillo Baptista.

Foi nomeado promotor interino o sr. Domingos Valladares Ribeiro, por ter entrado em gozo de licença o sr. dr. Macedo Costa.

Ribeirão Preto

Bastante indignados com o acto de tão grande crueldade commettido pela Santa Casa, transcreveremos a noticia referente ao mesmo, dada pelo *Diario da Manhã*, para maior vergonha dos actores de semelhante falta de caridade.

Borgni Giuseppe, italiano, um pobre homem do povo, um desgraçado talvez, chegou hontem, ás 4 1/2 horas da tarde, da villa Brodowski, com destinas a Santa Casa de Misericórdia, desta cidade, trazendo um attestado medico do dr. Raymundo de Oliveira, clinico em Bataias. Acontece, porém, que, ao chegar á referida casa pia, disseram-lhe que somente a directoria desse estabelecimento poderia facilitar-lhe a entrada.

Deante disso voltou o pobre homem e encaminhou-se á residencia de um

IMPORTANTES
LOTÉRIAS DA CAPITAL FEDERAL

Unicas em que seus premios são garantidos pelo governo federal e autorizados a serem vendidos em todos os estados do Brasil. Unicas

AGENCIA GERAL—Rua Direita-39
Julio Antunes de Abreu & C.

AMANHÃ **AMANHÃ**
20:000\$000 **20:000\$000**

FOR 20000 FOR 20000

BARBADO, 5 de Janeiro de 1907—1. GRANDE LOTERIA DO NOVO ANNO
100:000\$000

FOR 40000 FOR 40000

Recomendamos ao publico estas loterias, por serem as unicas que os seus premios são realmente vendidos, pela sua incontestavel seriedade e por serem as que mais sortes têm distribuido neste Estado.

Os pedidos devem ser dirigidos aos agentes geraes
JULIO ANTUNES DE ABREU & COMP.
RUA DIREITA-39—S. Paulo
CAIXA DO CORREIO, 77

Martinho da Silva Machado
EMPREENHEIRO & OBRAS

Encarrega-se de obras de construção e reformas de predios, pinturas, encanamentos de agua, gas, esgotos e calhas e bem assim toda e qualquer obra relativa a sua profissão.

PREÇOS RASOAVEIS

Escritorio e deposito:
Rua dos Gusmões, 11
635 SÃO PAULO

VINHO QUINA
RABOT

de QUASSIA
a Casas de Lazer e Amigos.

TONICO, APERITIVO
RECONSTITUINTE, FEBRIFUGO

RECOMENDADO aos CONVALESCENTES e a todos os atacados de **ANEMIA, CLOROSE, NEURASTHENIA, FEBRE, VERIGENS ESTOMACIAES, ATROPHIA DAS VIAS GASTROINTESTINAES, L. RABOT & D. DAVID, Rua de 11 de Junho, 11, COMPANHIA de S. Paulo.**

Deposito em todas as Pharmacias.

Fabrica de tintas
Vieira & C.

Rua Lages Chaves, 57. — Barra Funda.
Grandes vantagens para revender.
90 terças até dez.



Camisaria e Alfaiataria
AO GALLO
RUA DIREITA N. 24-A

Acaba de receber um lindo e variado sortimento de casacas inglesas. Variedade em camisas, collarinhos, punhos, gravatas, corbates, meias, lenços e toallas.

Grande redução de preços por motivo de balanço
A secção de alfaiataria continua sob a direcção de um habil contra-mestre

CASA ROCHA
RUA 15 DE NOVEMBRO, 20

O melhor calçado do Brasil
GRANDE REDUCÇÃO

Para dar lugar ao novo sortimento LIQUIDA-SE com GRANDES ABATIMENTOS o actual stock.

De 15 até 31 do corrente
Vendas só a DINHEIRO

BRINDES:
Toda e fregues que comprar de 20\$000 réis para cima terá direito a um artistico estojo com espelho, a uma bella lapiseira ou a um elegante sapatinho de prata dourada.

Coelho da Rocha & C.

JOCKEY-CLUB

Programma da 20.ª corrida a realizar-se HOJE, 25 de Dezembro de 1906, no Hippodromo Paulista.

Grande premio dr. Herculano de Freitas

1.º premio—DR. RUBIAO JUNIOR
Premios: 800\$000 ao primeiro e 20\$000 ao segundo.—Distancia, 1.500 metros.

1.º premio—DR. RUBIAO JUNIOR
Premios: 800\$000 ao primeiro e 20\$000 ao segundo.—Distancia, 1.500 metros.

1.º premio—DR. RUBIAO JUNIOR
Premios: 800\$000 ao primeiro e 20\$000 ao segundo.—Distancia, 1.500 metros.

1.º premio—DR. RUBIAO JUNIOR
Premios: 800\$000 ao primeiro e 20\$000 ao segundo.—Distancia, 1.500 metros.

FESTAS

O melhor presente é uma caixa do delicioso vinho

PORTO-CLUB

DEPOSITO:
LOJA DO JAPÃO
42—RUA S. BENTO—42

Marmoraria Tavoraro

Exposição permanente de TUMULOS, ESTATUAS e vasos.

M. TAVOLARO
IMPORTADOR

— Venda de marmore em bruto e serrado —
RUA DE SANTA EPHIGENIA N. 69—S. PAULO
Casa fundada em 1894

IMPORTAÇÃO DIRECTA
Da Inglaterra, França, Italia e Allemanha

Chapéus duros e molles de **CHRISTY'S, PITT & SCOTT'S**

Cartolas Patent, Claque ultimas novidades, para casamentos e soirées.

Depositarario dos afamados chapéus **CHRISTY'S LONDON**

CHAPELARIA
HENRIQUE MARTINS
22 RUA 15 de NOVEMBRO 22
S. PAULO

Chapéus de palha de todas as qualidades.
CHILE, PANAMÁ, CIPÓ

Bonets para viagens e collegiaes, chapéus de sol para homens e crianças.

Loterias da Capital Federal
A MAIS IMPORTANTE DO BRASIL

Capital, **4.500:000\$**
AMANHÃ
20:000\$00

Bilhete inteiro, 2\$000

Depois de amanhã
15:000\$000

Bilhete inteiro, 1\$000 EM 5 DE JANEIRO Bilhete inteiro 1\$000

100:000\$ bilhete inteiro, 4\$

Pedidos, informações e pagamento integral de todos os premios
CASA LOTERICA
Agencia geral em todo o Estado, da loteria da Capital Federal
Amancio Rodrigues dos Santos & C.
Praça Antonio Prado, 5—Caixa, 196—Tel. Amancio

COMPANHIA DE LOTERIAS DO ESTADO DA BAHIA

Presidente, Conde Sebastião de Pinho
Thesoireiro, Rodolpho Calcagno

LOTÉRIA DO ESTADO DA BAHIA--Extracções diarias

Com venda franca em todo o ESTADO DE S. PAULO

Loteria do Estado da BAHIA

O seu tradicional nome basta para que seja recommendada esta importante Empresa, não só pela sua criteriosa direcção, como em geral e mui principalmente pela sua moderna confecção de vantajosos planos—nunca vistos e inimitavel pelas suas congengeres.

VEJAM OS PLANOS QUE SE SEGUEM

Plano n. 1
EXTRACÇÃO EM 26 E 28

1 premio de 15 contos
1 " " 2 " " 200\$
1 " " 3 " " 500\$
1 " " 4 " " 100\$
1 " " 5 " " 100\$
1 " " 6 " " 100\$
1 " " 7 " " 100\$
1 " " 8 " " 100\$
1 " " 9 " " 100\$
1 " " 10 " " 100\$
1 " " 11 " " 100\$
1 " " 12 " " 100\$
1 " " 13 " " 100\$
1 " " 14 " " 100\$
1 " " 15 " " 100\$
1 " " 16 " " 100\$
1 " " 17 " " 100\$
1 " " 18 " " 100\$
1 " " 19 " " 100\$
1 " " 20 " " 100\$
1 " " 21 " " 100\$
1 " " 22 " " 100\$
1 " " 23 " " 100\$
1 " " 24 " " 100\$
1 " " 25 " " 100\$
1 " " 26 " " 100\$
1 " " 27 " " 100\$
1 " " 28 " " 100\$
1 " " 29 " " 100\$
1 " " 30 " " 100\$
1 " " 31 " " 100\$
1 " " 32 " " 100\$
1 " " 33 " " 100\$
1 " " 34 " " 100\$
1 " " 35 " " 100\$
1 " " 36 " " 100\$
1 " " 37 " " 100\$
1 " " 38 " " 100\$
1 " " 39 " " 100\$
1 " " 40 " " 100\$
1 " " 41 " " 100\$
1 " " 42 " " 100\$
1 " " 43 " " 100\$
1 " " 44 " " 100\$
1 " " 45 " " 100\$
1 " " 46 " " 100\$
1 " " 47 " " 100\$
1 " " 48 " " 100\$
1 " " 49 " " 100\$
1 " " 50 " " 100\$
1 " " 51 " " 100\$
1 " " 52 " " 100\$
1 " " 53 " " 100\$
1 " " 54 " " 100\$
1 " " 55 " " 100\$
1 " " 56 " " 100\$
1 " " 57 " " 100\$
1 " " 58 " " 100\$
1 " " 59 " " 100\$
1 " " 60 " " 100\$
1 " " 61 " " 100\$
1 " " 62 " " 100\$
1 " " 63 " " 100\$
1 " " 64 " " 100\$
1 " " 65 " " 100\$
1 " " 66 " " 100\$
1 " " 67 " " 100\$
1 " " 68 " " 100\$
1 " " 69 " " 100\$
1 " " 70 " " 100\$
1 " " 71 " " 100\$
1 " " 72 " " 100\$
1 " " 73 " " 100\$
1 " " 74 " " 100\$
1 " " 75 " " 100\$
1 " " 76 " " 100\$
1 " " 77 " " 100\$
1 " " 78 " " 100\$
1 " " 79 " " 100\$
1 " " 80 " " 100\$
1 " " 81 " " 100\$
1 " " 82 " " 100\$
1 " " 83 " " 100\$
1 " " 84 " " 100\$
1 " " 85 " " 100\$
1 " " 86 " " 100\$
1 " " 87 " " 100\$
1 " " 88 " " 100\$
1 " " 89 " " 100\$
1 " " 90 " " 100\$
1 " " 91 " " 100\$
1 " " 92 " " 100\$
1 " " 93 " " 100\$
1 " " 94 " " 100\$
1 " " 95 " " 100\$
1 " " 96 " " 100\$
1 " " 97 " " 100\$
1 " " 98 " " 100\$
1 " " 99 " " 100\$
1 " " 100 " " 100\$
1 " " 101 " " 100\$
1 " " 102 " " 100\$
1 " " 103 " " 100\$
1 " " 104 " " 100\$
1 " " 105 " " 100\$
1 " " 106 " " 100\$
1 " " 107 " " 100\$
1 " " 108 " " 100\$
1 " " 109 " " 100\$
1 " " 110 " " 100\$
1 " " 111 " " 100\$
1 " " 112 " " 100\$
1 " " 113 " " 100\$
1 " " 114 " " 100\$
1 " " 115 " " 100\$
1 " " 116 " " 100\$
1 " " 117 " " 100\$
1 " " 118 " " 100\$
1 " " 119 " " 100\$
1 " " 120 " " 100\$
1 " " 121 " " 100\$
1 " " 122 " " 100\$
1 " " 123 " " 100\$
1 " " 124 " " 100\$
1 " " 125 " " 100\$
1 " " 126 " " 100\$
1 " " 127 " " 100\$
1 " " 128 " " 100\$
1 " " 129 " " 100\$
1 " " 130 " " 100\$
1 " " 131 " " 100\$
1 " " 132 " " 100\$
1 " " 133 " " 100\$
1 " " 134 " " 100\$
1 " " 135 " " 100\$
1 " " 136 " " 100\$
1 " " 137 " " 100\$
1 " " 138 " " 100\$
1 " " 139 " " 100\$
1 " " 140 " " 100\$
1 " " 141 " " 100\$
1 " " 142 " " 100\$
1 " " 143 " " 100\$
1 " " 144 " " 100\$
1 " " 145 " " 100\$
1 " " 146 " " 100\$
1 " " 147 " " 100\$
1 " " 148 " " 100\$
1 " " 149 " " 100\$
1 " " 150 " " 100\$
1 " " 151 " " 100\$
1 " " 152 " " 100\$
1 " " 153 " " 100\$
1 " " 154 " " 100\$
1 " " 155 " " 100\$
1 " " 156 " " 100\$
1 " " 157 " " 100\$
1 " " 158 " " 100\$
1 " " 159 " " 100\$
1 " " 160 " " 100\$
1 " " 161 " " 100\$
1 " " 162 " " 100\$
1 " " 163 " " 100\$
1 " " 164 " " 100\$
1 " " 165 " " 100\$
1 " " 166 " " 100\$
1 " " 167 " " 100\$
1 " " 168 " " 100\$
1 " " 169 " " 100\$
1 " " 170 " " 100\$
1 " " 171 " " 100\$
1 " " 172 " " 100\$
1 " " 173 " " 100\$
1 " " 174 " " 100\$
1 " " 175 " " 100\$
1 " " 176 " " 100\$
1 " " 177 " " 100\$
1 " " 178 " " 100\$
1 " " 179 " " 100\$
1 " " 180 " " 100\$
1 " " 181 " " 100\$
1 " " 182 " " 100\$
1 " " 183 " " 100\$
1 " " 184 " " 100\$
1 " " 185 " " 100\$
1 " " 186 " " 100\$
1 " " 187 " " 100\$
1 " " 188 " " 100\$
1 " " 189 " " 100\$
1 " " 190 " " 100\$
1 " " 191 " " 100\$
1 " " 192 " " 100\$
1 " " 193 " " 100\$
1 " " 194 " " 100\$
1 " " 195 " " 100\$
1 " " 196 " " 100\$
1 " " 197 " " 100\$
1 " " 198 " " 100\$
1 " " 199 " " 100\$
1 " " 200 " " 100\$
1 " " 201 " " 100\$
1 " " 202 " " 100\$
1 " " 203 " " 100\$
1 " " 204 " " 100\$
1 " " 205 " " 100\$
1 " " 206 " " 100\$
1 " " 207 " " 100\$
1 " " 208 " " 100\$
1 " " 209 " " 100\$
1 " " 210 " " 100\$
1 " " 211 " " 100\$
1 " " 212 " " 100\$
1 " " 213 " " 100\$
1 " " 214 " " 100\$
1 " " 215 " " 100\$
1 " " 216 " " 100\$
1 " " 217 " " 100\$
1 " " 218 " " 100\$
1 " " 219 " " 100\$
1 " " 220 " " 100\$
1 " " 221 " " 100\$
1 " " 222 " " 100\$
1 " " 223 " " 100\$
1 " " 224 " " 100\$
1 " " 225 " " 100\$
1 " " 226 " " 100\$
1 " " 227 " " 100\$
1 " " 228 " " 100\$
1 " " 229 " " 100\$
1 " " 230 " " 100\$
1 " " 231 " " 100\$
1 " " 232 " " 100\$
1 " " 233 " " 100\$
1 " " 234 " " 100\$
1 " " 235 " " 100\$
1 " " 236 " " 100\$
1 " " 237 " " 100\$
1 " " 238 " " 100\$
1 " " 239 " " 100\$
1 " " 240 " " 100\$
1 " " 241 " " 100\$
1 " " 242 " " 100\$
1 " " 243 " " 100\$
1 " " 244 " " 100\$
1 " " 245 " " 100\$
1 " " 246 " " 100\$
1 " " 247 " " 100\$
1 " " 248 " " 100\$
1 " " 249 " " 100\$
1 " " 250 " " 100\$
1 " " 251 " " 100\$
1 " " 252 " " 100\$
1 " " 253 " " 100\$
1 " " 254 " " 100\$
1 " " 255 " " 100\$
1 " " 256 " " 100\$
1 " " 257 " " 100\$
1 " " 258 " " 100\$
1 " " 259 " " 100\$
1 " " 260 " " 100\$
1 " " 261 " " 100\$
1 " " 262 " " 100\$
1 " " 263 " " 100\$
1 " " 264 " " 100\$
1 " " 265 " " 100\$
1 " " 266 " " 100\$
1 " " 267 " " 100\$
1 " " 268 " " 100\$
1 " " 269 " " 100\$
1 " " 270 " " 100\$
1 " " 271 " " 100\$
1 " " 272 " " 100\$
1 " " 273 " " 100\$
1 " " 274 " " 100\$
1 " " 275 " " 100\$
1 " " 276 " " 100\$
1 " " 277 " " 100\$
1 " " 278 " " 100\$
1 " " 279 " " 100\$
1 " " 280 " " 100\$
1 " " 281 " " 100\$
1 " " 282 " " 100\$
1 " " 283 " " 100\$
1 " " 284 " " 100\$
1 " " 285 " " 100\$
1 " " 286 " " 100\$
1 " " 287 " " 100\$
1 " " 288 " " 100\$
1 " " 289 " " 100\$
1 " " 290 " " 100\$
1 " " 291 " " 100\$
1 " " 292 " " 100\$
1 " " 293 " " 100\$
1 " " 294 " " 100\$
1 " " 295 " " 100\$
1 " " 296 " " 100\$
1 " " 297 " " 100\$
1 " " 298 " " 100\$
1 " " 299 " " 100\$
1 " " 300 " " 100\$
1 " " 301 " " 100\$
1 " " 302 " " 100\$
1 " " 303 " " 100\$
1 " " 304 " " 100\$
1 " " 305 " " 100\$
1 " " 306 " " 100\$
1 " " 307 " " 100\$
1 " " 308 " " 100\$
1 " " 309 " " 100\$
1 " " 310 " " 100\$
1 " " 311 " " 100\$
1 " " 312 " " 100\$
1 " " 313 " " 100\$
1 " " 314 " " 100\$
1 " " 315 " " 100\$
1 " " 316 " " 100\$
1 " " 317 " " 100\$
1 " " 318 " " 100\$
1 " " 319 " " 100\$
1 " " 320 " " 100\$
1 " " 321 " " 100\$
1 " " 322 " " 100\$
1 " " 323 " " 100\$
1 " " 324 " " 100\$
1 " " 325 " " 100\$
1 " " 326 " " 100\$
1 " " 327 " " 100\$
1 " " 328 " " 100\$
1 " " 329 " " 100\$
1 " " 330 " " 100\$
1 " " 331 " " 100\$
1 " " 332 " " 100\$
1 " " 333 " " 100\$
1 " " 334 " " 100\$
1 " " 335 " " 100\$
1 " " 336 " " 100\$
1 " " 337 " " 100\$
1 " " 338 " " 100\$
1 " " 339 " " 100\$
1 " " 340 " " 100\$
1 " " 341 " " 100\$
1 " " 342 " " 100\$
1 " " 343 " " 100\$
1 " " 344 " " 100\$
1 " " 345 " " 100\$
1 " " 346 " " 100\$
1 " " 347 " " 100\$
1 " " 348 " " 100\$
1 " " 349 " " 100\$
1 " " 350 " " 100\$
1 " " 351 " " 100\$
1 " " 352 " " 100\$
1 " " 353 " " 100\$
1 " " 354 " " 100\$
1 " " 355 " " 100\$
1 " " 356 " " 100\$
1 " " 357 " " 100\$
1 " " 358 " " 100\$
1 " " 359 " " 100\$
1 " " 360 " " 100\$
1 " " 361 " " 100\$
1 " " 362 " " 100\$
1 " " 363 " " 100\$
1 " " 364 " " 100\$
1 " " 365 " " 100\$
1 " " 366 " " 100\$
1 " " 367 " " 100\$
1 " " 368 " " 100\$
1 " " 369 " " 100\$
1 " " 370 " " 100\$
1 " " 371 " " 100\$
1 " " 372 " " 100\$
1 " " 373 " " 100\$
1 " " 374 " " 100\$
1 " " 375 " " 100\$
1 " " 376 " " 100\$
1 " " 377 " " 100\$
1 " " 378 " " 100\$
1 " " 379 " " 100\$
1 " " 380 " " 100\$
1 " " 381 " " 100\$
1 " " 382 " " 100\$
1 " " 383 " " 100\$
1 " " 384 " " 100\$
1 " " 385 " " 100\$
1 " " 386 " " 100\$
1 " " 387 " " 100\$
1 " " 388 " " 100\$
1 " " 389 " " 100\$
1 " " 390 " " 100\$
1 " " 391 " " 100\$
1 " " 392 " " 100\$
1 " " 393 " " 100\$
1 " " 394 " " 100\$
1 " " 395 " " 100\$
1 " " 396 " " 100\$
1 " " 397 " " 100\$
1 " " 398 " " 100\$
1 " " 399 " " 100\$
1 " " 400 " " 100\$
1 " " 401 " " 100\$
1 " " 402 " " 100\$
1 " " 403 " " 100\$
1 " " 404 " " 100\$
1 " " 405 " " 100\$
1 " " 406 " " 100\$
1 " " 407 " " 100\$
1 " " 408 " " 100\$
1 " " 409 " " 100\$
1 " " 410 " " 100\$
1 " " 411 " " 100\$
1 " " 412 " " 100\$
1 " " 413 " " 100\$
1 " " 414 " " 100\$
1 " " 415 " " 100\$
1 " " 416 " " 100\$
1 " " 417 " " 100\$
1 " " 418 " " 100\$
1 " " 419 " " 100\$
1 " " 420 " " 100\$
1 " " 421 " " 100\$
1 " " 422 " " 100\$
1 " " 423 " " 100\$
1 " " 424 " " 100\$
1 " " 425 " " 100\$
1 " " 426 " " 100\$
1 " " 427 " " 100\$
1 " " 428 " " 100\$
1 " " 429 " " 100\$
1 " " 430 " " 100\$
1 " " 431 " " 100\$
1 " " 432 " " 100\$
1 " " 433 " " 100\$
1 " " 434 " " 100\$
1 " " 435 " " 100\$
1 " " 436 " " 100\$
1 " " 437 " " 100\$
1 " " 438 " " 100\$
1 " " 439 " " 100\$
1 " " 440 " " 100\$
1 " " 441 " " 100\$
1 " " 442 " " 100\$
1 " " 443 " " 100\$
1 " " 444 " " 100\$
1 " " 445 " " 100\$
1 " " 446 " " 100\$
1 " " 447 " " 100\$
1 " " 448 " " 100\$
1 " " 449 " " 100\$
1 " " 450 " " 100\$
1 " " 451 " " 100\$
1 " " 452 " " 100\$
1 " " 453 " " 100\$
1 " " 454 " " 100\$
1 " " 455 " " 100\$
1 " " 456 " " 100\$
1 " " 457 " " 100\$
1 " " 458 " " 100\$
1 " " 459 " " 100\$
1 " " 460 " " 100\$
1 " " 461 " " 100\$
1 " " 462 " " 100\$
1 " " 463 " " 100\$
1 " " 464 " " 100\$
1 " " 465 " " 100\$
1 " " 466 " " 100\$
1 " " 467 " " 100\$
1 " " 468 " " 100\$
1 " " 469 " " 100\$
1 " " 470 " " 100\$
1 " " 471 " " 100\$
1 " " 472 " " 100\$
1 " " 473 " " 100\$
1 " " 474 " " 100\$
1 " " 475 " " 100\$
1 " " 476 " " 100\$
1 " " 477 " " 100\$
1 " " 478 " " 100\$
1 " " 479 " " 100\$
1 " " 480 " " 100\$
1 " " 481 " " 100\$
1 " " 482 " " 100\$
1 " " 483 " " 100\$
1 " " 484 " " 100\$
1 " " 485 " " 100\$
1 " " 486 " " 100\$
1 " " 487 " " 100\$
1 " " 488 " " 100\$
1 " " 489 " " 100\$
1 " " 490 " " 100\$
1 " " 491 " " 100\$
1 " " 492 " " 100\$
1 " " 493 " " 100\$
1 " " 494 " " 100\$
1 " " 495 " " 100\$
1 " " 496 " " 100\$
1 " " 497 " " 100\$
1 " " 498 " " 100\$
1 " " 499 " " 100\$
1 " " 500 " " 100\$
1 " " 501 " " 100\$
1 " " 502 " " 100\$
1 " " 503 " " 100\$
1 " " 504 " " 100\$
1 " " 505 " " 100\$
1 " " 506 " " 100\$
1 " " 507 " " 100\$
1 " " 508 " " 100\$
1 " " 509 " " 100\$
1 " " 510 " " 100\$
1 " " 511 " " 100\$
1 " " 512 " " 100\$
1 " " 513 " " 100\$
1 " " 514 " " 100\$
1 " " 515 " " 100\$
1 " " 516 " " 100\$
1 " " 517 " " 100\$
1 " " 518 " " 100\$
1 " " 519 " " 100\$
1 " " 520 " " 100\$
1 " " 521 " " 100\$
1 " " 522 " " 100\$
1 " " 523 " " 100\$
1 " " 524 " " 100\$
1 " " 525 " " 100\$
1 " " 526 " " 100\$
1 " " 527 " " 100\$
1 " " 528 " " 100\$
1 " " 529 " " 100\$
1 " " 530 " " 100\$
1 " " 531 " " 100\$
1 " " 532 " " 100\$
1 " " 533 " " 100\$
1 " " 534 " " 100\$
1 " " 535 " " 100\$
1 " " 536 " " 100\$
1 " " 537 " " 100\$
1 " " 538 " " 100\$
1 " " 539 " " 100\$
1 " " 540 " " 100\$
1 " " 541 " " 100\$
1 " " 542 " " 100\$
1 " " 543 " " 100\$
1 " " 544 " " 100\$
1 " " 545 " " 100\$
1 " " 546 " " 100\$
1 " " 547 " " 100\$
1 " " 548 " " 100\$
1 " " 549 " " 100\$
1 " " 550 " " 100\$
1 " " 551 " " 100\$
1 " " 552 " " 100\$
1 " " 553 " " 100\$
1 " " 554 " " 100\$
1 " " 555 " " 100\$
1 " " 556 " " 100\$
1 " " 557 " " 100\$
1 " " 558 " " 100\$
1 " " 559 " " 100\$
1 " " 560 " " 100\$
1 " " 561 " " 100\$
1 " " 562 " " 100\$
1 " " 563 " " 100\$
1 " " 564 " " 100\$
1 " " 565 " " 100\$
1 " " 566 " " 100\$
1 " " 567 " " 100\$
1 " " 568 " " 100\$
1 " " 569 " " 100\$
1 " " 570 " " 100\$
1 " " 571 " " 100\$
1 " " 572 " " 100\$
1 " " 57

UB

o Dezembro de 1903

Freitas
remia dr. Marcu-
los: 2.000.000
o no segundo.—
se.

54 kilos
50 "
50 "
50 "
50 "
50 "

AVO DE GODOY
primeiro e 1205
1.909 metros.

50 kilos
50 "
50 "
50 "

HINGTON LUIZ
primeiro e 1090.00
1.500 metros.

51 kilos
50 "
50 "
50 "

AVO.
3.5 28033
18909

em effeito para es-
autoridades e a

de corridas.
do Bibas

leral

os

0

0

0

inteiro, 4\$

at Federal

os & C.

naulo 10

S

cagno

JLO

e Em-

ela sua

neres.

538 mil reis

200 "

200 "

200 "

200 "

100 "

200 mil reis

100 "

50 "

50 "

50 "

50 "

50 mil reis

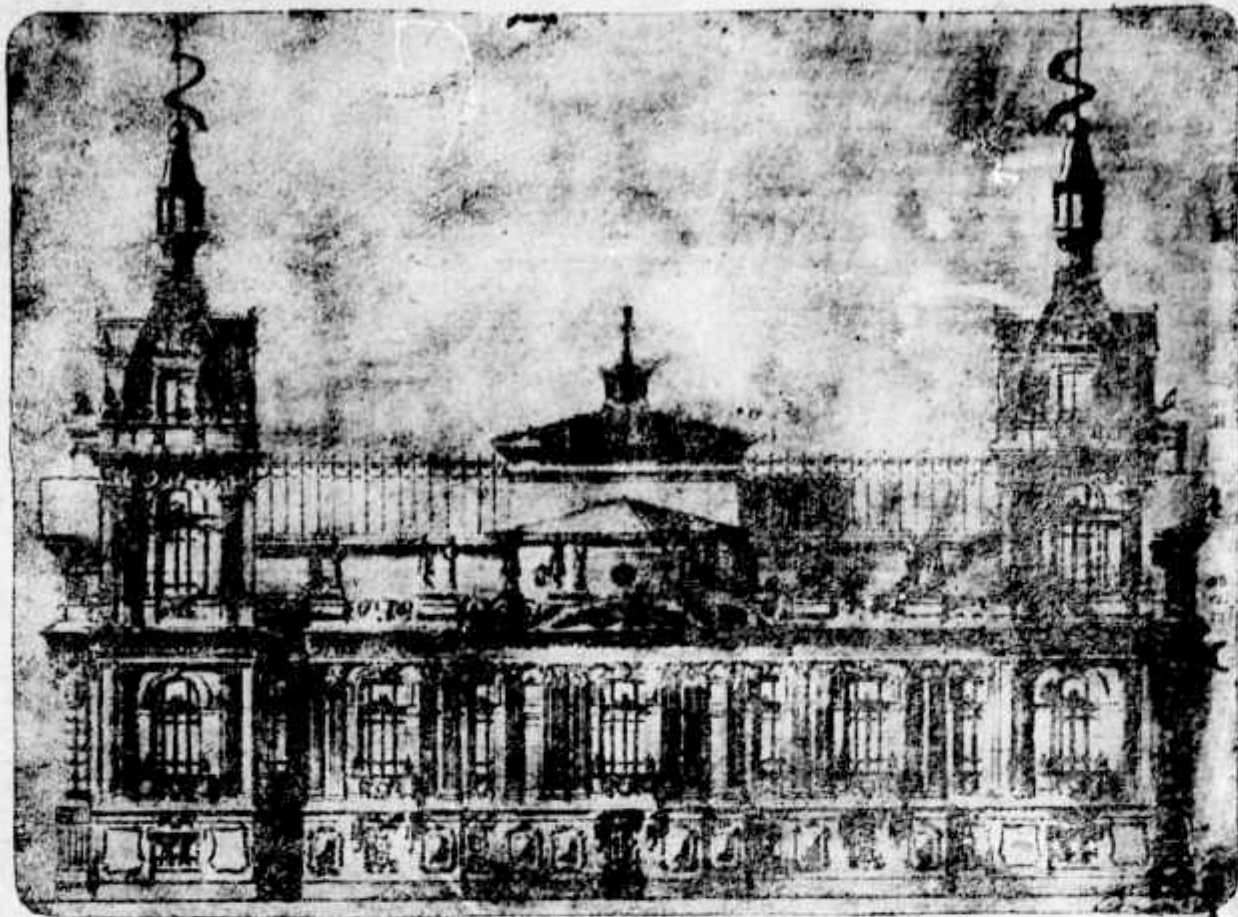
io, a 4 mil reis

premio, a 28000

ica

EMPRESA THERMAL

POÇOS DE CALDAS



CASSINO DE POÇOS DE CALDAS—FACHADA PRINCIPAL.
Projecto do engenheiro architecto João Moreira Maciel

O engenheiro Alvaro de Menezes nasceu a 19 de Junho de 1867, em Vassouras, na então provincia do Rio de Janeiro. Frequentou, na capital do Brasil, o Colégio Visconti, um dos melhores estabelecimentos de ensino daquelle tempo, e conseguiu varios premios.

Em 1881, transferindo-se para a Europa, sua familia, o joven estudante completou o curso de humanidades em Coimbra, com grande distincção, e inscreveu-se na Universidade dali, em 1884.

Voltando ao Brasil, no mesmo anno, estudou engenharia na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de engenharia civil em 1888. Em Setembro desse anno partiu para a provincia do Rio Grande do Sul, onde occupou, até Junho de 1889, o cargo de engenheiro da estrada de Ferro Bagé-Duguiyanga.

De regresso ao Rio de Janeiro, foi nomeado engenheiro da Cia Fianista de Estradas de Ferro e Navegação. Permaneceu nesse cargo até Fevereiro de 1891 e construiu naquelle periodo de tempo o tronco ferroviario da Santa Veridiana, com 32 kilometros de extensão, e que une as duas importantes cidades de Paulista e Mogiana.

Chegado a S. Paulo, capital do Estado, o engenheiro Alvaro de Menezes foi nomeado engenheiro ajudante da Superintendencia dos Trabalhos Publicos, occupando-se, até 1893, na inspecção das estradas de ferro das linhas Paulista, Mogiana e Sorocabana.

Nessa época de pleno desenvolvimento e progresso do país, as estradas de ferro não se achavam ainda aparelhadas para attender ás multiplicas necessidades da vida commercial, que necessitava de frequentes e rapidas permutas de mercadorias; crescia a importação e o successivo transporte de generos alimenticios das vias le communicação entre as localidades do Estado e, apesar de tudo isso, o engenheiro dava desempenho cabal a sua missão; mas, tambem, de redobrada a sua actividade e energia, desdobrando, zelava por, não poucos e uteis projectos de melhoramentos—dos quaes foram alguns tomados em consideração pelo governo e pela propria Companhia—deixou o engenheiro Alvaro de Menezes no departamento das obras publicas, especialmente em 1892, quando exerciu, interinamente, o cargo de chefe da superintendencia daquelle repartição, sendo então incumbido da construção de pontes, estradas e edificios no Estado de S. Paulo.

Em 1893 e nos annos seguintes, a cidade de S. Paulo expandiu-se maravilhosamente em pouco de seu progresso; triplicou-se em pouco annos a sua população e o governo do Estado organizou, nesse tempo, uma commissão tecnica encarregada de encetar novas e grandes trabalhos para o abastecimento de agua potavel e aperfeiçoamento das redes de esgotos desta capital.

Foi o engenheiro Alvaro de Menezes quem, sob a direcção immediata do engenheiro Rebouças, organizou os projectos desses trabalhos, que foram registrados em Março de 1893, na Repartição Technica do Saneamento, da qual foi elle sub-director até fins de Novembro daquelle anno e chefe até Fevereiro de 1895.

Em março de 1895, escolhido pelo governo para reger como professor adjunto a escola de mathematica da Escola Polytechnica, o engenheiro Alvaro de Menezes deixou de dirigir o serviço de aguas, em cujo posto, depois de dois annos apenas, conseguira fazer inaugurar novos trabalhos para o fornecimento de agua e, entre esses, o reservatorio da Liberdade, uma Avenida, e o serviço de esgotos.

Foi ainda sob a direcção do engenheiro Alvaro de Menezes que se realisaram os importantes trabalhos do canal urbano de todos os habitantes servidos pelas obras de saneamento.

O engenheiro Alvaro de Menezes dirigiu tambem a construção da galeria principal dos esgotos de Santa Cecilia, Campos Eliseos e Rom Retiro. Deixando o cargo de director da Repartição de Aguas e Esgotos de S. Paulo, foi elle alvo de calorosa manifestação de apreço por parte de seus collegas e auxiliares, que lhe offereceram como homenagem diversos mimos de valor.

Participou-se então ao trabalho por elle proprio, dirigidos construccões publicas na capital do Estado, obra de

saneamento) tendo, de 1896 a 1901, construido o edificio da cadeia e fôrro de S. Carlos do Pinhal, a rede de esgotos na mesma cidade e muitos projectos de saneamento para varias cidades do Estado: Piracicaba, Taubaté, Guaratinguetá etc. Na rede de esgotos de S. Carlos do Pinhal, que tem a extensão de 22 kilometros, destacam-se as notaveis obras de depuração bacteriana, de aguas recuadas, primeira applicação que se fez no Brasil de processos inglezes sobre o caso.

Em 1897, o engenheiro Menezes foi promovido a professor Cathedraico da Escola Polytechnica, onde reger actualmente a cadeira de mecanica applicada ás machinas.

De 1902 a 1903 executou as obras de saneamento de Guaratinguetá, S. Simão e Casa Branca, todas do Estado de S. Paulo, com uma extensão total de 40 kilometros, no conjunto. Em Abril de 1904 contratou as obras do saneamento de Curitiba, capital do Estado do Paraná, ao sul de S. Paulo.

O nome do engenheiro Alvaro de Menezes ficará indissoluvelmente ligado ao progresso de Curitiba. As obras começaram em Maio de 1904 proseguem activamente enquanto escrevermos e estarão concluidas em Agosto.

Os trabalhos de Curitiba abrangem um vasto plano de saneamento e as aguas, que deverão abastecer a cidade provem da Serra do Mar, a 32 kilometros de distancia, de sete nascentes, que serão recolhidas numa represa central, donde parte o tronco principal, em tubos de ferro fundido, do diametro de 18 polgadas inglezas.

O material de ferro é belga, da conhecida Companhia Generale des conduits d'eau de Liège, provado á pressão de 18 atmosferas.

O canal condutor principal tem a extensão de 32 kilometros e 450 millimetros de diametro.

A represa central, na montanha, tem a altitude de 75 metros sobre o reservatorio da cidade, situado sobre a colina de S. Francisco, construida em forma cylindrica, e tem a capacidade de 10 milhoes de litros. Tal construção, soada é imponente, e das mais bellas no genero, no Brasil.

O reservatorio será adornado com um esplendido jardim e circundado de amplas avenidas e decorado com uma fonte monumental.

A extensão da rede de canalisação da agua em Curitiba é de 50 kilometros e tem a rede de esgotos, construida por systema multiplo e independente. Na extremidade da rede de esgotos foram construidos tanques, segundo o systema inglez Dittida a duplo contrato, onde se faz a depuração das materias de refugio, que ali são reduzidas a principios minerais, inteiramente innocuos á agua dos rios onde se vão lançar.

Os importantes trabalhos contratados pelo engenheiro Alvaro de Menezes no Estado do Paraná, deverão estar terminados em Agosto e importam em seis mil contos.

Para começar tão grande trabalho o engenheiro Alvaro de Menezes esteve na Europa em Abril de 1905 e, como representante do governo do Paraná, effectou em Londres e Paris, em Julho do anno passado, um emprestimo de 800 mil libras esterlinas, assumido em grande parte pela Société Generale e pelas firmas Vergnet & C., Mallet Frères, Hottelinger & C., Banca Lyon-Marseille, Ethelberg Syndicate, French Finance Corporation of America etc.

De regresso ao Brasil em Outubro findo, proseguindo sempre nos trabalhos do Paraná; o engenheiro Alvaro de Menezes deu começo ao projecto de trabalhos de saneamento da cidade de S. Luiz, capital do Estado do Maranhão.

Taes regiões do Brasil, pela escassez d'agua que apresentam, exigem grande competencia e estudo por parte dos engenheiros que se occupam de hydryaulica. Basta dizer que ha mais de 30 annos que o governo do Imperio primeiro, e, depois, o da Republica se occuparam sempre de reparar a secca nas regiões do norte e nada conseguiram até hoje.

O projecto do dr. Alvaro de Menezes para o Estado do Maranhão está quasi ultimado e será apresentado no respectivo governo dentro de poucos meses.

Antes de partir para a Europa o dr. Alvaro de Menezes apresentou ao governo do Estado de Minas um projecto completo para a transformação e embellimento da estação balnearia de Poços de Caldas, unica estação de aguas thermaes até hoje conhecida em toda a America do Sul, e quasi inteiramente abandonada, desprovida de

toda a commodidade e conforto, de modo que andavam depreciadas as suas aguas thermaes e de mesa, e a bondade sobre do seu clima.

O projecto Menezes abrange a construção de um hotel com 300 quartos, dividido em tres andares que se comunicam por meio de elevadores, dois casinos, um theatro, dois parques, um jardim, oito avenidas convergendo para o centro da cidade, e a transformação de estabelecimentos balnearios com sa-

lões para massagem, inalação, tratamento electro-therapico, gymnastica, etc.

E' no seu conjunto, um vasto e grandioso plano de construção, representado pelas gravuras annexas.

THERMAS—No actual logar das thermaes será construido, segundo o projecto Menezes, um novo reservatorio com duas divisões: uma interna, com a capacidade de 150 mil litros, e outra em forma de coroa circular, com a capacidade de 320 mil; a primeira divisão é destinada á agua que provem directamente das fontes de Pedro Botelho, Chiquinha e Marquilha; a segunda conterá o excesso d'agua da primeira divisão.

Sobre tal reservatorio, assim construido, elevar-se-á a altura de m. 16, 89 o plano sobre o qual deve assentar-se o reservatorio para as duchas, em uma torre armada.

Em torno do reservatorio circular serão dispostos grandes tanques de natção, para homens e mulheres, e, circundando taes tanques, ficarão as tinhas de banho, 21 para cada sexo, além dos gabinetes para duchas, banhos a vapor, massagens e diversas applicações hydrothermicas.

Os tanques de banho serão dispostos tambem em circulos de diametro de m. 52, 80. A 80 metros do centro desse circulo ficará o centro do outro reservatorio da agua dos Menezes, em tudo identico ao já descrito, com tanques, tinhas, etc. Este segundo estabelecimento será destinado aos banhistas de 22 classe.

Ao lado existirão 88 tanques de banho, além dos varios compartimentos para applicações hydrothermicas thermaes.

Entre estas duas divisões do estabelecimento balneario ficará o vestibulo para a venda dos bilhetes e as salas de espera.

Do vestibulo desce-se por uma escada de granito ao corredor circular, em torno do qual se acham dispostas as tinhas e os tanques para natção, com plataforma que serve de vestibulo e ao mesmo tempo de vesturio para os banhistas.

A sahida do estabelecimento balneario faz-se pelo lado diametralmente oposto á entrada. Para entrar no vesti-

entre este e os dois corpos de angulos, dois outros corpos reentrantes.

Os corpos de angulo são eguaes e cada um delles se compõe de grandes escaletas com escada a caracol no angulo interno que leva aos planos superiores.

O central consta de duas partes: salien em portico para a entrada de escaletas e de um corpo central, onde se acham a grande sala das refeições, o fundo ficam a cozinha, serviços de mesa, etc. e administração.

Os corpos reentrantes compõem-se de uma galeria ornada de pilastras quadricas, com arcos e de um corredor paralelo a esta, que comunica todos os quartos e a galeria com os salões, com o vestibulo, sala de refeições e com o corredor do vestibulo das Thermaes. A meio do corredor, que põe em communicação os quartos, dezanove em outro corredor que leva ás duas torres geminas, de forma circular, onde se acham os reservados.

A planta do segundo andar é quasi egual á do primeiro, com a differença que nos quartos do corpo central, á galeria dos corpos reentrantes, á sala de refeições e aos salões nobres, á cozinha e administração, corresponde o andar superior das torres.

A planta do andar superior é identica á do segundo e é servido pelas escaletas dos corpos de angulos e por elevadores.

Os espaços de terrenos ficados livres, serão cultivados com plantas de ornamentação, e exteriormente apoiando-se ás paredes da edificação, serão collocadas plantas trepadeiras para dar maior graça ao exterior da construção.

Os Casinos—Os dois casinos, um dos quaes destinados a jogos athleticos, outro para reuniões, serão em todo eguaes na collocação, dimensões e aspectos. Cada um se comporá de quatro grandes salões que se comunicam por meio de corredores e dotados de baguetes de bilhetes etc.

Exteriormente cada Casino terá, nos angulos, torres circulares e uma entrada em cada lado, á qual se chegará por escaletas duplas.

O Theatro—O theatro tem uma disposição muito simples, tendo a fachada a entrada para carros; segue-se um primeiro vestibulo, com os gabinetes para a venda de bilhetes, depois um segundo com escaletas que levam ao palco e camarotes, corredores, ao longo do palco, e a sala de communição com os vestibulos lateraes, salas de bilhetes, fumar, etc.

O theatro comportará mil espectadores. Terá janellas com arcedas e ornamentação exterior com pilastras em estilo jonico e corinthio.

Segundo o projecto do dr. Alvaro de Menezes, outros melhoramentos serão introduzidos em Poços de Caldas, com a regularisação das aguas do ribeirão de Caldas e da Serra.

O ribeirão de Caldas será desviado junto ao angulo da rua dos Poços, na praça do Senador Godoy e correrá á direita, parallelamente á linha das casas situadas ao longo da praça, num percurso de 180 metros, até encontrar o ribeirão da Serra, no qual desemboca, formando um angulo recto. Desse ponto, essa unica torrente correrá em direcção egual á primeira, num percurso de 200 metros, formando um angulo recto, e, finalmente, continuará em linha recta, nua direcção em angulo recto com a ultima e parallelamente á linha Mogiana até á Estação, donde retomar o seu curso como é actualmente.

Uma vez canalizados esses ribeirões, necessário de cautela o leito do ribeirão de Caldas que atravessa a praça Senador Godoy, esta ficará mais vasta e apta aos trabalhos de embellimento a que nos referimos e que, uma vez ultimados, farão de Poços de Caldas uma estação de primeira ordem.

Occupará o maior espaço o grande Hotel das Thermaes, que medirá 170 metros de frente por 110 de lado. A esquerda do hotel ficarão dispostos, no fundo, o theatro e o campo de football e, mais aqum, os dois casinos.

O hotel communicará com o campo de football e casinos, por uma galeria aberta, ficando assim isolado apenas o theatro, o qual, porém, ficará pouco distante da galeria.

Os espaços de terrenos serão providos com florestas e plantações diversas, que ornamentarão abundantemente a praça fronteira ao Grande Hotel.

Procuramos resumir a melhor obra, os annos, parte da obra executada pelo dr. Alvaro de Menezes que, ainda muito, tem servico que pôde cobrar de orgullo os melhores profissionais de qualquer país.

Resumimos apenas, porque, para descrever minuciosamente todos os trabalhos executados pelo dr. Alvaro de Menezes e catalogar todos os servicos importantes por elle mesmo prestados ás administrações publicas em muitos annos seria preciso lea parte deste volume.

O pouco, porém, que dissemos delle parece que bastará para renovar o alto valor do illustre homem de quem uma

terra natal espera ainda gonlhas e uteis manifestações de uma intelligencia e de uma habilidade profissional que, pelas provas dadas já vencidas, não tem a esperar, com certeza, obras innu-meráveis.

(Do Brasil e q'li It'alia)



RS.

68000

A DUZIA

Garrafas

ENTREGUES

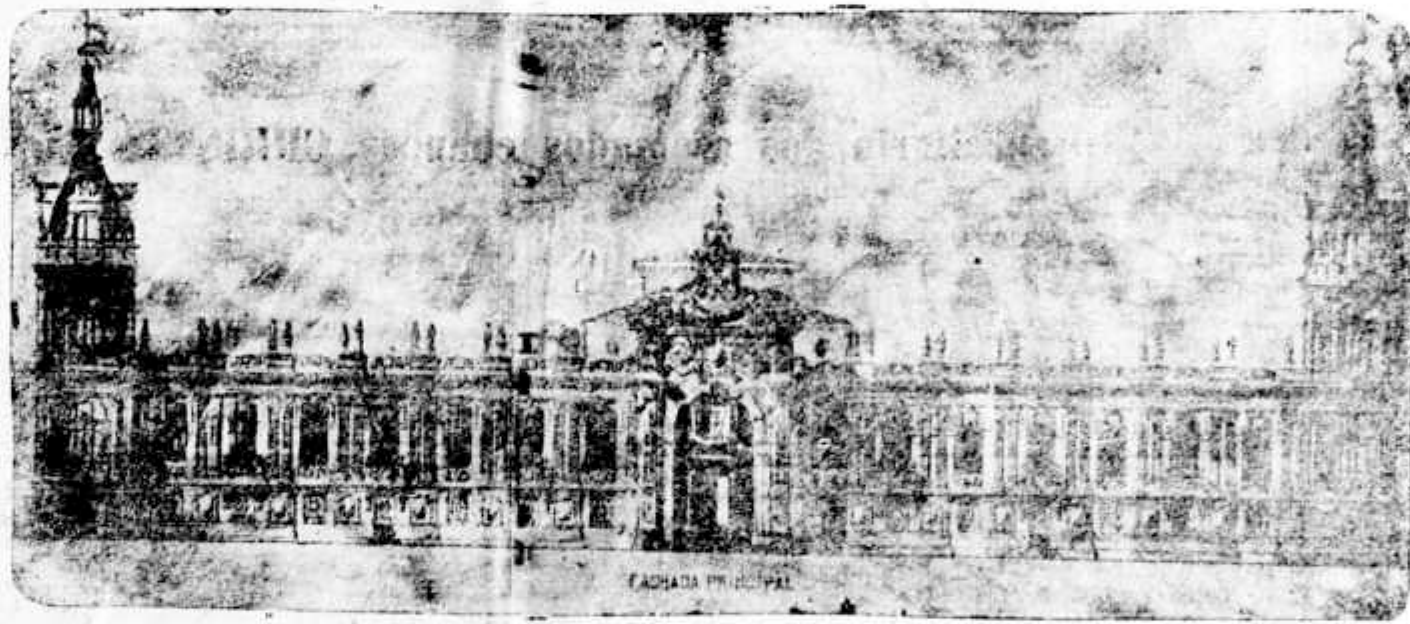
Domicilio

Chama-se a attenção dos srs. frequentadores das fontes thermaes de POÇOS DE CALDAS, lembrando-lhes que a actual estação balnearia, prologa-se até Março vindouro, e que os seus banhos são muito proveitosos nesta occasião.

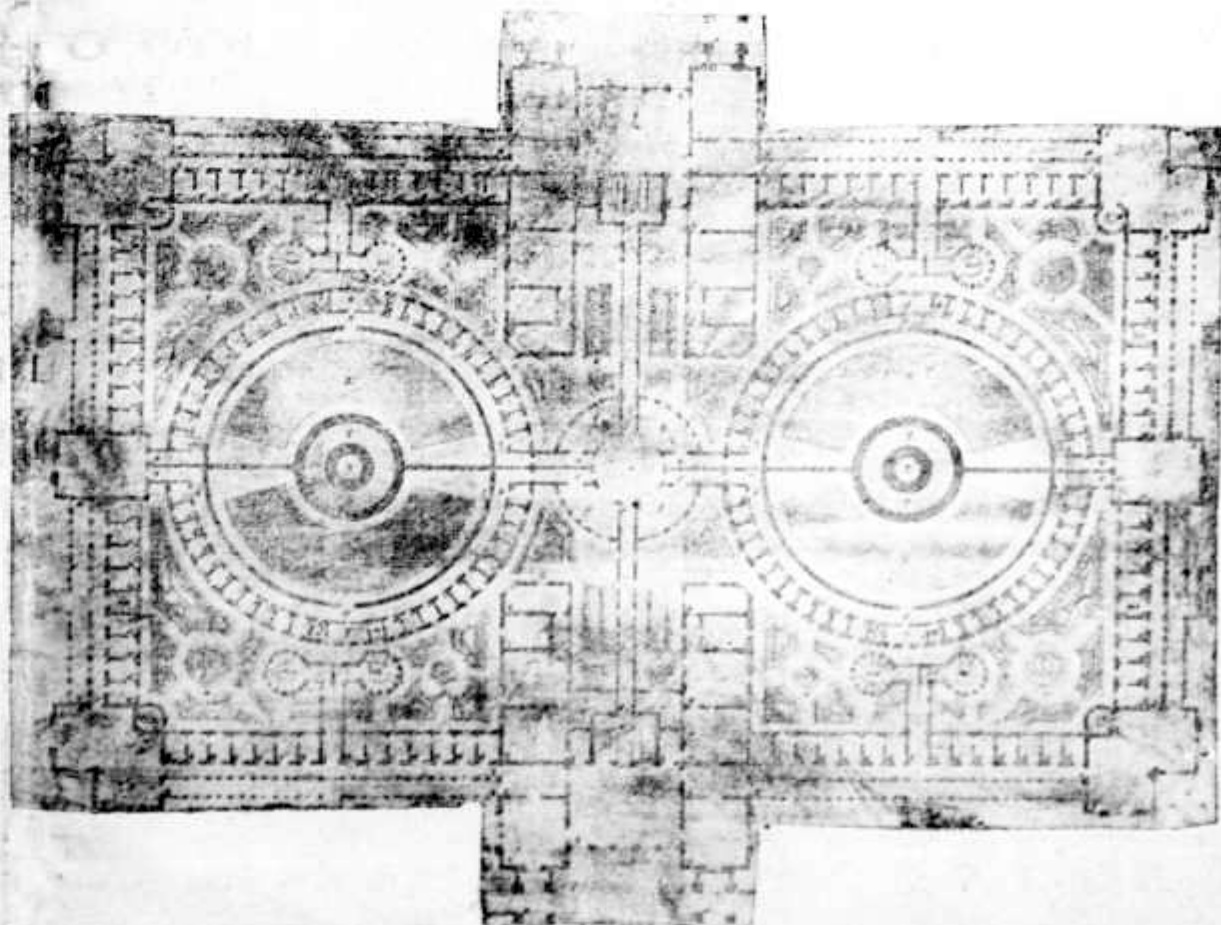
O HOTEL DA EMPRESA passou por uma transformação radical, offerecendo todo o conforto desejavel, esmerpulosu hygieno e tratamento de primeira ordem.

Os hospedes do HOTEL têm redução nos preços dos banhos.

Muitas distrações são proporcionadas aos srs. hospedes



CASSINO DE POÇOS DE CALDAS—FACHADA LATERAL.



PROJECTO PARA O GRANDE HOTEL DAS THERMAS
Engenheiro architecto—João Moreira Maciel

DEPOSITO

LARGO S. BENTO N. 97
TELEPHONE N. 1264

UM BANHO SULFUROSO

Egual aos de POÇOS DE CALDAS

Se pôde tomar em casa por 1\$500 réis, misturando em um banheiro d'agua quente um frasco de

SULFURAL

L. QUEIROZ & C. -- RUA DIREITA, 10-B
S. PAULO

COMPANHIA ARMAZENS GERAES DE SÃO PAULO

SÉDE:--S. PAULO

Capital realisado	800:000\$000
Capital inicial	200:000\$000

Em acções de 100\$000 com garantia de juros de 6 o/o, do governo do Estado de S. Paulo, na forma da Lei n. 1017, de 19 de Outubro de 1906

DIRECTORIA:

J. J. de Azeredo Soares, proprietario e capitalista
José Augusto Rodrigués, capitalista
Dr. José Mariano Correia, advogado

CONSELHO FISCAL:

Henrique Ferreira de Carvalho, gerente do Banco União
Ch. W. Miller, negociante
Antonio Victor Azevedo, proprietario

FINS DA COMPANHIA

A sociedade anonyma de ARMAZENS GERAES DE S. PAULO, organizada nos termos dos deers. fedts. n. 434, de 4 de Julho de 1891, n. 1.102, de 21 de Nov. de 1903 e Lei do Estado de S. Paulo n. 1.017, de 19 de Outubro de 1906, terá os seguintes fins:

1. -- Estabelecer armazens destinados ao deposito voluntario ou a guarda e conservação de productos agricolas e de mercadorias, nacionaes ou estrangeiras, livres de quicquer impostos;
2. -- Emitir CONHECIMENTOS DE DEPOSITOS (carrants) sobre productos agricolas e mercadorias existentes em seus armazens;
3. -- Ter, em seus armazens, uma sala apropriada ás vendas publicas voluntarias ou judicias dos productos agricolas e mercadorias recebidas em deposito;
4. -- Incumbir-se do transporte e do despacho dos armazens ao ponto de destino ou de expedição dos productos agricolas e mercadorias recebidas, quando isso approuver aos respectivos donos;
5. -- Praticar todos os actos ou operações concernentes ao funcionamento dos ARMAZENS GERAES e conforme a legislação em vigor.

Exceptuam-se do deposito voluntario de que trata o art. precedente: a) -- os productos agricolas ou mercadorias do valor

inferior a 2.000\$000; b) -- as joias em bruto; lacradas ou em obra; c) -- generos ou mercadorias arruinadas ou acuradas ou susceptíveis de facil deterioração; d) -- artigos inflammaveis e outros semelhantes.

O capital social será empregado em armazens nesta cidade e em Santos, para estabelecimento de armazens geracs, segundo a concessão feita ao dr. Manoel Freitas Paranhos por despacho da Secretaria da Fazenda de 30 de Novembro passado.

A renda dos armazens, calculada pelo minimo, em um deposito de 500.000 saccas de café, ou mercadorias de cubagem equivalente, á razão de cem réis mensaes por sacca, será de 600.000\$000 annuaes. A despesa, com honorarios da Directoria, pessoal, etc., calculada em 15.000\$000 mensaes, será annualmente de 180.000\$000, o que dará um saldo liquido de 420.000\$000, na peior hypothese.

Fica aberta, desta data até 26 do corrente, no Banco Commercio e Industria e no Banco União do Commercio, nesta capital e em Santos, a subscrição publica para duas mil acções de cem mil réis, devendo a primeira entrega ser de 30 o/o ou 30\$000 por acção, no acto da subscrição. As demais entradas serão sempre feitas com antecedencia de 30 dias de uma a outra chamada.

Caso haja excesso de acções subscriptas, os senhores subscriptores sujeitar-se-ão ao rateio proporcional ao numero de acções que subscrverem.

São Paulo, 18 de Dezembro de 1906.

M. FREITAS PARANHOS, incorporador

Nem um só doente

que tem feito uso
DO

deixou de ser curado radicalmente do seu **rheumatismo!!**

ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS.

L. QUEIROZ & C.

Drogaria Americana -- Rua do Commercio, 10-B
S. PAULO

A L'ART-NOUVEAU

RUA DIREITA N. 4-A - S. PAULO

A primeira casa em cartões postais que recebe semanalmente as últimas novidades das principais fabricas da Europa.

Sortimento colossal sem concessão alguma, tanto em quantidade como qualidade.

Recebemos um grande stock de cartões para FESTAS DO NATAL, ANIMADOS e em album proprios para presentes, sendo de todos os temas e por preços baratissimos; grande sortimento de brilhantina, mianga perla, canetas de vidro e colla especial para escrever, tudo por preços sem competencia.

Recebemos, para liquidar o nosso grande stock, fazer grande redução nos preços.

N. B. — Pedem o catalogo da casa illustrado, contendo os clichés e preços dos cartões, que vos será enviado franco de porte.

Não se iludam com o charlatanismo de certos individuos que se dizem vendedores da nossa casa, pois o nosso unico viajante actualmente é o sr. Henrique Ducheln.

20-19 486

Ducheln Irmãos

POLICIA DO FOGO

— PELO PROPRIO —

FOGO

Apparehos preventivos de incendio. — Patente n. 4793

A Empresa Auto-Thermica Electrica Ferraz, com sede em S. Paulo, á rua de S. Theresa n. 6, sobrado, aceita propostas, por escripto, de compra de seu privilegio para os municipios deste Estado, bem como para os Estados da Republica. Na sede da Empresa, das 12 as 3 horas, fazem-se experiencias dos apparehos á vista dos proponentes á compra e prestam-se á todas as informacoes exigidas. Pelos diarios de 30 de Novembro de 1906, desta capital, os interessados poderão aquilatar a utilidade e vantagens do uso do appareho, cuja experiencia se fez no corpo de bombeiros, em presenca de altas autoridades deste Estado, com completo exito e grandes elogios.

521 terças, quintas e sextas 12-7

Pedir catalogos gratis

OLA!
Moto-cyclo, automoveis, bicycletas Peugeot e accumuladores Henselboreer
Só na casa T. OLIVIERI - S. Paulo
Rua Barão de Itapetininga n. 38
UNICO AGENTE



Pedir catalogos gratis

CAMISARIA ESPECIAL
GRANDE REDUÇÃO
NOS
PREÇOS
Está liquidando todo o seu magnifico sortimento de roupas brancas para homens e meninos.
OCCASIAO UNICA
Rua 15 de Novembro, 55
S. PAULO

terças, quintas e sáb. 15-7

COMPANHIA ITALO-PAULISTA
Em liquidação
78—Rua Brigadeiro Tobias—78
S. PAULO
Obras de marmore
EXPOSIÇÃO DE TUMULOS, ESTÁTUAS, VASOS, CRUZES, etc.
Liquidação completa até o fim do anno, devendo entregar o local do deposito.
Preço de 50 0/0 abaixo do custo

Alfaiataria do Povo
S. PAULO — Rua de S. Bento n. 24 — S. PAULO
Grande redução de preços para auxílio do povo, como interessado na nossa alfaiataria, com desconto de 50 % abaixo do seu valor, que não encontrámois noutra parte esta barateira a seu favor e beneficio:
Ternos de casemira superior sob medida a escolha do figurino a 45\$, 50\$, 55\$ e mais preços;
Ditos de frak, 85\$, 75\$, 85\$ e mais preços;
Calças de casemira, 18\$, 20\$, 25\$ e 30\$;
Sobretudo a 65\$, 75\$ e mais preços.
E' occasiao de todo o povo visitar a nossa alfaiataria em que não interessamos.
A' Rua de S. Bento n. 24
SÃO PAULO 476 30-30

Toda a pessoa de gosto artistico e literario deve ler a
"Renascença"
Revista brasileira de sciencias, lettras e artes.
ASSIGNATURA. UM ANNO. 1\$8000
Envie-se um numero SPECIMEN a quem o pedir.
M. BEVILACQUA & COMP.
Editores proprietarios
RUA S. BENTO N. 14-A — S. PAULO
24-25-31

O XAROPE... CREANÇAS
é o remédio que todos os Pais e Famílias devem ter em casa.
Muito dura em poucos dias a TOSSA, a BRONCHITE,
o CATARRHO CAPILLAR e previne a COQUELUCHE.
30 ANOS DE SUCESSO
Preparado e vendido por L. QUEIROZ & C.ª, São Paulo.

TRICOL
LOÇÃO CONTRA A QUEDA
dos CABELLOS e a CASPA
Formula do Dr. PAULA LIMA
Encontra-se em todas as Pharmacias.
casas de Perfumarias e em casa dos Fabricantes:
L. QUEIROZ & C.ª, Rua Direita, 10 B, SÃO PAULO

SI
o vosso RHEUMATISMO
continuar rebelde ao tratamento medico si, apesar de todos os recursos conhecidos, não conseguisdes levantar do vosso leito, nem alliviar as vossas dores, não desanimeis, nem fareis saltar os miolos! Não!
Ainda vos resta uma esperanca! Uzaí o **Elizir de Sucupira**
Queiroz elle vos restituirá a saude, e dará allivio ás vossas dores.
Encontra-se em todas as pharmacias e em casa de J. M. PACHECO & C.ª no RIO-DE-JANEIRO
L. QUEIROZ & C.ª
SÃO PAULO

UMA LINDA JOVEN COM FEIÇÕES SIMPLES.



É a cutis, não as feições, que faz a boa apparencia. O Sabonete de Reuter é especialmente fabricado para purificar a cutis má. O uso diario gradualmente amacia, purifica e enbranquece a peor tez.
O Sabonete de Reuter é um Purificador Curativo da Pelle.
Abre os poros e diffunde seus medicamentos pelos tecidos. Vossa tez será attractivamente pura, se deixardes o Sabonete de Reuter ter cuidado d'ella diariamente.

Gottas Indígenas

O agente neste Estado deste alhequado remédio, unico que cura radicalmente a *Amelasma, dermalidose e parafria*, permotivos (tudo se de molesta em pessoa de sua feição), como por ter de vicia na purificação da pele remedia a cutis e o sub-agente depositario das Gottas Indígenas, os srs. LUIZ DE FIGUEIREDO & C.ª, proprietarios da casa A. Apparecida—Rua do Carmo n. 20, em frente á ladeira, que ficam encarregados de receber toda a correspondencia de pedidos e encomendas a mim dirigidos, que com a maxima presteza e uma alteração de preços satisfazerão ás exigencias das que soffrem, como sempre tenho feito.
S. Paulo, 2 de Outubro de 1906.

FIGUEIREDO COIMBRA
Continuam depositarios:
S. PAULO—Os srs. Lima Santos & C.ª, Drogaria Silveira, rua do Commercio n. 6. — Os srs. Sousa Aguiar & C.ª, rua Florencio da Abreu n. 31. — Os srs. Monteiro Soares & C.ª, rua Direita Viaducto, 247. — EM SANTOS—Os srs. A. Leal & C.ª, Drogaria Colomboa, 227. — EM CAMPINAS—Os srs. J. Jorge, Figueiredo & C.ª, 227. — EM POÇOS DE CALDAS—Os srs. Raynaldo Amarante & Loyola & C.ª, Pharmacia da Empresa, terç., quint e dom. 148

CASA DE EMPRESTIMOS
Penhores
DE
JULIO LYON—Rua da Caixa d'Agua n. 8
JUROS MODICOS
335 alil. 33-10

AVISOS MARITIMOS
Hamburg-Sudamerikanische
Dampfschiffahrts-Gesellschaft
VAPORES A SAHIE
PERNAMBUCO, 9-1-907 CO. ROSSA, 15-1-907 PETROPOLIS, 30-1-07
AS UNICION, 13-2-07
O vapor allemão

BAHIA
Capitão H. HANSEN
Rio, Bahia, Lisboa, Leixões e Hamburgo
Preço das passagens e do 3.ª classe para Lisboa, re. 105\$000, incluindo imposto
Todos os paquetes desta companhia são providos com os mais modernos melhoramentos e offerecem, portanto, o maior conforto aos srs. passageiros, tanto de primeira como de terceira classe. A bordo de todos os paquetes ha musica e recreio, assim como cozeiheiro portuguez, e até Portuguez, os passageiros de todas as classes incluem vinho de mesa.
Para tratar com os agentes:
B. JOHNSTON & C. LIMITED
Rua José Bonifacio, n. 21

La Veloce
O novissimo e rapido vapor
ITALIA
2 machinas e 2 helices
Sahia de Santos no dia 29 de Dezembro de 1906, para
Rio, Tenerife, Cadiz, Barcelona, Genova e Napoles
Para camarotes de luxo, de primeira e segunda classe, preços de tarifa.
Terceira classe, 125\$000 e mais taxa de transporte
O esplendido vapor

CITTA' DI MILANO
Adaptado exclusivamente para passageiros de 3.ª classe, sahia de Santos no dia 9 de Janeiro de 1907, para
Rio, Tenerife, Genova e Napoles
Acelerando passageiros para BARCELONA-MARSELLA e demais portos do Mediterraneo com balcão em Genova
PREÇO DA PASSAGEM
Genova ou Napoles, 124\$000 mais a taxa de transporte
Barcelona, 142\$000
A terceira classe responde a todas as exigencias do COMMISSARIATO D'IMMIGRAZIONE.
Para passagens e mais informacoes, com todos os saluagios e agentes gratis no Brasil:

SCHMIDT & TROST
S. Paulo — Rua do Commercio n. 9 — S. Paulo
SANTOS—RUA SANTO ANTONIO N. 50
Norddeutscher
Lloyd Bremen
Sahias para a Europa: ERLANGEN, em 26 de Dezembro
CRELD, em 16 de Janeiro
O paquete allmão

Erlangen
Iluminado a luz electrica—Commandante: W. BAARS
Sahia de Santos no dia 29 de Janeiro, para
Rio de Janeiro, Bahia, Madeira, Lisboa, Rotterdam, Antuerpia e Bremen
Este paquete tem boas e as mais modernas accomodacoes para passageiros de todas as classes.
Todos os paquetes desta Companhia têm medico a bordo, como tambem cozeiheiro e criado portuguez. As passagens de terceira classe incluem vinho de mesa.
PREÇO DAS PASSAGENS
Em camarote, para Antuerpia e Bremen, marcos 450.
Em camarote, para o Rio de Janeiro, re. 48\$000, em terceira classe, re. 20\$000.
Em terceira classe, para Madeira, com imposto, re. 125\$000.
Em terceira classe, para Lisboa e Leixões, com imposto, re. 163\$000.
Em terceira classe, para Antuerpia e Bremen, Lh. 160\$00 e 53\$000 de imposto.
Vendem-se passagens para as ilhas dos Açores.
Para fretes e mais informacoes, com os agentes:
ZEKKENNER, BULOW & C.
RUA SANTO ANTONIO N. 13 E 15—SANTOS
Em 9, Paulo, Rua de S. Bento n. 51

CHARUTOS LE POOCK
MONTEZUMA BAVARIOS
Tobacco de 1907 da Bavaria
agido de S. Paulo
A melhor fabrica do charutos do Brazil
OS MESMO

Agua de Caldas
A analyse a que foi submetida no Laboratorio de Analyses Chemicas de S. Paulo, demonstra ser esta agua a melhor das aguas minerais do país.
Não contém, absolutamente, substancias nocivas á SAUDE.
Unica de paladar agradável que
CURA
A' VENDA POR TODA PARTE
Hotel da Empresa
Muitas distrações são proporcionadas aos srs. hospedes



Companhia Mechanica
Importadora de São Paulo
Rua 15 de Novembro, 36
Machinas para bonificiar café
As melhores machinas do mundo
Beneficio de café
perfeito e garantido
Machinas para todos os capacetes e preços sem competencia. 29 m (1)
Tinta de escrever
A que melhores vantagens offerece pela sua superior qualidade e preços economicos
Tinta "Vieira"
A' venda em quasi todas as papelarias e casas de negocios que têm artigos congeneres. 99 terças até dez.
Violinos de autor
Vendem-se 2 magnificos violinos de autor, sendo um italiano, da antiga escola de Brescia, imitação de GASPARINI DE SALO (antiquissimo), e outro do autor francez, JEAN BAPTISTE VUILLUME, imitação do formato Maggini, ambos são instrumentos proprios para concertistas, pela positividade e belliza do som.
Para ver a rua S. Isabel n. 26.—Vila Buarque. 411 5-45

AU PETIT GRAND
Unica casa importadora de
CARTÕES POSTAES ILLUSTRADOS
Representante de diversas casas europeas neste artigo
Recebe semanalmente as ULTIMAS NOVIDADES
Flores em seda, velludo e pelucia. Cartões-fantasia, bromuro, gelatina, madeira, aluminio, celluloido. Paisagens artisticas, aquarellas, oleo e todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio.
Vendas por atacado
Albuns de todas as qualidades e tamanhos. Envelopes transparentes, alta novidade com vista. Preços sem concorrência. Exposição permanente do grande stock de novidades
ORESTE MATINA
Rua 15 de Novembro, 1-A SÃO PAULO
HOTEL DO SUL
61—Rua da Estação—61
Tendo transformado o seu antigo edificio em um bello sobrado, avisa, entretanto, os seus numerosos freguezes que continua a sustentar os seus antigos preços reduzidos.
Offerecendo, por isso, aos srs. viajantes e familias commodidades com rival espera que não deixem de visitar esta casa.
O proprietario **Francisco F. Torres**

Charles Hü & C.

115—RUA LIBERO BADARÓ—S. PAULO

Unicos concessionarios do
Champagne Pomery, Porto Constantino
COGNAC CH. DELAUNAY

Adoptados pelo Serviço Sanitario do Estado

DÓE?



GELOL

O GELOL cura qualquer dor

EFFEITOS:—O GELOL é o medicamento específico da dor, seja ella nevralgia ou muscular. Os seus effeitos se fazem sentir logo após a primeira applicação. Toda e qualquer nevralgia facial, sciatica, lombar, articular, frontal, intercostal, thoraxica, etc., cede logo ás primeiras applicações do GELOL.

O GELOL NO RHEUMATISMO—As dores rheumaticas recentes cedem, como por encanto, logo no primeiro dia de uso de GELOL. O rheumatismo chronico, ao fim de quinze dias, no maximo, cede com o uso do GELOL. No rheumatismo articular agudo, que inflamma as articulações (juntas), o uso do GELOL refresca immediatamente o lugar atacado e faz ceder a inflammação no fim de poucos dias. O allivio é tão rapido que o doente que usar uma vez o GELOL, será o seu melhor propagandista.

O GELOL NAS PONTADAS—O GELOL, que é infallivel em todas as dores, combate efficazmente todas as pontadas inclusive as pontadas da pneumo-

nia, após algumas applicações, alliviando sempre desde a primeira applicação.

O GELOL como estimulante muscular.—Cyclistas, jockeys, cavalleiros, foot-ballers, corredores, gymnastas e sportmen. Após os exercicios fatigantes dos diferentes generos de sport uma fricção com o GELOL estimula os musculos fatigados, dá-lhes nova energia e produz uma sensação agradabilissima de restauração de forças.

CONTUSÕES, ENTORSE, (MAU GEITO), LUXAÇÕES, etc.—Em todos estes casos o GELOL dá resultados magníficos e rapidos.

VELHOS E PERNAS TROPEÇAS—Com a fricção diaria de GELOL sobre as pernas tropeças os velhos realçam a sua antiga força e poderão fazer sem cansaço longas caminhadas.

O GELOL NAS PARALYSIAS—Nas paralyrias parciais, sem fundo específico, a fricção diaria com o GELOL produz resultados inercíveis em poucos dias.

FORMI-KOLA

“RODRIGUES”

Associação do formiato de sodio aos principios activos do noz de kola.

Dois tónicos musculares neurothénicos—diureticos do maximo valor administrados em um licor eupeptico e carminativo.

Perfeitamente indicado nos “estados neurasthenicos em geral” (perturbações mentaes, impotencia ex-gottamento nervoso, insomnias, abatimento moral etc.) na “fraqueza” produzida pela “influenza” pelo “typho, pneumonia, impaludi mo, tuberculose, etc.” nas convalescenças, nas anemias e como estimulante de todas as funções, util na “prisão de ventre” nas “perturbações biliares” e no mau funcionamento dos rins.

O cansaço physico e intellectual produzido pelo excesso de trabalho ou pelos varios exercicios do “sport”, é combatido efficazmente pelo FORMI-KOLA.

A venda em todas as pharmacias e drogarias

Depositarios: Em S. Paulo, DROGARIA LIMA, SANTOS & C.

Rua do Commercio, 6

HOMOEOPATHIA

Da antiga e acreditada pharmacia «Cruzeiro do Sub», de Theophilo de Andrade, do Rio de Janeiro.

Encontra-se grande STOCK destes medicamentos na Drogaria dos srs. Lima, Santos & C., à rua do Comercio n. 6.

Distribuem-se gratuitamente folhetos explicativos de todas as enfermidades.

O FORMICIDA PAULISTA E A PRAGA DOS GAFANHOTOS

A experiencia já tem demonstrado que dos diversos processos até agora empregados, quer particular, quer officinalmente para dar cabo da terrivel praga que actualmente assola o nosso Estado, nenhum tem apresentado tão seguros resultados dignos da confiança, como meio prompto, facil e efficaz para o fim desejado, como seja o que se recommenda pelo uso e applicação do FORMICIDA PAULISTA, já pateticamente reconhecido por muitos srs. fazendeiros, dos quaes temos recebido cartas noticiando os excellentes resultados obtidos com o emprego do

Formicida Paulista

Os Formicidas Paulista e Lampadium são productos da **Fabrica de Formicida Paulista**

VIRGINIO DE REZENDE

S. CAETANO

Escriptorio: Rua da Esperança, 15-B—S. Paulo

Agencia Geral das Loterias da Capital Federal

RUA DIREITA, 39

Casa fundada em 1881 pelos seus actuaes proprietarios, JULIO ANTUNES DE ABREU & C.

Sabbado, 29 de corrente, ás 3 e meia horas da tarde—Importante loteria—Novo plano—Premio maior

Por 2\$—50:000\$000—Por 2\$

Grande Loteria da Capital Federal — Grande do novo anno

100:000\$000 por 4\$000 -- Sabbado, 4 de Janeiro de 1907, sabbado

Garantimos não mais haver transferencias

A preferencia para a compra de bilhetos destas grandes loterias deve ser dada, por todas as motiões, a esta antiga e acreditada AGENCIA GERAL. Os pedidos serão satisfeitos com a maxima pontualidade pelos agentes geras e representantes nesta Est-

JULIO ANTUNES DE ABREU & COMP.

Caixa do correio, 77

RUA DIREITA, 39

S. PAULO

Antino

Estado

azem sen-
horaxica,

tismo chro-
e uso do
ar uma vez

la pneumo-

igantes dos
de restau-

IA

reiro do
eiro.

amentos
do Com-

icativos

rclo, 6

ua autorização,

n, entre os quae
ULISTA da sub
ra reunir-se quan-
e plantação. Ahi
n de se lhes evitar

alista

Paulo

J & C.

sabbado
enciasa

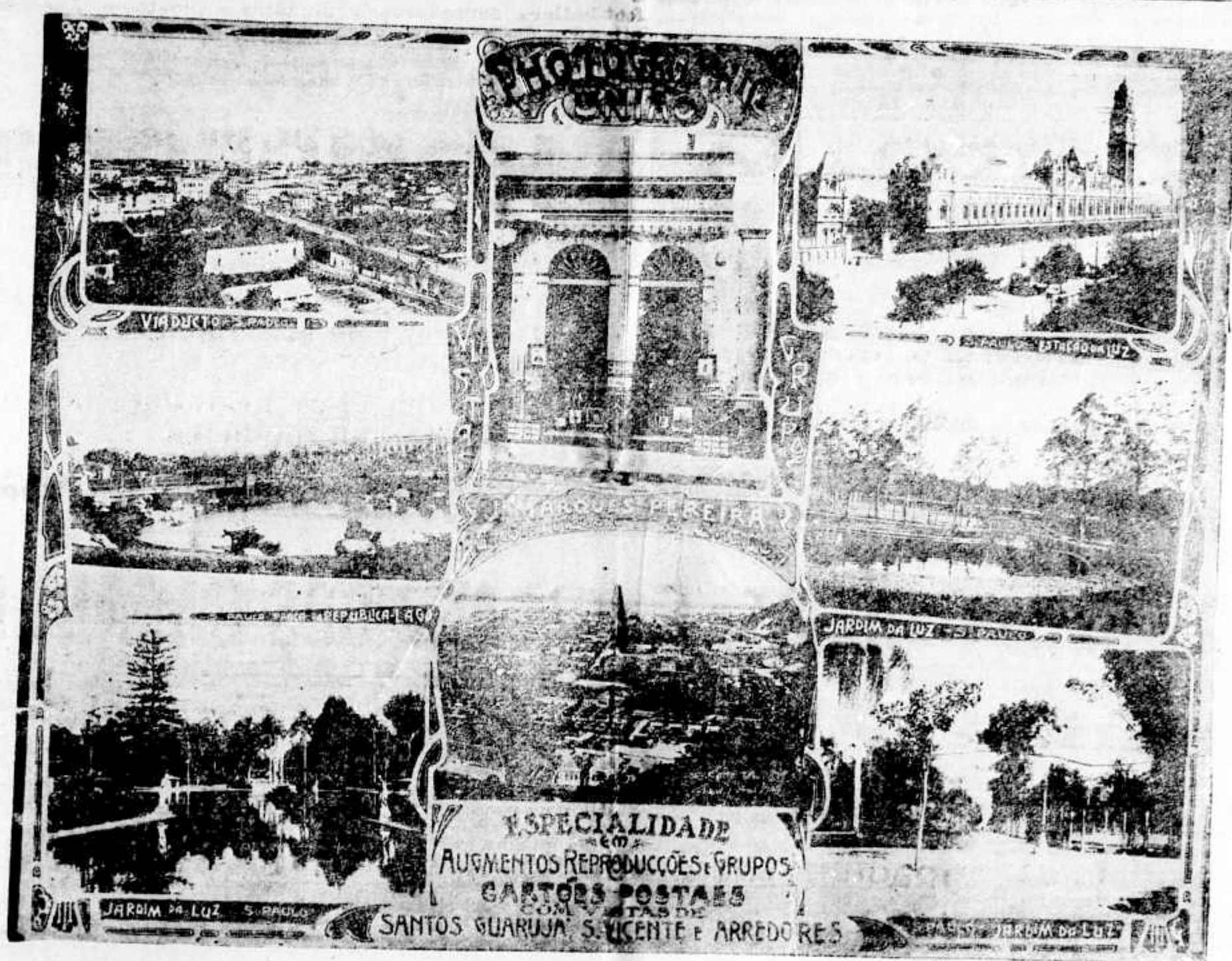
antos mato Esta-

AULO

PHOTOGRAPHIA UNIÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 8
SANTOS

J. MARQUES PEREIRA

PHOTOGRAPHIA UNIÃO



SANTOS
RUA 15 de Novembro 8

Especialidade em aumentos, reproduções e grupos.

Encarrega-se de tirar vistas de festas, pic-nics e solennidades

Está prompto a qualquer hora do dia a tirar retratos em casas de FAMILIAS.

O maior sortimento de cartões postaes, com vistas de diversos lo-
gares que existem em todo o Sul do Brasil.

O MARQUES PEREIRA é o photographo mais popular de SANTOS

A. A. CALEM & FILHOS

PORTO

CASA FUNDADA EM 1859

GRANDES ARMAZENS DE VINHOS

✦ EM ✦

Villa Nova de Gaya

As maiores recompensas em diferentes exposições nacionaes e estrangeiras foram conferidas a esta casa.

Os seus vinhos não encontram competidor no mercado, não só os vinhos **VERDE E VIRGEM**, como os finos.

As suas marcas

RESERVA PORTO W E MOSCATEL

São de um finissimo paladar, quer pela sua **qualidade**, quer pela sua **velhice**.

Todos os nossos vinhos são das regiões do Doiro, Beira, Minho, etc.

Exportação para todos os paizes da **EUROPA, AMERICA DO SUL, AFRICA e ASIA (CHINA e JAPÃO)**.

Peçam sempre os vinhos

DE

A. A. CALEM & FILHOS

que são representados neste Estado pelo sr.

JOSÉ FERREIRA DE SOUSA NEVES

Loterias Federaes

PARA O MEZ DE JANEIRO

5 e 26 --100:000\$000

12 e 19

50 CÔNTOS

Por 25000. divididos em meios

Todas as quartas-feiras

25:000\$

Por 25000

PEDIDOS AO AGENTE GERAL

RUBEN GUIMARÃES

6-B—Rua 15 de Novembro—6-B—Caixa, 617

Dá-se vantajosa comissão aos srs. cambistas

LA SAISON

Grande officina de costuras e confecções

PREÇOS RASOAVEIS

Vestidos para senhoras e meninas

Accepta-se encomenda para qualquer lugar do INTERIOR

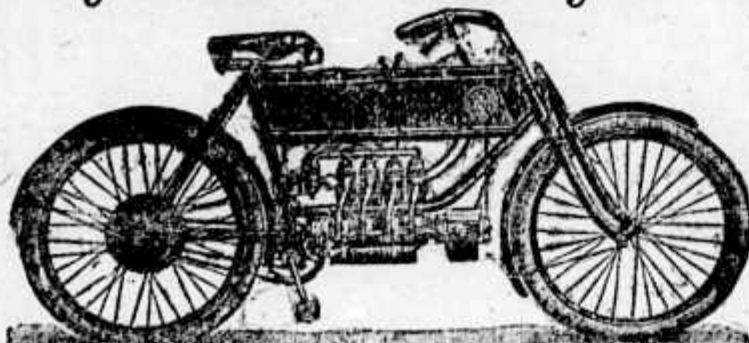
—Apurado gosto e elegancia—

Henrique Bamberg

RUA DE S. BENTO, 68 m. S. PAULO

Grande fabrica

Bicycletas e Motocyclelas



Importação directa da Europa e America do Norte. Completo sortimento de accesorios para bicycletas e motocyclelas. —Cobertores Dunlop-Michelin e Continental.

Fazem-se concertos garantidos. Nickelatura e esmalte a fogo.

Representantes geraes de SARR e PASCAULT, de Paris.

Poletti Caloi & C.

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 11 387 m

HOTEL DE FRANÇA

RUA DIREITA, 49

ALVARO DE BARROS

Actualmente reformado, continua a offerrecer a seus freguezes exatias, familias todas as commodidades proprias de um estabelecimento de primeira ordem.

Recommenda-se pela sua colocação, vastos aposentos e seriedade tradicional do seu tratamento, estando sob a immediata direcção do seu proprietario que reside no estabelecimento com sua familia.

12 até 31. D

AO COLLETE PAULISTA

Grande fabrica de Giovanni Polito di Luigi

Vende-se por atacado e a varejo

PREÇOS BARATISSIMOS

Especialidade em modas de Paris

Rua General Carneiro, 2-E—Antiga João Alfredo

E NA MESMA RUA N. 29-A

caso fôr na Avenida Rangel Pestana N. 95

S. PAULO

Rua Direita, 26-A

ESPECIFICOS DO DR. HUMPHREYS

(Direcções com cada vidro em cinco linguas)

Portuguez, Inglez, allemão, hespanhol e francez

CURA

1. FEBRE, congestões, inflamações.
2. FEBRE e MOLESTIAS causadas por lombrigas.
3. CÚLICA, choro e insomnia das crianças; dentição.
4. DIARRHEIA, em crianças e adultos.
5. DYSENTERIA, colica severa, colica biliosa.
6. CHOLERA, cholera morbus, vomitos.
7. TOSSE, resfriados, bronchite.
8. DOR DE DENTE, dores neuralgicas, nevralgia.
9. DOR DE CABEÇA, dor nervosa da cabeça, vertigens.
10. DYSENTERIA, indigestão, estomago fraco.
11. MENSTRUACÃO ESCASSA, ou supressa.
12. LEUCORRHEA, ou menstruação profusa.
13. CROUP, tosse toca, respiração difficilissima.
14. HERPES, erupções, erisipela.
15. RHEUMATISMO, ou dores reumaticas.
16. FEBRE CALIPORSA, febre intermitente.
17. HEMORRHOIDAS, simples ou sangrentas.
18. OPHTHALMIA, olhos fracos ou inflamados.
19. CATARRHO, influenza, delirio.
20. CONSTIPACÃO, ou tosse convulsiva.
21. ANEMIA, respiração difficil e opprimida.
22. SUPPURAÇÃO DOS OVIDOS, dor de ovidos.
23. ESCROFULA, inchacões e ulcera.
24. DUBILIDADE GERAL, fraqueza physica, caquexia.
25. HYDROPIRIA, convulsões bilias.
26. ENJOJO DE MAR, náusea, vomitos.
27. MOLESTIAS DOS RINS, pedras e calculos renaes.
28. DUBILIDADE NERVOSA, fraqueza vital.
29. DOENÇAS DA BOCA, aphtas.
30. INCONTINENCIA DA URINA, urina da cama.
31. DYSENTERIA DOLOREOSA, prurido.
32. MOLESTIAS DO COTURACÃO, palpitações.
33. EPILEPSIA, halle de S. Vito.
34. MAL DA GARGANTA, ulceração da garganta.
35. CONSTIPACÃO CRONICA, dor de cabeça.
36. AGRUPAMENTO CRONICO, ou vicia.
37. AGRUPAMENTO CRONICO, ou vicia.

DE LA BALZE & COMPANHIA

210 11. JANEIRO BUENOS AIRES

CAMISARIA MASCOTTE

Rua 15 de Novembro, 59

SÃO PAULO

Esta antiga e conhecida casa está actualmente procedendo a uma

REAL LIQUIDAÇÃO

de todos os seus artigos.

Especialidade em ROUPA BRANCA para homens e meninos

GRAVATAS,

Bengalas e perfumarias

ANTONIO MEIRELLES & COMP.

NA PNEUMONIA

aguda, com tosse curta e secca, febre alta e continua, grande prostração, com dores agudas no peito, augmentadas pelo movimento, tosse, inspiração e expiração, e de effeito quasi especifico; a resolução pelo peitoral dá-se em curto espaço de tempo sem ser preciso causticos ou outros meios accessorios que tanto maltratam aos doentes. Deve ser usado 1 dose de 2 em 2 horas, com agua, porque facilita mais a absorção pelo estomago. Ficando o doente sem febre, 3 doses por dia até completo restabelecimento. Pedir-se aos srs. medicos, por benevolencia, que experimentem, e verão a verdade nascer.

SERPIARIA

Vende-se na DROGARIA MODERNA, á rua de S. Bento, 11.

CASA CAHEN IRMÃOS

16—Rua Direita—16—Pegado á Loja Allemã

Jóias, relogios, prataria, metal fino, etc.

Convidamos a nossa freguezia e as exmas. familias a visitarem no interior de nossa loja a

GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTIGOS

Para presentes de NATAL, ANNO BOM e REIS

Chegou o novo sortimento de Relogios EXTRA chatos e folheados de ouro, garantidos por 10 e 20 anno

610 35, 27

Loja do Japão

GARCIA, NOGUEIRA & COMP.

Agentes do Banco do Minho

SACAM SOBRE TODAS AS PRAÇAS DA EUROPA

Depositarlos

dos charutos de JENZLER

ROENING, da

MANTEIGA TRAITUBA, DO SABÃO CRYSTAL

E DOS AYAMADOS

Vinhos do Porto: — MOSCATEL

DUC, PORTO-CLUB E D. CARLOS

© Serpiaria

Nenhum supposto tuberculoso ou mesmo tuberculoso, poderá curar-se sem que use o Serpiaria, auxiliado de uma boa alimentação principalmente quando se encontram os symptomas seguintes: sobre a tarde calor ou arrepios de frio, dor no peito e nas costas, suores nocturnos, frios, mãos humidas, rouquidão e sede continua, acompanhadas de um emagrecimento notavel, este corte o todo pede Serpiaria 3 a 4 colheres por dia, e sobre as refeições obo de ligando de honte, háu escuro, 6 mezas reguidas. Este sacrificio será retribuido.

Nas hemoptises, com esse e onção do estomago, o sangue vem bem vermelho, misturado com os catarrhos e espumoso, pegu licença: é um remedio soberano, auxiliado pelo repouso completo, cada 2 horas, 1 colher das de sopa misturado com agua fresca, uma vez desapparecido, 3 colheres por dia até restabelecer-se.

A venda na Drogaria Moderna

A RUA DE S. BENTO, 14

RHEUMATISMO

O Rob anti-rheumatico

A. MENDONÇA

É o remedio mais prompto e effica para a cura do rheumatismo. Encontra-se em S. Paulo:

Drogaria do Leão

18—RUA DO COMMERÇIO—18

Deposito geral e fabrica JACAREY, E. de S. Paulo. 438 30-23

Alfaiataria

A THESOURA DA ELEGANCIA

Salvador Joaquim Rizzo

SORTIMENTO DE FAZENDAS FINAS

Acaba de receber um grande stock de casimiras inglesas

Grande novidade de

Casemiras de cores, de phantasia

azul e pretas

Rua de S. Bento, 37

S. PAULO 478 25-10

Grande Fabrica de Fogos

ESTABELECIMENTO PYROTECHNICO

Premiado 3 vezes com medalha de ouro em 1899, de

BIAGINO CHIEFFI

Accepta encomendas da capital e do interior. Especialidade em fogos de via-

ta. Garante-se a perfeição. Preços modicos.

Completo sortimento de fogos de via-

ta e toda a classe de foguetes. Especialidade em polvora de qualquer qualidade para caça e minas.

Rua Holy, 36

Marco de Melh Legua — S. PAULO

545 55-9

Extracto de Maite

CARLOS MEISSNER

N. 13 — Rua Domingos de Moraes — N. 13

NON VILLA MARIANA—S. PAULO 100

Premiado nas Exposições de

DIPLOMA DE HONRA e MEDALHAS DE PRATA E OURO

S. PAULO e S. LUIZ com

Vende-se em todas as boas casas de mantimentos, confeitarias e pharmacias. —86 alt. até dez.

GUIA LEVI

ANNO IX

Está aberta uma assignatura para o anno 1907 e pelo preço de

5\$000

tendo direito o sr assignante ao brinde do esplendido e afamato album, com 30

vistas de

S. Paulo

DO VALOR DE

5\$000

PEDIDOS A

MENOTTI LEVI

CAIXA 8

CAIXA 8 S. PAULO

HOTEL DO SUL

61—Rua da Estação—61

Tendo transformado o seu antigo edificio em um bello sobrado, avisa, entretanto, os seus numerosos freguezes que continua a sustentar os seus antigos preços reduzidos.

Offerecendo, por isso, aos srs. viajantes e familias commodidades sem rival espera que não deixem de visitar esta casa.

O proprietario—Francisco F. Torres

Irmãos Poyares

Despachos, commissões e consignações

Com relações directas com as principaes cidades da Europa e de todos os paizes sul-americanos. Endereço telegraphico—SERAYOP. Caixa do Correio 270.

Praça da Republica, 37—Bastos

Rua José Bonifacio n. 27 S. PAULO

Arvores de Natal

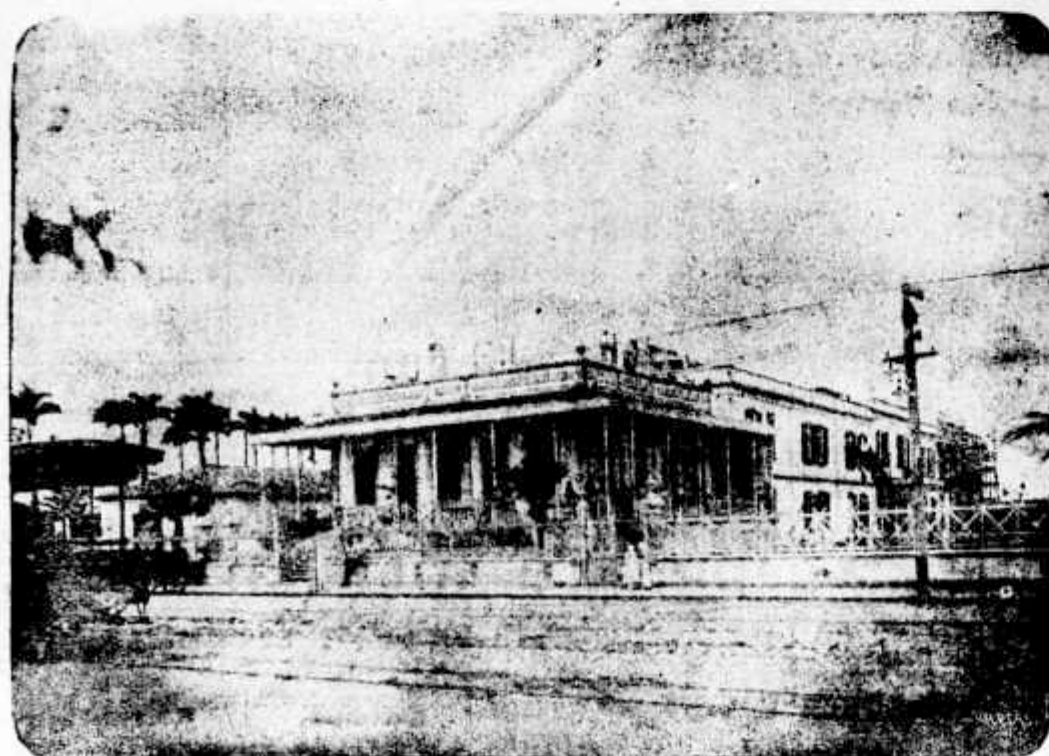
GRANDE QUANTIDADE

PARQUE BALNEARIO

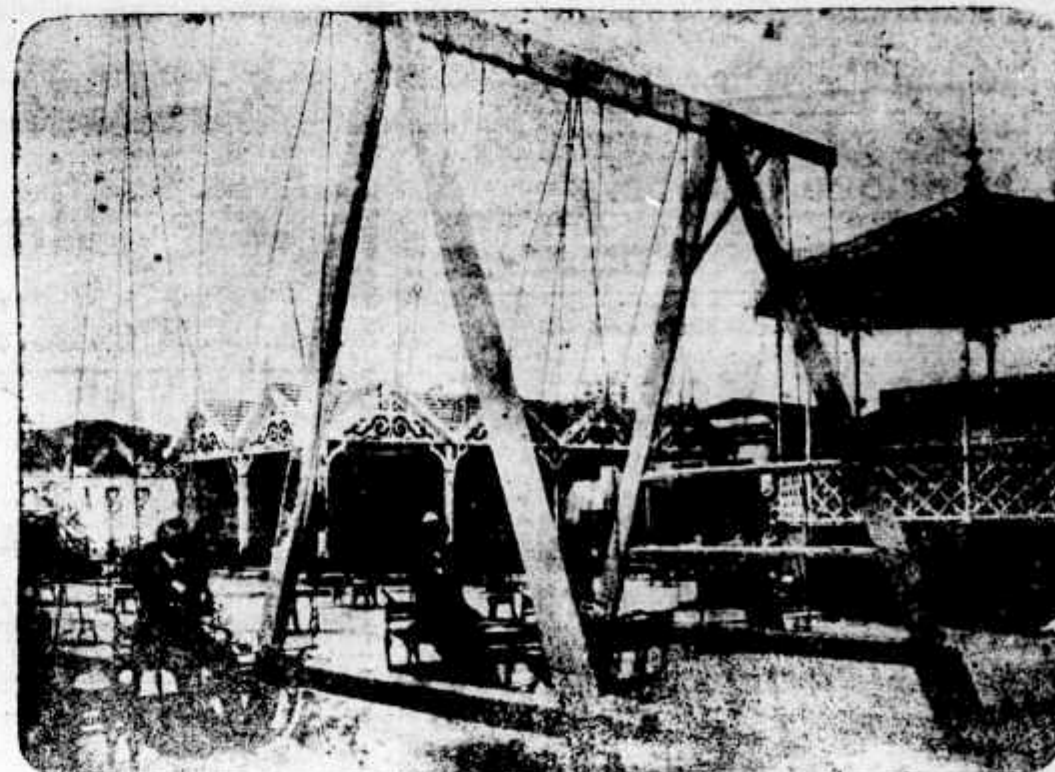
SANTOS

SANTOS

Estabelecimento de primeira ordem, montado com o devido conforto hygienico para hospedagem das exmas. familias que accorrem á estação balnearia, nesta cidade.

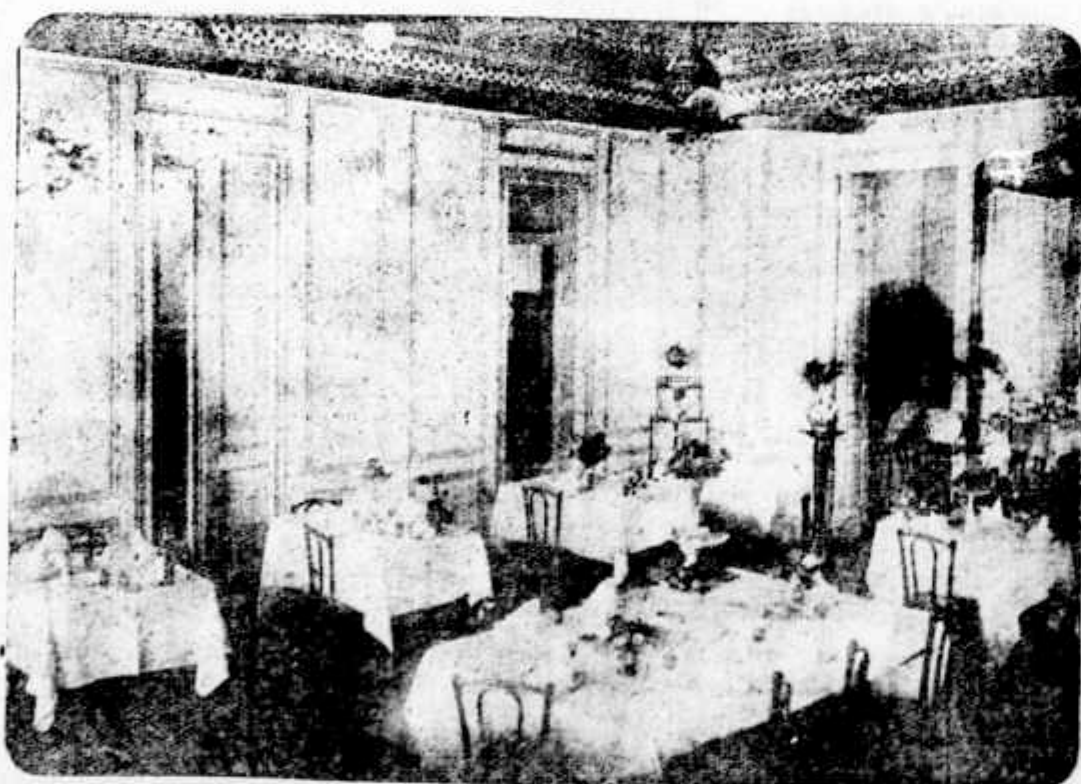


Vista do estabelecimento

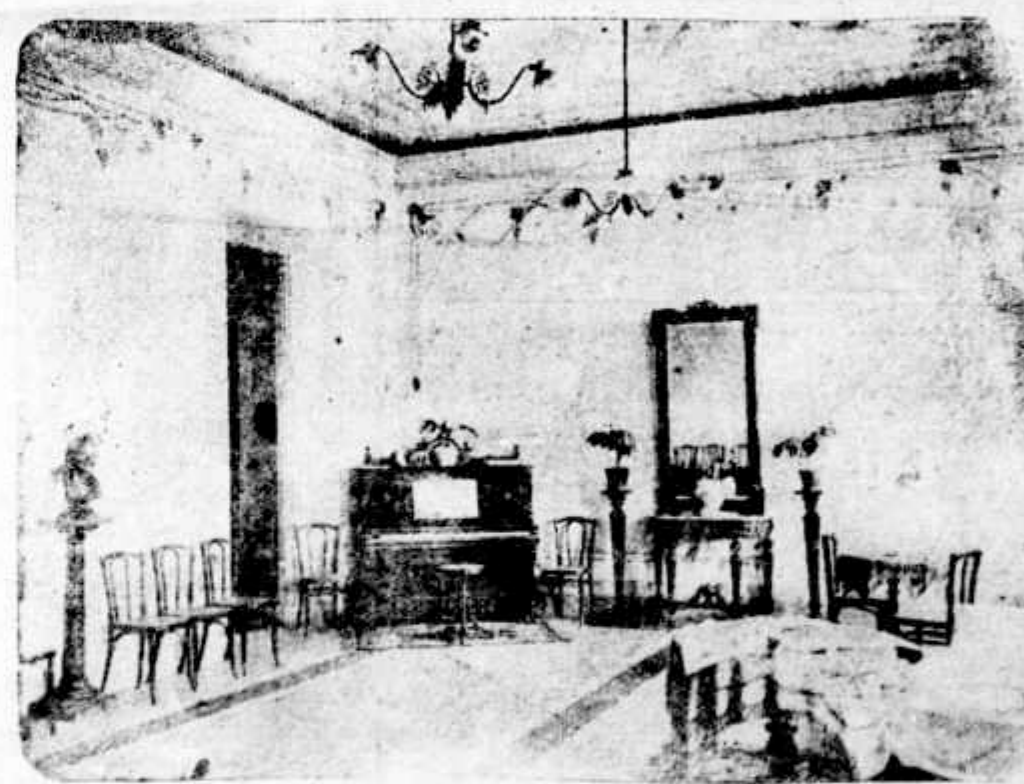


Parque recreio

No genero, é o **PARQUE BALNEARIO** um confortavel estabelecimento, dispondo de excellentes dormitorios, superior cosinha e um serviço a contento do publico o mais exigente. O **PARQUE** reúne as condições precisas ao fim a que se destina—aposentos hygienicos, mesa farta, salões para concertos e diversões e um bello terraço, que deita para o mar. Pelas gravuras juntas se pode avaliar da verdade.



Salão de jantar



Salão de musica

Qualquer informação sobre o **PARQUE** prestará o seu actual gerente **AVELINO MONTEIRO**.

PRAIA DO GONZAGA--SANTOS

CASA

LARGO DA SÉ, 2

VINHO BARUEL

Marca registada



BARUEL

Rua Direita, 1 e 3

SABÃO INFANTIL

Marca registada

AGENTES GERAES dos algodões e outros artigos antise-

AGENTES de vinho anti-anêmico, mistura tônico-pulmonar, do dr. Arthur Azevedo, preparados do pharmaceutico Soares Roman.

DEPOSITARIOS GERAES do conhecido **Alum Sulfur**, de J. Coelho Barboza.

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS do Elixir Vinho de Noz de Kola, Cascaria glycerinada, Vinho de Rabano Iodado e todos os outros preparados do distincto pharmaceutico Orlando Bangel.

DEPOSITARIOS do Graxigeno, da Zelina e das Pilulas Divinas.

Grande deposito de todos os especifios de Humphreys, de maravilha curativa. Especificos veterinarios, receitas especiaes etc.

SECÇÃO DE PERFUMARIAS

Artigos de toilette

Para esta nova Secção da CASA BARUEL, nos limitaremos a transcrever, agradecidos, as apreciações da imprensa, que nos honrou com suas visitas:

Como nos grandes centros, onde o adeamento se manifesta em todos os ramos da vida, S. Paulo vai ter também um estabelecimento exclusivamente de perfumaria e artigos que se relacionam com ella, isto é, saponaria, oleos, pomadas, dentifricios, p's, p'ntes, escovas, arminhos, etc.

E' uma secção especial que a conceituada firma Baruel & C. hoje inaugura annexa ao seu grande estabelecimento de drogaria.

A instalação dessa secção é um primor de bom gosto, um verdadeiro chiquismo, onde a commodidade se liga ao luxo. A iluminação é de um optimo effeito, amplada na sua intensidade por uma magnifica combinação de espelhos. Aquellas prateleiras, de collocação caprichosa, passarão a ter o que de mais fino e delicado ha em essencia e logico, em p's, tinturas e brilhantinas, todo esse mundo do odor e do effeito.

E o que releva esclarecer é que a casa Baruel & C. importa todos os principaes fabricantes da Europa, Inglaterra e Alemanha; os seus productos são de uma absoluta pureza, e os preços, de uma relativa modicidade.

Conforto, luxo, gentileza, confiança, no artigo, tudo a nossa sociedade encontra ali na visita que fizer á nova secção de perfumaria dos srs. Baruel & C.

(Diário Popular, 19 de Dezembro de 1903).

Casa Baruel

A exemplo do que existe nos grandes perfumistas parisienses, a Casa Baruel inaugurou hontem em seu estabelecimento uma secção de perfumarias, montada com todo o capricho e verdadeiro luxo, onde a par de elegante arrumação e mobilia no estylo art nouveau se encontra tudo quanto ha de mais requiz em perfumarias, de Houbigant, Roger & Gallet, Guerlain, Deltre, Bunand, Giclé, Péro, Piver etc, etc.

Artisticamente dispostas em bellas vitrines, circumdadas de espelhos, nota-se um sortimento escolhido de *coiffeurs* proprios para presentes, pulverisadores, arminhos, p'ntes, escovas etc.

Merce bem uma visita a nova secção da Casa Baruel.

(Comercio de S. Paulo, 22 de Dezembro de 1903).

Casa Baruel

Gentilmente convidados pelos srs. Baruel & Comp., visitamos hontem a secção de perfumarias, novo departamento que aquella importante firma acaba de annexar ao seu acreditado emporio de productos medicinas.

A secção de perfumarias está situada ao fundo do estabelecimento, e salienta-se admiravelmente pe-

lo grande luxo e estremo gosto artistico com que foi montada.

A entrada da secção de perfumarias, encontra-se numa pequena ante-sala, lustrada e mobilada, destinada ás senhoras.

Na mostra do balcão—um bello model—vemos lindissimas caixas de perfumes de fantasia, proprias para presentes.

Tudo, enfim, é de uma delicadeza sem par e em todo se notam o mesmo luxo e o mesmo gosto artistico.

E' um mimmo, um verdadeiro mimmo em que não sabemos o que mais admirar, se a riqueza das arrumações, em estylo art nouveau, talladas por mãos de mestre, em finissima embalia de Porcelana; se a disposição artistica dos espelhos, enfiletes e moveis que guardam o recinto; se a bella combinação elegante de luzes e de cores; se, finalmente, o vasto e escolhido sortimento de perfumarias que figuram em vitrines rodeadas com arte e gosto, a nova secção.

O que é certo é que os adeantados commerciantes srs. Baruel & C. fizeram o que de melhor se poderia imaginar, tanto na instalação de sua nova secção como na escolha dos productos ali expostos.

Fazemos votos para que a secção de perfumarias da Casa Baruel receba do nosso publico a preferencia que merece pela sua incontestavel superioridade e pela sua justa recompensa aos esforços dos seus infatigaveis e progressistas proprietarios.

(Correio Paulistano, de 22 de Dezembro de 1903).

Casa Baruel

Como se verá do annuncio que vae noutro lugar, a Drogaria Baruel installou, annexa ao seu estabelecimento, uma secção especial, exclusivamente destinada á venda de perfumarias.

Essa secção, que hontem visitamos, documenta admiravelmente a importancia do commercio de perfumarias a que attingiu a Casa Baruel.

Em 11 as arrumações art-nouveaux, estocagem variada e variado stock de perfumarias, e artigos de toilette, tudo importado directamente, avultando os *coiffeurs*, pulverisadores, escovas, uma legião de extractos, para todos os propósitos, loges, aguas de toilette.

Tem S. Paulo um estabelecimento digno do seu progresso.

(Estado de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1903).

Casa Baruel

Incontestavelmente, no genero, é o primeiro estabelecimento da capital e que agora acaba de inaugurar uma secção de perfumarias.

Installada com despendio de luxo e capricho, encontrando-se ali tudo quanto de mais chic existe em perfumarias de Houbigant, Roger & Gallet, Guerlain, Delatre, Pivand, Giclé, Péro, Piver, etc., notando-se também um sortimento escolhido de *coiffeurs* proprios para presentes.

(Cidade de Campinas, 23 de Dezembro de 1903).

Entre moças chics...

—Adens, Lica!

—Adens, Lohé.

—Onde é que vae? Todos bons?

—Eu vim a comprar *bonitos*.

—Para as crianças? E tu?

—Vou fazer uma visita.

Ali á CASA BARUEL.

Parece mesmo um vergel.

Tem tanta coisa bonita.

Em artigos de toilette.

Que a gente lá se assombrada.

(Pois um peccado comette quem ali não compra nada).

—Mas são baratos os preços?

—Ora não são os preços?

—Valem mais do que adeços.

Os perfumes sem egua.

Que elle tem lá na vitrina!

O que ha de *che* em extractos.

Em *coiffeurs*, em loção fina.

Agua boa, pó barato.

Sabonetes, dentifricios.

Lindos pulverisadores.

Presentes esportivos.

De varias firmas e cores.

Tudo em tanta profusão.

Que até nem se que ha diga.

Lá tem tudo, minha amiga.

Em luxuosa exposição!

—Então, novo caso, vem Contigo... (guarda segredo?)

Comprar um mimmo *art-nouveaux*.

Para dar ao primo Alfredo.

—Pois vem com a tua Lica.

Que aqui nesta capital.

Não ha colleção mais rica.

De festas para o Natal.

(A Vida de Hoje, 25 de Dezembro de 1903).

Maison Baruel

Cette importante maison, qui comme droguerie constituée déjà un monde, vient d'augmenter et d'agrandir sa section parfumerie, incontestablement la plus belle et la plus grandiose de l'Etat. Toutes les parfumeries du monde s'y sont données rendez-vous; on peut y trouver les marques les plus célèbres d'Europe. Vous, belles lectrices du *Messenger de Saint Paul*, dépêchez-vous d'aller faire une visite à Baruel: vous pourrez y choisir vos odeurs préférées à des prix si réduits, que vous vous enpresserez de faire de grandes acquisitions; la maison Baruel, inutile de vous le dire, se trouve large de 86.

(Le Messenger de Saint Paul, 26 de Dezembro de 1903).

Artigos para industria Salitre, chlorato de

de estroniana, essencias para licores, extracto de camphre, anilina, glicerina, acido acetico, acido citrico, bicarbonato de soda, acido tartarico etc.

Agua mineral de Camambi, São Lourenço, Lancy, Vichy, Vals, James Rabinat, e de muitas outras fontes.

Grande deposito dos preparados de V. Verneck & Comp.

Agentes exclusivos dos conceituados productos do pharmaceutico FREIRE DE AGUIAR — Agua Inglesa, Magnesia fluida, Elixir de castanha, Essencia de licor de mela e muitas outras especialidades.

Agentes dos conhecidos preparados do pharmaceutico ABREU SOBRINHO: Pilulas de Caferana, Emulsão de Abreu Sobrinho, Polpa de tamarindo e de todos os productos do mesmo fabricante.

GRANDE, colossal, unico sortimento de especialidades pharmaceuticas nacionais e estrangeiras, recebidas por todos os vapores.

Dosimetria Homœopathia

Unicos depositarios do SABÃO RUSSO DE PARADEDA.

Unicos depositarios do Elixir e Pilulas de Morato, preparadas por D. Carlos.

Unicos depositarios do ELIXIR DE CAMOMILLA DE LORRA.

Unicos e exclusivos agentes para o Estado de S. Paulo do poderoso desinfectante GERMOL—producto Ingles, preparado tanto em pó como em liquido.

Unicos depositarios do Elixir de Suespira.

Unicos e exclusivos depositarios do Vinho de Cassia e de todas as especialidades pharmaceuticas do Aurelio Cassiano.

Unicos representantes do Instituto Seruntherapico de Buenos Aires.

Unicos importadores do lancetante **RODO**.

Unicos depositarios dos preparados do CONSELHEIRO QUINTELLA.

AGUA INGLEZA—LIBERO

Endereço telegraphico—BARUEL S. PAULO

CAIXA POSTAL, 64

Rua Direita, 1 e 3—Largo da Sé, 2

BARUEL & COMP.

TELEPHONE, 20

LANÇA PERFUME "RODO"



Carrinho "MENEZES"

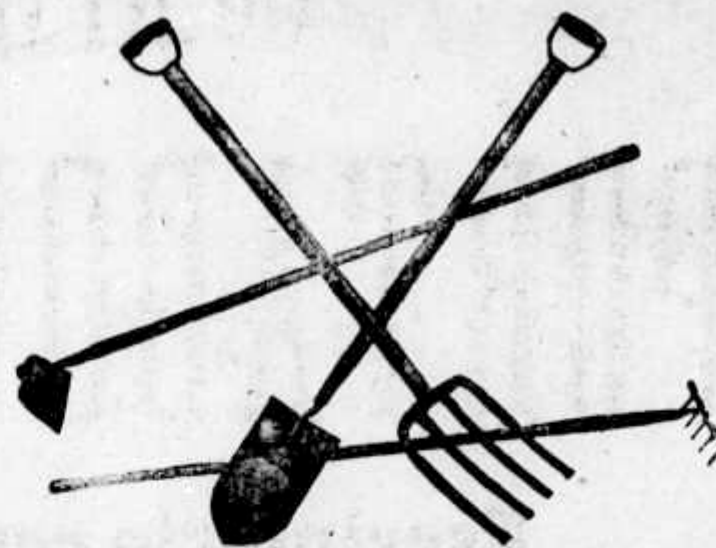
E' este apparelho mais vantajoso para os terreiros de café até hoje existente no mercado

O mesmo apparelho consta de:

**CAÇAMBA
ESPALHADOR
REVOLVEDOR
ENCORDOADOR**

Um homem, portanto, pôde fazer em um dia o serviço de 8 com rodas e jacás.

PEÇAM CATALOGO E PREÇO



Ferramentas americanas

GRANDE NOVIDADE!

Acabamos de receber:

Alforges para arros, com armação

• opim com cabo.

Ancinhos para jardim

• asfalto.

• juntar grama.

• capim ou feno.

• estercos.

• para descarregar carroça com estercos.

• e rodas combinados para jardim.

Apparelho para apurar baixadas de gramados.

Apanhador de fructas.

Abecedario para marcar gado.

Colheres para jardim.

Enxadões com machado.

Forcados para feno.

Forcados para mudar plantas em canteiros

Folhas para milho.

Furadores para collocar argolla no nariz do gado.

Podões.

Rodas para estribarias ou ferreiros.

Rodas para asfalto.

Rodas para limpar estribarias.

Rodas para canteiros de jardim.

Sachos de cabo, para jardim.

Serrote para podar café.

Tesoiras para podar.

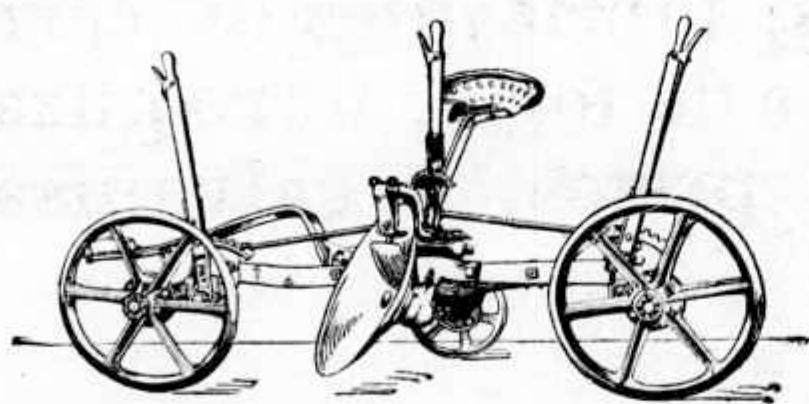
Tesoiras para aparar grama.

EMPORIO DE SÃO PAULO

NATHAN & COMP.

Rua São Bento, 43

Caixa do correio, K



Machinas agricolas COLOSSAL SORTIMENTO

CULTIVADORES

CAPINADORES

CISCADORES

SULCADORES

Arados de disco aperfeiçoados

Arados de aiveca

Destorreadores

Grades de discos

Grades de dentes

Semeadeiras

Segadeiras

Coifadeiras

Ancinhos mecanicos

Machinas para fabricar manteiga

Chocadeiras e criadeiras

Machinas de beneficiar arroz

Desfibradores "TORNADO"

Machinas "IDEAL" para o preparo de ferragens

Motores a força animal

**TRITURADORES
DESINTEGRADORES
MOINHOS**

Prensas para fructas



Oleos lubrificantes para
qualquer especie de
machinismos

Graxas e gazolina para automoveis
GRAXAS DE QUALQUER ESPECIE

Correias de coiro e "Gufalata"

AS MELHORES DO MERCADO

Encerados inglezes legitimos para terreiros, carroças, etc.

Lona americana superior, com 25 metros de largura

TINTA PREPARADA PARA ENCERADOS

Preservativo para correias. Massa para encanamentos

Sortimento completo de ferragens, drogas,
tintas, oleos, etc., etc.

COMPANHIA MECHANICA IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Escriptorio central : Rua 15 de Novembro, 36

Caixa do correio, 51—Endereço telegraphico "Mechanica"

ESCRITORIO EM LONDRES: BROAD STREET HOUSE, NEW BROAD STREET
ENGENHOS CENTRAES DE BENEFICIAR E REBENEFICIAR CAFÉ

Em SANTOS

Rua Xavier da Silveira, 176

Escriptorio : Praça Mauá, 4

Em S. PAULO

Rua Monsenhor Andrade--Braz

Escriptorio : rua 15 de Novembro, 36

Beneficio, rebeneficio, commissão e exportação de café

Secção de aperfeiçoamento de café

IMPORTAÇÃO »» EXPORTAÇÃO »» FABRICAÇÃO
CONSTRUÇÃO % ENGENHARIA

Motores a vapor e a kerozene, rodas d'agua, turbinas hydraulicas, moendas de canna, serras de varios typos, materiaes para estradas de ferro, ditos para luz electrica, abastecimento de aguas e exgottos, serrarias carpintarias marcenarias, ferreiros, serralheiros, gazistas, funileiros, fabricantes de carros e carroças, carvão de machina, coke e de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas, tubos pretos, e galvanisados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refractarios inglezes, etc., etc.

Tubos e outros productos de barro vidrado, machinas para beneficiar café, avulsas e combinadas, fabricação exclusiva das mais aperfeiçoadas e das melhores peças até hoje conhecidas. Esbrugadores MECHANICA, secador AUGUSTO, os afamados separadores MONITOR. Machinas de arroz, desintegrador universal DR. CARLOS BOTELHO, para moer milho, sakugo e palha.
Grande fundição de ferro e bronze

Secção de estivas--Kerozene arroz nacional e estrangeiro, alfafa, bacalhau, oleos, phosphoros, etc, etc.

Acceita-se qualquer encommenda para o estrangeiro mediante modica commissão.--Agentes das importantes fabricas: Decauville, Robey, Hornsby, Henry Simon Limited e outras.—Preços reduzidos.

COMPANHIA PAULISTA
DE
Seguros Maritimos e Terrestres

CAPITAL RS. 2.000:000\$000

Capital realisado, 800:000\$000

Deposito no Thesouro Federal, 200:000\$000

DIRECTORES:

José Paulino Nogueira

José Cardoso de Almeida

Augusto S. de Carvalho Rodrigues

CONSELHO FISCAL:

Francisco Nicolau Baruel

Antonio A. Vaz Cerquinho

Joaquim Gomes Estella

Joaquim de Toledo Piza

Miguel A. Cardeal

Alexandre Siciliano

CONSELHO CONSULTIVO

Dr. M. J. de Albuquerque Lins
Coronel Antonio Alves Penteado
Conde de Prates
Dr. J. A. Rubião Junior
Dr. Luiz de O. Lins de Vasconcellos
Antonio Marques Bento de Sousa
Manoel Garcia da Silva

Coronel Antonio Carlos da Silva Telles
Dr. Antonio de Padua Salles
José de Sampaio Moreira
Antonio de Toledo Lara
Dr. Alfredo Maia
C. P. Vianna
Dr. Plinio Prado

Francisco Matarazzo
José Puglisi Carbone
Jorge Fuchs
João Briceola
Joaquim Cordeiro
Dr. Francisco de Sousa Queiroz

GERENTE : URBANO AZEVEDO

TAXAS MUITO MODICAS E SOLIDAS GARANTIAS

ESCRITORIO CENTRAL
29 - RUA DIREITA - 29
S. PAULO

COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA S. PAULO

Fabricam as seguintes marcas:

CERVEJA Antarctica
 „ „ Pilsener
 „ Bavaria Pilsen
 „ Antarctica Bock Crys'al
 „ Tivoli
 „ Monopol
 „ União
 „ Alliança
 „ Bohemia
 „ Paulista
 „ Mogyana

CLARAS

CERVEJA Antarctica MÜNCHEN
 „ Bavaria „
 „ „ EXPORT
 „ Bock

ESCURAS

CERVEJA Antarctica Stout
 „ „ Porter
 „ „ CULMBACH

RETAS

E c. pto. io e deposito: Rua da Boa Vista 14, Telephone, 111

AGENTES GERAES

ZERRENNER BÜLOW & C.

81--RUA DE S. BENTO--81

CASA DA FORTUNA

54--RUA DE S. BENTO--54

Esta sempre feliz casa é a que mais sortes tem vendido nesta capital a seus amigos e freguezes. Por esse motivo, chama a atenção dos mesmos e do publico em geral, a habilitar-se nesta casa para a

GRANDE LOTERIA ESPERANÇA para o fim do anno

que se extrae em 31 do corrente

Premio maior-**100:000\$000**-Custando o bilhete inteiro, 6\$ e sextos, 1\$

TODOS POIS A' **CASA DA FORTUNA**

RUA DE S. BENTO, N. 54 -- S. PAULO

CASA LOTERICA

AMANCIO RODRIGUES DOS SANTOS & COMP.

PRAÇA ANTONIO PRADO, 5
Agencia geral em todo o Estado de S. Paulo

✦ DA ✦

LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

Capital, 4.500:000\$000

Chamamos a atenção dos nossos freguezes e do publico em geral para a **GRANDE LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL**, a extrahir-se em 5 de Janeiro proximo.

PREMIO MAIOR

 **100:000\$000** 

2º PREMIO, 10:000\$000 3º PREMIO, 3:000\$000

4º PREMIO, 1:500\$000

tendo além desses premios muitos outros de 500\$, 200\$, 100\$, approximações, dezenas e centenas para os 4 primeiros premios, custando o bilhete inteiro 4\$ e quartos, 1\$

Em 26 de Janeiro proximo



100:000\$000

Custando o bilhete inteiro
4\$000
 e quartos 1\$000

O pagamento destes importantes premios será feito no acto da apresentação do bilhete na Thesoiraria da Companhia ou na agencia geral deste Estado. Para pedidos, informações e pagamento integral de todos os premios

CASA LOTERICA
AMANCIO RODRIGUES DOS SANTOS & COMP
5 — PRAÇA ANTONIO PRADO — 5
S. PAULO

Caixa, 166

Telegramma: "Amancio,,"

N. B. — Esta casa institue seguros de vida gratis aos srs. cambistas e sub-agentes, cujas apolices serão distribuidas no dia 1.º de Janeiro, garantidas pela companhia de seguros A SUL AMERICA.

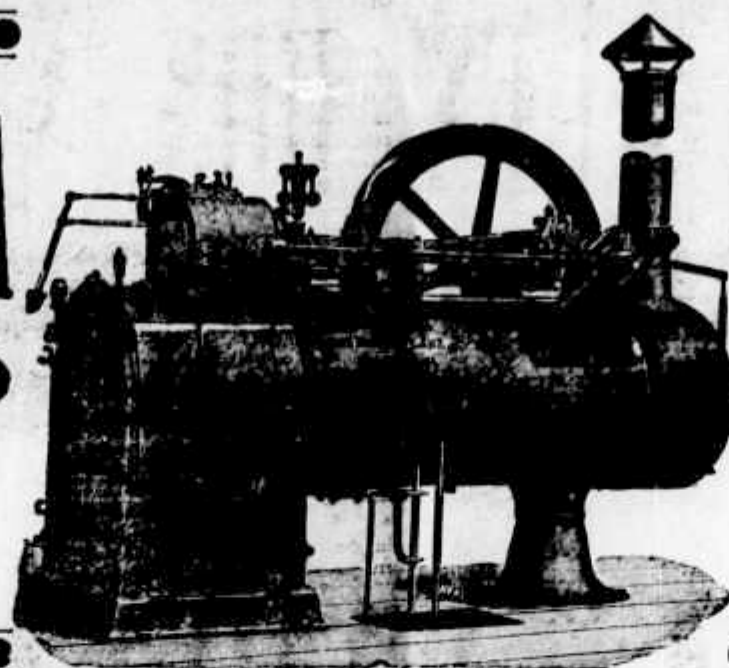
VAPORES DE HEINRICH LANZ

MANNHEIM--Allemanha

Unicos representantes: **FERNANDO ARENS & FILHO**

RUA DIREITA N. 29-A
SÃO PAULO

CAIXA, 450



RUA DIREITA N. 29-A
SÃO PAULO

ESPECIALIDADE:

MACHINISMOS COMPLETOS, os mais aperfeiçoados para BENEFICIAR CAFÉ

ATTESTADOS:

Attestamos aos srs. Arens & Filho, que temos na nossa fabrica de meias em Jacareby, um motor Lanz n. 3.152, de 25 cavallos de força, o qual está em uso desde o anno de 1892, tendo até hoje funcionado regularmente, não tendo ainda dado motivo a quebra.

O mesmo motor tambem se distingue pela economia de combustivel.

Os srs. Arens & Filho podem fazer deste o uso que lhes convier.

S. Paulo, 27 de Dezembro de 1905.

(Assignado) Hoffmann, Ahlgren & Comp.

S. Carlos do Pinhal, 30 de Janeiro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e srs.

Atendendo ao pedido verbal que me fez o seu viajante sr. Joaquim R. Vallim, apresso-me a dizer a v. ss. que tenho em minha fazenda um vapor do fabricante Heinrich Lanz, ha mais de dez annos, trabalhando sempre com a maior perfeição, sem ter gasto até o presente importancia algu-

ma, com concertos ou reforma do mesmo. Faço esta declaração com a maior boa vontade e aconselho as pessoas que pretenderem montar vapores a comprarem desta marca, que jamais terão que se arrepender. Podem v. ss. fazer desta o uso que lhes convier. Sou etc.

De v. ss. Amigo obrigado etc.

(Assignado) João Manoel de Campos Pezento. (Firma reconhecida).

S. Carlos do Pinhal, 31 de Janeiro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e srs.

Em resposta ao pedido verbal que me fez o representante de v. ss. sr. Joaquim R. Vallim, cumpre-me informar a v. ss. que tenho um vapor de Heinrich Lanz ha doze annos e que estou muito satisfeito. Podem v. ss. fazer desta o uso que lhes convier.

Sem outro assumpto sou com estima

De v. ss.

Att.º obr.º e cr.º

(Assignado) José Rodrigues de Lima. (Firma reconhecida).

S. Paulo, 4 de Julho de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e srs.

Temos o prazer de declarar a v. ss. que ficamos inteiramente satisfeitos com o motor systema Heinrich Lanz, que compramos em sua casa.

A regularidade do funcionamento e a economia do combustivel fazem-n'o superior a qualquer de outro systema.

Agradecemos muito e somos com muita estima e consideração,

De v. ss. etc.

(Assignado) Biola & Erven. (Ponte Pequena, S. Paulo).

Rio das Pedras, 15 de Setembro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Saudações.

Tendo inaugurado a machina de beneficiar café por vós fornecida e installada em minha fazenda, scien-

tifico-vos que estou satisfeito com o bom resultado obtido no beneficiamento do café e principalmente em todos os machinismos que se acham funcionando com muita regularidade.

Quando ao vapor Heinrich Lanz, vos declaro que estou immensamente satisfeito com a grande economia de lenha e pelo seu optimo funcionamento, pois, durante o beneficio com o café mellos, sustentava sempre a mesma rotação, quer a machina estivesse carregada, quer não.

Com satisfação me subscrevo

De v. ss.

Att.º att.º e obr.º

(Assignado) Vicente do Amaral Mello.

S. Pedro, 14 de Outubro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigo e sr.

Com a presente tenho a satisfação de comunicar a v. ss. que, depois que o sr. Oswald Palenep, seu digno empregado, regularizou o vapor Lanz, que comprei de v. ss., achou-se o mesmo funcionando com tanta perfeição que posso garantir ser o melhor vapor

dos navios que tenho tido, pelo que estou muito satisfeito.

Agradeço, me subscrevo.

De v. ss.

Att.º obr.º

(Assignado) Benedito Paiva.

S. Paulo, 7 Novembro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e srs.

Esponaneamente venho declarar a v. ss. que considero o vapor de 14 cavallos que comprei de v. ss. como o melhor dos muitos vapores que tenho possuido, quer quanto a regularidade e precisão do seu funcionamento, quer quanto ao consumo de combustivel, quer, enfim, quanto ao material e modo de obra nelle empregado.

Podem v. ss. fazer desta o uso que lhes aprouver.

Sou com muita estima

De v. ss. (etc.)

(Assignado) Frederico A. Dinco.

Ribeirão Pires, 9 de Novembro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e senhores.—Cumpro-me o grato dever de levar a vossa apreciação as vantagens que tenho colhido com o vapor de Heinrich Lanz de quem v. ss. são os representantes.

Na qualidade de engenheiro, pude notar a solidez, força, andamento e bom acabamento; como industrial, não posso deixar de p-tentar a minha satisfação deante da enorme economia que tenho obtido no gasto do combustivel.

As vantagens innumerables que esse vapor tem sobre muitos que conheço, deveria ser posto no mercado por um preço assaz elevado; entretanto isso não se dá, porquanto o seu custo é relativamente baixo, em face das razões expostas.

Tendo assim cumprido um dever, deixo ao seu arbitrio fazer desta o uso que lhes convier.

Subscrevendo-me com a maior estima, sou

De v. ss. (etc.)

(Assignado) Carlo Urban. Eng. mech. electricista.

Jardinópolis, 9 de Novembro de 1906.

Ilmos srs. Fernando Arens & Filho. S. Paulo.

Amigos e senhores.

Em resposta á sua estimada carta de 7 do actual, temos a dizer-lhes que, ha 4 mizes que funciona o vapor Lanz, de 14 cavallos, que compramos de v. ss., sem a menor interrupção, puxando machina de café e arroz, com força de 16 cavallos.

Em virtude do que acabamos de expor a v. ss., nos achamos satisfeitos com a aquisição que fizemos, vindo supprir doç. vapores que tivemos sem podermos fazer beneficio como hoje fazemos. Autorisamos v. ss. a fazerem desta o uso que lhes convier.

Subscrevemo nos

De v. ss.

Amigos obrigadissimos

Viana & Reis.

Temos sempre em exposição em nosso armazem á rua Direita n. 29-A, vapores «Lanz» e machinismos completos para beneficiar café (construção F. Arens, aperfeiçoada) e para arroz (João del Clippo), além de outras machinismos usados na lavoura e industria.

LOTERIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

AS MAIS GARANTIDAS E ACREDITADAS

As unicas que distribuem todos os seus premios dentro do Estado

Estas loterias recommendam-se pela escrupulosa e inatacavel seriedade que preside ás suas extracções, as quaes são franqueadas á assistencia do publico e fiscalisadas por um representante do Governo.

Um bilhete da Loteria de S. Paulo offerece as mesmas garantias que uma apolice do Thesouro

Agentes geraes:

G. FONTOURA & COMP.

PRAÇA ANTONIO PRADO

S. PAULO

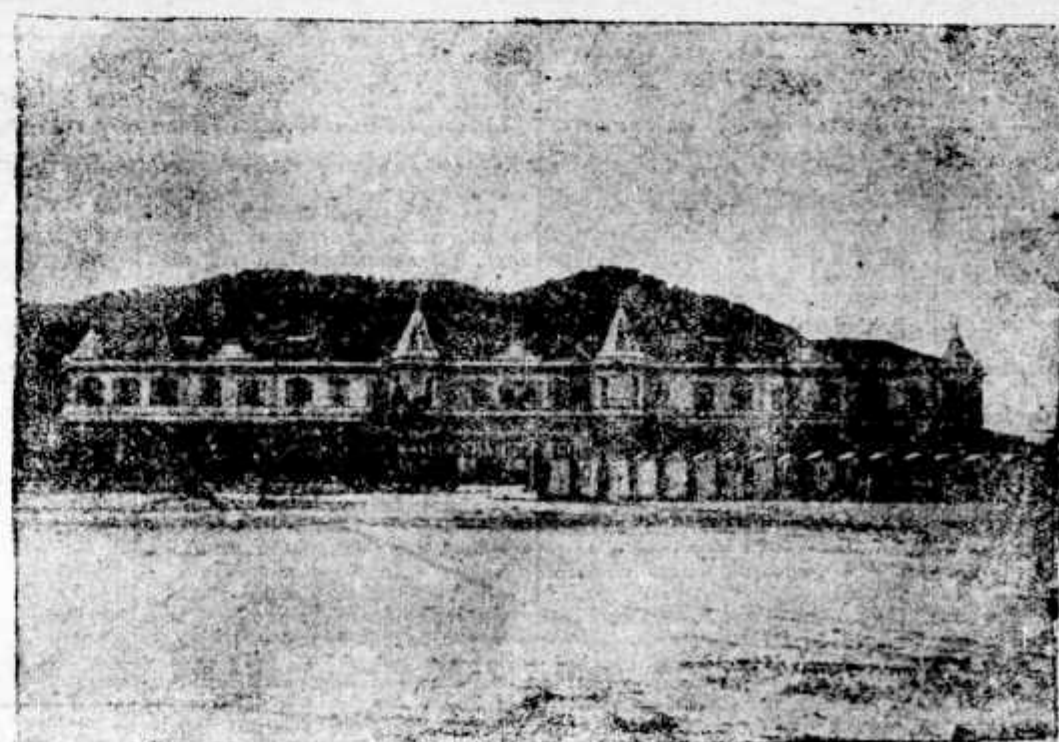
S. PAULO

GRANDE HOTEL INTERNACIONAL SANTOS

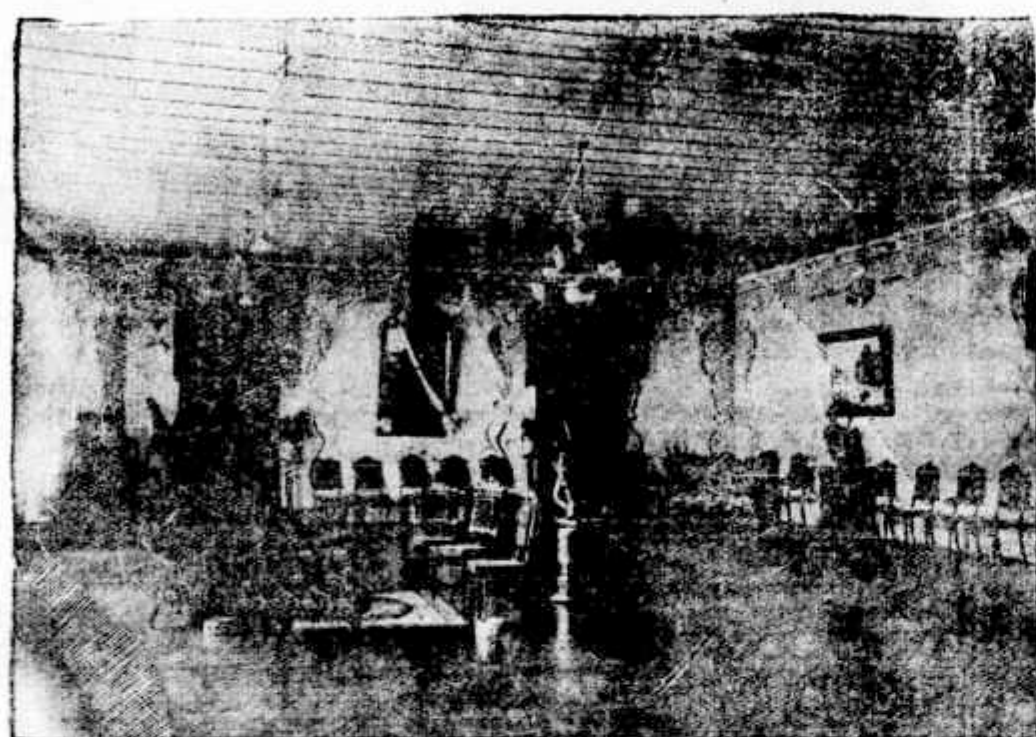
PRAIA JOSE MENINO



Terraço do hotel que olha para o mar



Frente do Hotel para o mar



Salão de bailes e concertos



Salão de refeições

E' este o primeiro estabelecimento de Santos, não só pela bellesa de sua situação, na mais bella das praias daquela cidade, como pelas commodidades que offerece ás familias e cavalheiros que ali vão veranejar. Junte-se a tudo isso, o facto especial, a delicadesa e cuidados de sua proprietaria

D. ELISA POLI

PO
VOVO

ECO

da o

beirã

jadas

◀◀◀◀

II

Dec
nho de
zidre pe
venho pr
bre os
Faça
de seu

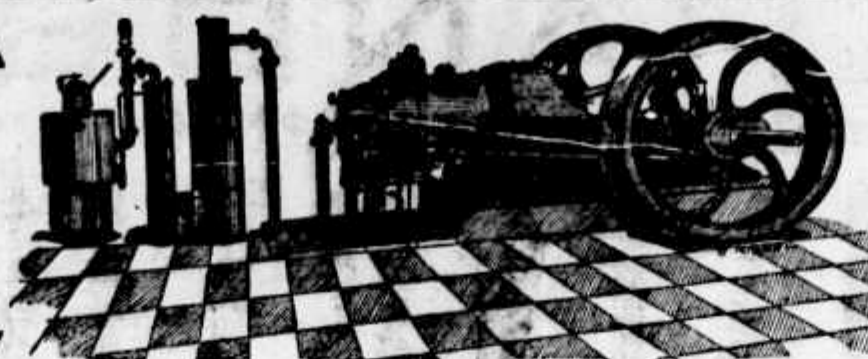
Praça

◀◀◀◀

◀◀◀◀

MOTORES A GAZ POBRE

POR ASPIRAÇÃO



POR ASPIRAÇÃO

Esses motores são hoje muito usados na Europa pelo facto de serem OS MAIS ECONOMICOS no gasto de combustivel e dispensarem foguistas.

A sua aquisição recommenda-se a todos que não tem lenha por preço commodo.

Publicamos abaixo os attestados dos primeiros motores que fornecemos, trabalhando os mesmos com GRANDE REGULARIDADE e ECONOMIA DE COMBUSTIVEL.

Rogamos aos interessados irem ver trabalhar os motores por nós fornecidos para Ribeirão Preto e para esta capital e estamos sempre promptos a dar todas as informações desejadas.

Os motores que fornecemos não tem rival quanto á extrema singeleza, economia e perfeição de trabalho.

FERNANDO ARENS & FILHO

Officinas: rua Martim Burchard, Braz.—Escritorio e exposição de machinas RUA DIREITA N. 29-A-S. PAULO

Ribeirão Preto, 29 de Julho de 1906.

Ilmo. srs. Fernando Arens & Filho.—S. Paulo.

Declaro a quem possa interessar, que acabo de installar em meu engenho de beneficiar arroz um dos novos motores a gaz de aspiração, introduzidos pela casa Fernando Arens & Filho; é com a maior satisfação que os venho por este meio recommendar, attestando a sua grande superioridade sobre os que já tive installados, vapores e electricos.

Faço particular menção da sua grande economia e simplicidade extrema de seu funcionamento.—De v. s., etc. (Assignado)

FRANCISCO MORGANTINI

Praça Quinze de Novembro n. 151—Ribeirão Preto.

São Paulo, 13 de Setembro de 1906.

Ilmo. srs. Fernando Arens & Filho.—Capital.

Amigos e senhores:—Tenho o prazer de declarar a vv. ss. que estou muito satisfeito com o motor a gaz pobre, que comprei de vv. ss.

Ha muitos dias que esse motor está trabalhando com toda a regularidade.

Sendo de 22 cavallos effectivos, não gasta mas de 4\$000 por dia, calculando-se o carvão anthracita que o mesmo consome.

Tomando-se em consideração essa grande economia e o facto de não occupar foguista, as vantagens são extraordinarias e eu não hesito em recommendar a todos que desejam ter força motora barata, a aquisição destes motores.

O motor que vv. ss. me forneceram é muito solido, singelo e nunca falha.

Podem vv. ss. fazer desta o uso que lhes convier e sem mais subcrevo-me com toda a estima.—De VV. SS., amg. obr.—(Assignado)

ANTONIO C. MELCHERT, CAFÉ GUILHERME

Rua do Seminario n. 26—SÃO PAULO.

AGUAS MINERAES DE

Lambary e Cambuquira

Incontestavelmente as melhores

CARBURETO DE CALCIUM BULLIER

Superior a qualquer outro

Cimento marca TOIRO

O de maior resistencia

Agentes e depositarios:

C. P. VIANNA & COMP.

11 e 13, RUA DO COMMERCIO, 11 e 13
S. PAULO

Peitoral Mimosa Serpiaria



UNICO NO SEU GENERO

Peitoral Mimosa Serpiaria

Peitoral Mimosa Serpiaria

porque o seu preparo attendeu á inconstancia das condições climatologicas da capital de S. Paulo. Não se parece com a **maravilha** que serve para tudo e a tudo cura. Não! Todas as molestias em que o seu effeito é immediato e efficaz têm a mesma origem, provêm da mesma causa. E nas que affectam o

APPARELHO RESPIRATORIO

a sua acção é rapida.

O melhor attestado de sua superioridade está no facto, aliás significativo de, em menos de dois mezes, ter a

DROGARIA MODERNA

unico deposito nesta capital, á rua de S. Bento, n. 14, vendido

5.000 VIDROS

no curto espaço de um mez.

Aconselhamos, pois, o seu uso:

a) na pneumonia aguda; b) na broncho-pneumonia; c) no sarampo; d) na bronchite asthmatica; e) na extermiação dos suores frios; f) nas hemophyses; g) na coqueluche; h) nas affecções das crianças no periodo da dentição; i) nas indisposições estomacaeas.

Recommendamolo com consciencia e segurança ás exmas. mães de familias, no interesse de suas filhas e filhos. Aos srs. medicos roga-se, no interesse de sua clinica, o uso do

PEITORAL SERPIARIA, do pharmaceutico

José Thomaz de Mello Senra

A' VENDA NA

DROGARIA MODERNA

A' Rua de São Bento n. 14

S. PAULO

Dr. J.

Inconsciente do sr. conquistador plausos do Estado. Estas sy sos não são engrossam mas estão de cuja vo tinos do E desventura e pretendi Não. O imposto á seus actos não obstant merecido a menos todo grande pat decidida vo e util o se dencial.

Desde qu sr. dr. Jor sempre e mem bem i do de polti é possível, vinculos e to prejudica tes.

S. exa. te que é mais tem sabido idéas e pla agido consor sar, com gr nidade, e nem desani meras diffic esbarrado e seguiu vence

Ha trez a presidencial mente as qu do actual pr a medida d homem publ ponsabilidade.

O primeir Sorocabana, liar, não ob ção que se l staculos que

E' essa un da de s. exa. to estudou es diu o seu al seus resultad gia se armou a guerra que

O futuro justificou o s mento; lueo mente pela r lucrou o Esta de um propr de incalculav turo o que, pensa abund cios feitos.

Outro de n nos seguro d cuado; s. exa triumphou.

Adquirida s. exa. fazer tes vias-ferrea na, nas quac ria aquella es

Ninguem e as vantag que começaria pesas da adm guida uniform muitas outras raves ao pub

Tues serian tagens que i que melhor se trez vias-ferre gleza; nem é que já correu sa e ganhou a

Felizmente das essas imp são dos princip progresso.

Admitta-se, fossem, como facil será conc o publico, com seriam prejudi Estado.

Para que o tratando-se de obices a super maior cópia, d exercer influen unificadas, qu direcção.

Infelizmente pensamento de porque desloca seu verdadeiro personalidades ções.

Contando ta s. exa. girou ção, manteve e foi até o fin da luta, e a p sito.

Qualquer ou